CARAMURU'

POEMA EPICO

DO

DESCOBRIMENTO DA BAHIA

4805-B

COMPOSTO POR

FR. JOSÉ DE SANTA RITA DURÃO

DA ORDEM DOS EREMITAS DE SANTO AGOSTINHO

NATURAL DE MINAS-GERAES

Primeira edição brasileira e com uma biographia feita pelo Visconde de Porto-Seguro

RIO DE JANEIRO

EDICTOR, MAMILIANO DA C. HONORATO

110 — RUA DE S. JOSÉ — 110

1878

Et quoniam Deus ora movet, sequar ora moventem.

Rite Deum.

Ovid. Metamorph. XV.

AVISO

SEGUNDA DIRECTORIA. — Ministerio dos Negocios do Imperio. Rio de Janeiro, 5 de Setembro de 1879.

Conformando-me com o parecer do Conselho Director, APPROVO, para ser adoptada nas escolas publicas de instrucção primaria, a edição, feita por Mamiliano da Costa Honorato, do poema *Caramurù*, de Frei José de Santa Rita Durão: o que declaro a V. S. para os fins convenientes e em solução ao seo officio de 28 do mez proximo passado.

Deos Guarde a V. S.

Francisco Maria Sodré Pereira.

Senhor Inspector Geral interino da instrucção primaria e secundaria do Municipio da côrte.

AO LEITOR

A presente publicação vem satisfazer a uma necessidade desde muito reconhecida em nossas aulas publicas.

Dentre as differentes obras classicas, que servem de texto não só nas ditas aulas, mas tambem nos exames a que se procede perante a inspectoria geral da instrucção primaria e secundaria do municipio da côrte, nenhuma pertence a autor nacional. Na prosa apparecem os monumentaes trabalhos de frei Luiz de Souza, do padre Manoel Bernardes, de Rodrigues Lobo e de outros egregios mestres do idioma portuguez; no verso, os *Luziadas*, de Luiz de Camões, parecem ter tirado por sua invariavel presença, toda a esperança a qualquer outro poeta, ainda aos da mais illustre nomeada, de concorrer com elle na gloriosa tarefa de instruir a mocidade e proporcionar-lhe largos momentos de prazer e admiração. As obras dos autores citados acham-se adoptadas pelo programma da inspectoria geral para as provas oraes e escriptas, assim na lingua portugueza, como nas versões das outras linguas, que são objecto dos exames preparatorios, a saber o latim, o francez e o inglez.

Posto que taes obras se devam considerar, porque realmente o são, das de primeiro porte da lingua portugueza, não parece isto razão para que ao seu lado se recuse logar a outras de autores brasileiros, que, hombreando com aquelles preclarissimos mestres, por nenhum modo os poderão deslustrar. Ao numero desses autores pertence frei José de Santa Rita Durão,

que em seu *Caramurú* offerece lição pura e sã de lingua vernacula além das bellezas de fórma, descripção e estylo que o bom gosto está exigindo tenham vasta circulação no commercio das nossas lettras.

Tendo por de primeira intuição estas razões, e parecendo-nos fóra de toda duvida que os nossos intuitos hão de encontrar da parte dos mestres e das autoridades litterarias da côrte a maior benevolencia, emprehendemos a presente edição do importante poema de Santa Rita Durão.

Para que apparecesse de todo digno do acolhimento publico, vai o poema precedido da biographia do autor, escripta pela autorisada penna do visconde do Porto Seguro, cujo desapparecimento do seio dos vivos, entre os quaes deixou os traços luminosos do mais nobre exemplo e do mais fecundo trabalho, acaba de cobrir de pesado luto as lettras nacionaes.

A dita biographia é extrahida, com a devida venia, da importante *Revista* do Instituto Historico, Geographico e Ethnographico Brasileiro.

O Edictor.

BIOGRAPHIA

BIOGRAPHIA (*)

DE

FR. JOSÉ DE SANTA RITA DURÃO

Se um dos modernos arraiaes da provincia do Minas foi o berço do poeta epico do Brasil, que primeiro se fez conhecido, em outro semelhante arraial tambem dos mesmos sertões havia já alguns annos antes visto a luz o cantor do Caramurú. Nem que a providencia quizesse logo presentear com dois genios essa porção de territorio de constituição talvez mais antiga (segundo os factos geologicos recentemente observados) do que todo o restante da terra visitada, territorio que já a mesma providencia dotára de tanto ouro —e que, livre de prognosticos, se póde bem asseverar ser o devido fóco para a concentração da nacionalidade e civilisação brasileira, que dahi radiaria melhor para toda parte, descendo com as aguas dos grandes rios que lá tem seu berço e cabeceiras, e depois crescem e

(*) Tirada do volume 8º da Revista Trimensal da Instituto Historico e Geographico Brasileiro de 1847 (2ª edição).

tomam corpo, e estendem possantes braços para direcções oppostas.

José Durão era nascido na Cata-Preta, arraial de Nossa Senhora de Nazareth do Infeccionado, quatro leguas ao norte da cidade episcopal de Marianna. Ignoramos porém a filiação, anno do nascimento e primeiros estudos do autor do Caramurú, e o seu nome e naturalidade conhecemos talvez só porque elle os publicou no seu livro. Tambem sabemos, por elle assim o declarar, que era religioso professo na ordem dos eremitas de Santo Agostinho, isto é, graciano; mas ignorames se essa profissão fez antes ou depois de 1756, anno em que se doutorou em theologia na universidade de Coimbra, segundo informação que a tal respeito obtivemos de um erudito lente da mesma universidade, o Sr. Dr. Nunes de Carvalho; mais é certo que se não tinha professado, como é muito natural, o fez logo, pois que em 1758, na Sé de Leiria pregou elle em acção de graças pelo restabelecimento do rei D.José,escapado da mysteriosa scena de 3 de Setembro, um sermão que lhe grangeou publica nomeada.

Tinha premeditado uma viagem á Italia, quando para a realisar se lhe proporcionou uma occasião, obrigada segundo se crê. Em 1762 appareceu em Leiria uma pastoral do bispo D. João da Cunha fulminando os jesuitas expulsos, e diz-se que o nosso poeta se esqueceu de que o bispo era irmão do seu provincial Fr. Carlos da Cunha, de modo que para não ser por este perseguido teve de sahir do reino. Quaes fossem os motivos para essa premeditada perseguição não sabemos ao certo. Diz-se que foi a indiscrição do talentoso theologo noviço de revelar e até jactar-se haver elle sido autor da pastoral assignada pelo prelado.

Duvidamos que essa fosse a causa, já porque não reputamos no caracter do nosso epico essa deshonrosa revelação, arro-

gando-se uma obra de que não careceria para sua reputação, já porque dos seus versos (C. X. est. 53 e seg.) colligimos que elle nutria a respeito dos jesuitas sentimentos oppostos aos do seu contemporaneo autor do Uruguay. E' mais provavel achamos que elle criticasse e não compôzesse uma pastoral contra jesuitas, e que essa critica lhe trouxesse receios de perseguição dos agentes do marquez de Pombal. O certo é que passando-se á Hespanha com intentos de seguir para Italia, foi preso por espia ao atravessar aquelle reino, que acabava de declarar a Portugal essa guerra, que terminou logo depois com o pacto de familia, assignado em Paris em principios do anno seguinte.

Apenas o soltaram seguiu para o seu destino de ir visitar a Italia; no que podemos acreditar quanto interesse devia pôr tanto elle como o seu patricio José Basilio, ambos tão seguidores de Virgilio, e tão lidos ambos na litteratura de

.... il bel paese
Ch' Apennin parte, il mar circonda a l'Alpe.

definição da Italia deixada por Petrarcha, que serve de epigraphe á Corina, e que o nosso poeta José Basilio adopta (cant. 3.º pag. 45).

Em 1772 reformou-se a universidade de Coimbra e foi nomeado reitor D. Francisco de Lemos, seu contemporaneo, compatricio, e amigo pelo modo como d'elle se lembra o poeta (C. X. est. 79).—E ou esta nomeação, ou alguma outra circumstancia que fez a Durão desviar os seus receios, o trouxe de novo a Portugal, e veio propôr-se a um concurso de oppositor em theologia. Em 1778 devia ter sido, recentemente admittido na mesma universidade, pois foi no mencionado anno quem recitou a oração de sapiencia na abertura, o que de ordinario toca aos oppositores mais modernos. D'esse interessante discurso impresso no mesmo anno, in-4. com o titulo — *Josephi*

Duram Theologi Conimbricensis O. E. S. A. pro annua studiorum instauratione oratio—se confirmam as suas viagens á Italia. Se bem que ás vezes empolado e com uma ou outra hyperbole, passa por uma das mais eloquentes peças em latim, que se tem proferido em tal acto de ostentação solemne. Por vezes é sublime; algumas emprega tal concisão, que em poucas palavras encerra muita belleza e philosophia. Tal é a pintura que faz dos melhores reis portuguezes, que longe de se conservarem sempre na sua côrte, visitavam de continuo as terras interiores do seu reino, como um bom pai de familias que vai ver seus filhos já homens, d'elle apartados para crear e felicitar novas familias. « *Hæc indoles, hæc facies, hæc primeva gentis nostræ lex erat* » diz depois o orador-poeta.—Toca nas sciencias com variada lição e de não vulgar conceito, e em referencia aos antigos descobrimentos portuguezes diz que pelos esforços do principe navegador nasciam no seu tempo « ilhas com o nascer dos dias. »

Foi provavelmente só depois d'este anno que Durão começou o poema Caramurú, impresso em 1781—e que consta por tradição ter sido concluido em muito pouco. José Agostinho de Macedo, que então o conheceu e foi até seu confrade, testemunhou a muita facilidade com que Durão compunha, de ordinario descansando em um sitial de pedra junto á ribeira de Cozelhas, que passava na cerca do seu convento, a que pertencia esse ameno valle que ainda não ha muito fomos de novo visitar. Ahi era visto muita vez dictando com a maior facilidade ao amanuense, certo pardo liberto que elle trouxéra comsigo do Brasil, e a quem no accento patrio, que nunca perdeu, chamava *Berdardo*. Veio assim o Caramurú a apparecer doze annos depois do Uruguay, e póde bem crer-se que este ultimo concorreria a lembrar a composição d'aquelle, ao menos na mistura e tempera das côres. Nenhnma referencia faz

porém a isso Durão. Depois da epigraphe tirada de Ovidio (Metam. XV).

« Et quoniam Deus ora movet, sequar ora moventem.
Rite Deum. »

diz apenas « Os successos do Brasil não mereciam menos um poema que os da India. Incitou-me a escrever este o amor da patria. Sei que a minha profissão exigiria de mim outros estudos; mas estes não são indignos de um religioso, porque o não foram de bispos e bispos santos; e o que mais é, de santos padres, como S. Gregorio Nazianzeno, S. Paulino e outros. »

Se bem que foi o livreiro Du-Beux quem tratou d'essa primeira edição com a imprensa, segundo consta da escripturação d'esta casa, cremos que durante ella se achava o poeta já em Lisboa, por quanto n'esta falleceu elle pouco depois no hospicio do *Collegínho*, pertencente á Graça, na rua dos Cavalleiros. Na igreja do memo hospicio foi enterrado, proximo dos degráos que da capella mór vão para o claustro, segundo o testemunho do honrado P. M. Fr. João de Saavedra, hoje com 77 annos de idade, e que era noviço quando no inverno de 1783 a 1784, segundo a lembrança, veio o mestre dos noviços pedir um P. N. e uma A. M. pela alma do padre mestre Fr. José de Santa Rita, que acaba de fallecer. Por informação de outro religioso da mesma ordem, o Rev. P. M. Fr. José de Lima, que vive em Coimbra com oitenta e tantos annos, consta que em mãos de seus confrades existiam copias de muitos sonetos, versos lyricos e até jocosos do mesmo Durão, que este não consentira que fossem impressos, e que naturalmente se perderam com a suppressão dos conventos.

A maior prova do genio do autor do Caramurú a dá elle quanto a nós na maneira, como soube levantar e tornar epica e heroica uma acção e um individuo, que o não eram. A dicção

do poema é sempre elegante e clara, a metrificação facil e natural; e em todos os elementos necessarios ao poeta se mostra Durão merecedor de tratar dos mais snblimes assumptos. Todavia o *amor da patria,* como elle mesmo diz, incitava-o a escrever um poema em que tratasse dos *successos do Brasil;* e percorrendo a historia não achou elle assumpto mais digno para a sua *Braciliada* do que o de « um heróe na adversa sorte. » O facto maravilhoso do Caramurú ainda então não corria averiguado, e houve mesmo quem ultimamente combatesse o ter acontecido, o que só depois de muito trabalho conseguimos provar n'uma dissertação, intitulada « O *Caramurú perante a historia*», de que daremos abaixo um excerpto. Em algumas circumstancias da fabula se verá o poema, apezar de guiado seu autor por Vasconcellos, Brito Freire e Pitta, arredado do quo averiguamos; mas todas essas differenças podemos nós hoje tomar como liberdades poeticas, sem attendermos ás intenções do autor. Já não assim nos episodios em que o mesmo poeta se converte ás vezes como o grande Camões em um historiador em verso, d'ordinario minucioso em demasia, embora nos dê elle tudo amenisado « com a viveza que tinha de imaginação » para nos servimos das expressões com que o conceitua o Sr. Castilho, « com a alma affectuosa que o animava, com o seu estylo facil e ao mesmo tempo nobre, e com a sua versificação commummente boa e ás vezes muito boa... »

Em nossa opinião o acolhimento publico, a popularidade, ainda não fez justiça ao merito do *Caramurú*. E oxalá tenham sida d'isso origem só as causas que hoje procuramos remover. Todavia ainda assim tão pouco tem havido a seu respeito indifferença de bons juizos, que faça desconfiar o vir para o futuro a ser tão popular como merece. José Agostinho apreciava-o tanto que chegou a ser accusado pelo seu antagonista Pato

Moniz de o ter a lugares imitado ; — Bocage, segnndo o testemunho de nosso amigo e consocio o Sr. Dr. Francisco Freire de Carvalho, ainda pouco antes de fallecer contava o *Caramurú* como um dos livros mais queridos da sua minguada livraria ;— o Sr. Vicente Pedro Nolasco da Cunha, autor de tantas obras em verso, a nós mesmos nol-o recommendou como o primeiro epico portuguez abaixo de Camões.

E passando a invocar autoridades dos que vivem ; o Sr. Eugene Garay de Monglave traduziu-o em francez ; o Sr. Ferdinand Denis é de opinião que indicando elle já então bem a tendencia da poesia americana, é uma « epopéa nacional brasileira que interessa e enleva ; » o Sr. Garrett escreve que « onde o poeta se contentou com a simples expressão da verdade ha oitavas bellissimas, ainda sublimes. »

E pois que o nosso fraco juizo se não póde proferir ao pé dos de tantas summidades litterarias, ousamos invocar a memoria do mais fino critico em litteratura dos tempos modernos, de Schlegel, e pelos laços de nacionalidade que unem os nossos nomes, quizeramos intercalar entre as suas linhas as que ousamos formular segundo os seus principios. Por ventura Schlegel, que recommenda as estancias de Tasso pelo sentimento cavalheiroso de honra, de que estão repassadas ; e as de Camões pela inspiração ardente do heroismo nacional, não estremaria as de Durão pela uncção edificante e pintura do amor casto ? Não imaginamos creatura mais religiosa do que Diogo Alvares, nem mais castidade do que a de sua esposa, virtuosa Eva de Milton, terna como a Herminia de Tasso. E serão sempre lidas com prazer as pinturas do naufragio, do homem civilisado a par do selvagem, do moribundo, da anthropophagia, dos dez mandamentos, e os preparativos para um sacrificio do canto 1.º ; a descripção de uma aldêa de indigenas no canto 2.º (est. 58 a 68) ; a existencia de Deus no canto 3.º ;

além das mui conhecidas passagens do episodio de Moema, e as das descripções da canna d'assucar, do tabaco, da mandioca, da sensitiva, do ananaz, do coco, da preguiça, do cameleão, etc.

F. A. de Varnhagem.

O CARAMURU'

CARAMURU'

POEMA EPICO

CANTO I

I

De um varão em mil casos agitado,
Que as praias discorrendo do occidente
Descubrio o reconcavo afamado
Da capital brazilica potente;
Do filho do trovão denominado,
Que o peito domar soube á féra gente:
O valor cantarei na adversa sorte,
Pois só conheço heróe quem nella é forte.

II

Santo Esplendor, que do Grão Padre manas
Ao seio intacto de uma Virgem bella,
Se da enchente de luzes soberanas
Tudo dispensas pela Mãi donzella;
Rompendo as sombras de illusões humanas,
Tudo do grão caso a pura luz revéla:
Faze que em ti comece e em ti conclua
Esta grande obra, que por fim foi tua.

III

E vós, principe excelso, do céo dado
Para base immortal do luso throno ;
Vós, que do aureo Brazil no principado
Da real successão sois alto abono :
Emquanto o imperio tendes descançado
Sobre o seio da paz com doce somno,
Não queirais dedignar-vos no meu metro
De pôr os olhos e admittil-o ao scetro.

IV

Nelle vereis nações desconhecidas,
Que em meio dos sertões a fé não doma
E que puderam ser-vos convertidas
Maior imperio, que houve em Grecia ou Roma ;
Gentes vereis e terras escondidas,
Onde se um raio da verdade assoma,
Amansando-as, tereis na turba immensa
Outro reino maior que a Europa extensa.

V

Devora-se a infeliz misera gente ;
E sempre reduzida a menos terra,
Virá toda a extinguir-se infelizmente,
Sendo em campo menor maior a guerra :
Olhai, senhor, com reflexão clemente
Para tantos mortaes, que a brenha encerra ;
E que livrando desse abysmo fundo,
Vireis a ser monarcha de outro mundo.

VI

Principe, do Brazil futuro dono,
A' mãi da patria, que administra o mando,
Ponde, excelso senhor, aos pés do throno
As desgraças do povo miserando:
Para tanta esperança é o justo abono
Vosso titulo, e nome, que invocando,
Chamará, como a outro o egypcio povo,
D. José salvador de um mundo novo.

VII.

Nem podereis temer, que ao santo intento
Não se nutram heróes no luso povo,
Que o antigo Portugal vos apresento
No Brazil renascido, como em novo.
Vereis do domador do indico assento
Nas guerras do Brazil alto renovo,
E que os seguem nas bellicas idéas
Os Vieiras, Barretos e os Corrêas.

VIII

Dai por tanto, senhor, potente impulso,
Com que possa entoar sonoro o metro
Da brazilica gente o invicto pulso,
Que augmenta tanto imperio ao vosso scetro:
E em quanto o povo do Brazil convulso (1)
Em nova lyra canto, em novo pletro,
Fazei que fidelissimo se veja
O vosso throno em propagar-se a igreja.

IX

Da nova Lusitania o vasto espaço
Ia a povoar Diogo, a quem bisonho
Chama o Brazil, temendo o forte braço,
Horrivel filho do trovão medonho;
Quando do abysmo por cortar-lhe o passo
Essa furia sahio, como supponho,
A quem do inferno o paganismo alumno
Dando o imperio das aguas, fez Neptuno.

X

O grão tridente, com que o mar commove,
Cravou dos Orgãos na montanha horrenda (2)
E na escura caverna, adonde Jove
(Outro espirito) espalha a luz tremenda,
Relampagos mil faz, coriscos chove;
Bate-se o vento em horrida contenda,
Arde o céo, zune o ar, treme a montanha
E ergue-lhe o mar em frente outra tamanha.

XI

O filho do trovão, que em baixel ia
Por passadas tormentas ruinoso,
Vê que do grosso mar na travessia
Se sorve o lenho pelo pégo undoso.
Bem que constante, a morte não temia;
Invoca no perigo o Céo piedoso
Ao ver que a furia horrivel da procella
Rompe a náo, quebra o leme e arranca a véla.

XII

Lança-se ao fundo o ignivomo instrumento,
Todo o peso se alija ; o passageiro,
Para nadar no tumido elemento,
A taboa abraça, que encontrou primeiro :
Quem se arroja no mar temendo o vento,
Qual se fia a um batel, quem a um madeiro,
Até que sobre a penha, que a embaraça,
A quilha bate e a náo se despedaça.

XIII

Sete sómente do batel perdido
Vem á praia cruel, luctando a nado ;
Offerece lhes soccorro fementido
Barbara multidão, que acode ao brado ;
E ao ver na praia o bemfeitor fingido,
Rende-lhe as mãos o naufrago enganado
Tristes ! que a ver algum qual fim o espera
Com quanta sede a morte não bebêra !

XIV

Já estava em terra o infausto naufragante,
Rodeado da turba americana ;
Vem-se com pasmo ao pôrem-se diante,
E uns aos outros não crêm da especie humana :
Os cabellos, a côr, barba e semblante
Faziam crer aquella gente insana
Que alguma especie de animal seria
Desses, que no seu seio o mar trazia.

XV

Algum chegando aos miseros, que á arêa
O mar arroja extinctos, nota o vulto ;
Ora o tenta despir e ora receia
Não seja astucia, com que o assalte occulto.
Outros do jacaré tomando a idéa (3)
Temem que acorde com violento insulto
Ou que o somno fingindo os arrebate
E entre as prezas crueis no fundo os mate.

XVI

Mas vendo a Sancho, um naufrago que espira
Rota a cabeça n'uma penha aguda,
Qua ia tremulo a erguer-se e que cahira,
Que com voz lastimosa implora ajuda :
E vendo os olhos, que elle em branco vira,
Cadaverica a face, a boca muda,
Pela experiencia da commua sorte
Reconhecem tambem que aquillo é morte.

XVII

Correm depois de crêl-o ao pasto horrendo
E retalhando o corpo em mil pedaços
Vai cada um famelico trazendo,
Qual um pé, qual a mão, qual outro os braços,
Outro na crúa carne iam comendo
Tanto na infame gula eram devassos ;
Taes ha, que as assam nos ardentes fossos,
Alguns torrando estão na chamma os ossos.

XVIII

Que horror da humanidade! vêr tragada
Da propria especie a carne já corrupta!
Quanto não deve a Europa abençoada
A' fé do Redemptor, que humilde escuta?
Não era aquella infamia praticada
Só dessa gente miseranda e bruta:
Roma, e Carthago o sabe no nocturno
Horrivel sacrificio de Saturno. (4)

XIX

Os sete em tanto, que do mar com vida
Chegaram a tocar na infame arêa,
Pasmam de ver na turba recrescida
A brutal catadura, horrida e fêa:
A côr vermelha em si mostram tingida
De outra côr differente, que os afeia;
Pedras e páos de embiras enfiados, (5)
Que na face e nariz trazem furados.

XX

Na boca em carne humana ensanguentada
Anda o beiço inferior todo cahido
Porque a tem toda em roda esburacada,
E o labro de vís pedras embutido;
Os dentes (que é belleza que lhe agrada)
Um sobre outro desponta recrescido;
Nem se lhe vê nascer na barba o pello,
Chata a cara e nariz, rijo o cabello.

XXI

Vè-se no sexo recatado o pejo,
Sem mais que antiga gala que Eva usava
Quando por pena de um voraz desejo
Da feia desnudez se envergonhava;
Vão sem pudor com barbaro despejo
Os homens, como Adão sem culpa andava;
Mas vê-se, alma Natura, o que lhe ordenas,
Porque no sacrificio usam de pennas.

XXII

Qual das bellas araras traz vistosas
Louras, brancas, purpureas, verdes plumas,
Outros põem, como tunicas lustrosas,
Um verniz de balsamicas escumas:
Nem temem nelle as chuvas procellosas
Nem o frio rigor de asperas brumas;
Nem se receiam do mordaz besouro,
Qual anta ou qual tatú dentro em seu couro. (6)

XXIII

Por armas fréchas, arcos, pedras, béstas,
A espada do páo ferro; e por escudo
As redes de algodão nada molestas,
Onde a ponta se embace ao dardo agudo:
Por capacete nas guerreiras testas
Cintos de pennas com galhardo estudo;
Mas o vulgo no bellico ameaço
Não tem mais que unha ou dente, ou punho ou braço.

XXIV

Desta arte armada a multidão confusa
Investe o naufragante enfraquecido,
Que ao vêr-se despojar, nada recusa,
Porque se enxugue o madido vestido,
Tanto mais pelo mimo, que se lhe usa,
Quando a barbara gente o vê rendido:
Trouxeram-lhe a batata, o côco, o inhame; (7)
Mas o que crêem piedade é gula infame.

XXV

Cevavam desta fórma os desditosos
Das fadigas maritimas desfeitos,
Por pingues ter os pastos horrorosos,
Sendo nas carnes miseras refeitos.
Feras! mas feras não, que mais monstruosos
São da nossa alma os barbaros effeitos,
E em corrupta razão mais furor cabe,
Que tanto um bruto imaginar não sabe.

XXVI

Não mui longe do mar na penha dura
A boca está de um antro mal aberta,
Que horrivel dentro pela sombra escura
Toda é fóra de ramas encuberta.
Alli com guarda á vista se clausura
A infeliz companhia, estando alerta;
E por ceval-os mais, dão-lhe o recreio
De ir pela praia em placido passeio.

XXVII

Diogo então que á gente miseranda
Por ser de nobre sangue precedia,
Vendo que nada entende a turba infanda,
Nem do ferreo mosquete usar sabia ;
Da rota náo, que se descobre á banda,
Polvora e bala em cópia recolhia;
E como enfermo, que no passo tarda,
Servio-se por bastão de uma espingarda.

XXVIII

Forte sim, mas de tempera delicada,
Aguda febre traz desde a tormenta;
Pallido o rosto, e a côr toda mudada,
A carne sobre os ossos macilenta:
Mas foi-lhe aquella doença affortunada,
Porque a gente cruel guardal-o intenta,
Até que sendo a si restituido,
Como os mais vão comer seja comido.

XXIX

Barbaria foi (se crê) da antiga idade
A propria prole devorar nascida.
Desde que essa cruel voracidade
Fôra ao velho Saturno attribuida,
Fingimento por fim, mas é em verdade
Invenção do diabolico homicida,
Que uns cá se matam, e outros lá se comem:
Tanto aborrece aquella furia ao homem.

XXX

Mas já tres vezes tinha a lua enchido
Do vasto globo o luminoso aspecto,
Quando o chefe dos barbaros temido
Fulmina contra os seis o atroz decreto:
Ordena que no altar seja offerecido
O brutal sacrificio em sangue infecto, (8)
Sendo a cabeça ás victimas quebrada
E a gula infanda de os comer saciada.

XXXI

Em tanto que se ordena a brutal festa,
Nada sabiam na marinha gruta
Os habitantes da prisão funesta,
Que ardilosa lh'o esconde a gente bruta;
E em quanto a feral pompa já se apresta,
Toda a pena em favor se lhe commuta.
Nem parecem ter dado a menor ordem,
Senão que comam e comendo engordem.

XXXII

Mimosas carnes mandam, doces frutas,
O araçá, o cajú, côco e mangaba;
Do bom maracujá lhe enchem as grutas
Sobre rimas e ribas de goiaba;
Vasilhas põem de vinho nunca enxutas,
E a immunda catimpoeira, que da baba (9)
Fazer costuma a barbara patrulha,
Que só de ouvil-o o estomago se embrulha.

XXXIII

Um dia pois que á sombra desejada
Se repousam, passando a calma ardente,
Por dar allivio á dôr reconcentrada
De vêr-se escravos de tão féra gente;
Fernando, um delles, diz, que aos mais agrada
Por cantigas, que entôa docemente,
Que em cithara, que o mar na terra lança,
Se divirtam da funebre lembrança.

XXXIV

Mancebo era Fernando mui polido,
Douto em letras e em prendas celebrado,
Que nas ilhas do Atlantico nascido,
Tinha muito co' as musas conversado;
Tinha elle os rumos do Brazil seguido
Por ver o monumento celebrado
De uma estatua famosa, que n'um pico (10)
Aponta do Brazil ao paiz rico.

XXXV

Pedira-lhe Luiz, que isto escutára,
De profetica estatua o conto inteiro,
Se foi verdade, se invenção foi clara
De gente rude ou povo noveleiro.
Fernando então, que em metro já cantára
O successo, que attesta verdadéiro,
Toma nas mãos a cithara suave
E entoando, começa em canto grave.

XXXVI

Occulto o tempo foi, incerta a éra,
Em que o grão caso contam succedido;
Mas em parte é sem duvida sincera
A bella historia, que a escutar convido.
Feliz foi o ditoso, e feliz era
Quem tanto foi do céo favorecido,
Pois em meio ao corrupto gentilismo
Merecer soube a Deus o seu baptismo.

XXXVII

Incerto pelas brenhas caminhava
Um varão santo, que perdêra a via,
Quando pelos cabellos o elevava
O anjo adonde o sol já se escondia;
E um selvagem lhe mostra, que se achava, (11)
Quasi luctando em ultima agonia:
Ouve (lhe diz) o justo agonisante,
E uma estrada de luz tomou brilhante.

XXXVIII

Auréo (que assim se chama o sacro enviado)
Encostando-se ao velho titubiante,
Por ignorar-lhe o idioma não fallado
No seu diz de que o enfermo era ignorante;
E ouve-se responder (caso admirado!)
N'uma lingua de todo estravagante,
Que sendo em tudo extraordinaria e bruta
Faz-se entender, e entende-o no que escuta.

XXXIX

Do grande Creador por mensageiro
A benção (diz) te offereço, homem ditoso ;
Neste mundo ignorado em o primeiro
Quer que o seu nome escutes glorioso ;
Do Eterno pai, de um filho Verdadeiro,
Do Espirito tambem, laço amoroso,
Quer que o mysterio saibas da verdade :
São tres pessoas n'uma só Unidade.

XL

Um só Senhor, que todo o ser governa,
Que só com dizer *seja* o fez de nada,
Que á natureza desde a idade eterna
Certa época fixou de ser creada ;
Que abrindo liberal a mão paterna
Toda a cousa abençôa, que é animada ;
Que sua imagem nos fez ; e sem segundo,
Quer que o homem reine sobre o vasto mundo ;

XLI

Que havendo em mil delicias collocado
Nossos primeiros pais n'um paraiso,
Por homenagem desse imperio dado,
Privou de um pomo com severo aviso ;
Que vendo o seu respeito profanado
E igual satisfação sendo preciso,
No duro lenho a pôz, no ferreo cravo
E deu o filho por salvar o escravo.

XLII

Este do seio pois de Virgem pura,
Invocada no nome de Maria,
Redemptor, mestre, e luz da creatura,
Nasceu, prégou, morreu na cruz impia;
Rompeu do abysmo a immovel fechadura;
Depois resurge no terceiro dia;
E ao céo subindo emfim, donde commanda,
Aos fins da terra os mensageiros manda.

XLIII

Um destes venho a ti : lavar-te intento,
Se queres aceitar meu cathecismo;
E servindo de porta o sacramento,
Incorporar-te ao santo christianismo.
Purga o teu coração, teu pensamento,
Por chegar puro ás aguas do baptismo,
Onde se entras com dôr do mal primeiro
De Jesus Christo morrerás coherdeiro.

XLIV

Aos primeiros accentos, que escutára,
Guaçú (que este é seu nome) a frente empena;
Attenta ao que ouve a orelha e fixa a cara,
Senão que co'a cabeça a tudo acena;
Dos olhos mal se serve, que cegára,
Bem que a vista pareça ter serena;
As mãos de quando em quando estende, e toca,
E pende attento da sagrada boca.

XLV

Bom ministro (responde) do Piedoso
Excelso grão Tupá, que o céo modera, (12)
Não me vens novo, não, que tive o gosto
De ouvir-te em sonho já ; quem ver pudera !
Se a imagem tens, que o somno fabuloso
Ha muito, que de ti na mente gera !
Serás, disse, (e na barba o vai tocando)
Homem com barbas, branco e venerando.

XLVI

Louvoures a Tupá, que emfim chegaste ;
Que o caminho me ensinas, donde elejo
Buscar logo o grão Deus, que me annunciaste,
Que desde a infancia com ardor desejo.
Nunca soube, assim é, quanto contaste ;
Mas não sei, como o que ouço e quasi vejo
Sentia, como em sombra mal formada ;
Não que o cresse ainda assim, mas por toada.

XLVII

Vendo desse universo a mole immensa,
Sem ser de ainda maior entendimento
Fabricada a não cri : que elle o dispensa,
Tem, rege e guarda, infere o pensamento.
Que repugna á creatura estar suspensa,
Sem ultimo fim ter, notava attento :
E este ente, que me fez um Deus segundo,
He o grão Tupá, fabricador do mundo.

XLVIII

Vi as chagas da propria natureza,
A ignorancia, a malicia, a variedade,
E bem reconheci, que esta torpesa
Nascer não pode da eternal bondade.
Onde, sem o saber, cri, que era acceza
Neste incendio commum da humanidade
Antiga chamma, donde o mal nos veio :
Crer que taes nos fez Deus eu tal não creio.

XLIX

Tambem vi que o grão Deus, que o mundo cria,
Deixar nunca quizera em tanto estrago
A humana natureza; e que a mão pia
De taes miserias ao profundo lago
Havia de estender : como o faria?
Suspenso fiquei sempre incerto e vago ;
Mas nunca duvidei que alguem se visse,
Que de tantas miserias nos remisse.

L

E como era a maior que experimentava,
O ver que livremente o mal seguia;
Que a suprema Bondade se aggravava,
Donde um homem de bem se aggravaria;
Vendo que a affronta, que esta acção causava,
Só se houvera outro Deus, se pagaria;
E impossivel mais de um reconhecendo . . .
Daqui não passo e cégo me suspendo. (13)

LI

Agora sim, que entendo a gran verdade,
Que um só Deus se fez homem sem defeito;
E sendo tres pessoas na Unidade,
Do Filho ao Pai podia haver respeito.
A pessoa segunda da Trindade,
Novo homem, como nós, de terra feito,
A paz do homem com Deos fundar procura,
Redemptor pio da mortal creatura.

LII

Este creio, este adoro, este confesso;
E esta santa mensagem venerando
Por meu Deus e Senhor firme o conheço,
A quem da terra, e céo pertence o mando.
Deste o baptismo santo hoje te peço,
Onde na porta celestial entrando,
Suba o espirito á gloria que deseja
E com estes meus olhos ainda o veja.

LIII

Disse o ditoso velho; e acompanhando
Com devoto suspiro a voz que exprime,
Bem mostra que no peito o está tocando
A occulta unção do Espirito sublime.
As mãos ao céo levanta lagrimando ;
E tanto ardor na face se lhe imprime,
Que acompanhar parece o humilde rogo
Um diluvio de agua, outro de fogo.

LIV

Então o bom ministro: é justo, amigo,
Que chores (lhe dizia) o teu peccado,
Por não amar a Deos ; ser-lhe inimigo,
Se o blasfemaste; de o não ter honrado ;
De não servir teus pais ; de um odio antigo ;
E se não foste honesto ou tens roubado ;
Se em mulher, bens ou fama em caso feio
Fizeste damno ou cubiçaste o alheio.

LV

Esta a lei santa é, que em nós impressa
Ninguem offende, que mereça escusa ;
Onde no que faltaste a Deos confessa,
Que tanto deve quem peccando abusa.
Quer-se a satisfação com a promesa
De melhor vida, no que a lei te accusa :
Pois quem quer que peccou, que assim não faça,
Recebe o sacramento, mas não graça.

LVI

Eu, disse o americano, antes de tudo
Amei do coração quem ser me déra :
Seu nome ignoro, mas honral-o estudo,
E com fé o adorei sempre sincera ;
Em certos dias recolhido, e mudo
Cuidava em venerar quem tudo impera,
Matar não quiz, nem morto algum comia,
Pois que a mim m'o fizessem não queria.

LVII

Mulher tive, mas huma, persuadido
Que com uma se póde ; acção impura
Metteu-me sempre horror ; tendo entendido,
Que só no matrimonio era segura :
Qualquer outro prazer fôra prohibido,
Porque se entanto abuso se conjura ;
Quem seguindo esse instincto do demonio,
Se pudera lembrar do matrimonio ?

LVIII

Nunca roubei, temendo ser roubado ;
Por conservar a fama, honrei a alheia ;
Não me lembra de ter calumniado,
Nem de outrem disse mal, que é cousa feia ;
E quem houvesse de outros murmurado,
Que outro tanto lhe façam certo creia ;
Não tive inveja do que alguem consiga,
Por ver que quem a tem, seu mal castiga.

LIX

Em fim, corri meus annos desde a infancia
Sem offender (que eu saiba) esta lei justa,
Sem ter a cousa boa repugnancia,
Tudo mercê da mão de Deus augusta.
Nos meus males sómente a tolerancia
M'os fazia passar a menor custo :
Esta a minha ancia foi, este o meu zelo,
Saber quem era Deus, tratal-o e vêl-o.

LX

Dizendo o velho assim, tanto se accende,
Como se n'alma se lhe ateára um fogo.
Reclina a humilde fronte e a voz suspende;
E cahindo em deliquio neste affogo,
Corre o ministro, que ao successo attende,
E buscando agua, que o baptise logo;
Apenas Felix diz, eu te baptiso,
Partio feliz d'um vôo ao paraiso.

LXI

Cuidava em sepultal-o Auréo saudoso;
Porém de espessa nevoa, que o ar condensa,
Ouve um côro entoando harmonioso
Louvor eterno á Magestade immensa:
E na athmosphera alli do ar nebuloso,
Luz arraiando, que a allumia intensa;
Vio Felix, que na gloria, que o vestia,
A graça baptismal lhe agradecia.

LXII

Que te conceda Deus, ministro justo,
(Diz-lhe a alma venturosa) o premio eterno;
Pois vens do antigo mundo a tanto custo
A libertar-me do poder do inferno.
Dos céus em tanto o Dominante augusto,
Que tornes manda ao ninho teu paterno;
E sobre a nevoa em nuvem levantada
Vás navegando pela aerea estrada.

LXIII

E quer na nuvem propria, que te indico
Que esse cadaver meu vá transportado
E na Ilha do Corvo, de alto pico
O vejam n'uma ponta collocado ;
Onde accene paiz do metal rico,
Que o ambicioso europeu vendo indicado
Dará lugar, que ouvida nelle seja
A doutrina do céu e a voz da igreja.

LXIV

Disse ; e cessando a voz e a visão bella,
Vio da nuvem Auréo, que o rodeava,
Transformar-se a bella alma em clara estrella
E vio que a nuvem sobre o mar voava ;
O cadaver tambem sublime nella,
Ao cume do grão pico já chegava ;
Onde a nevoa, que no alto se sublima,
Depõe como uma estatua o corpo em sima.

LXV

Alli batido do nevado vento,
De sol, de gelo e chuva penetrado,
Effeito natural, e não portento
E' vel-o, qual se vê, petrificado.
Um arco tem por bellico instrumento, (14)
De pluma um cinto sobre a frente ornado,
Outro onde era decente, em côr vermelho,
Sem pello a barba tem, no aspecto é velho.

LXVI

Voltado estava ás partes do occidente,
Donde o aureo Brazil mostrava a dedo
Como ensinando á lusitana gente,
Que alli devia navegar bem cedo:
Destino foi do Céu omnipotente,
Afim que sem receio, ou torpe medo
A' piedosa empreza o povo corra,
E que quem morrer nella, alegre morra.

LXVII

Calou então Fernando, mas não cala
Na cithara dourada outra harmonia,
Onde parece a mão, que tambem falla,
E que quanto a voz disse, repetia ;
Sahira em tanto um barbaro a escutal-a,
Que encantado da doce melodia,
Toma nas mãos o musico instrumento,
Toca-o sem arte e salta de contento.

LXVIII

Não póde ver dos nossos o congresso
Tanta rudeza sem tentar-se a riso,
Que por mais que um pezar se tenha impresso,
Não dá lugar a prevenção ao siso ;
E sendo inopinado algum successo,
Onde é nos homens quasi o rir preciso,
Tal pessoa ha que chora apaixonada
E passa do gemido a uma risada.

LXIX

Diogo então que dentro em si media
Da cruel gente a condição damnosa,
Não socega de noite nem de dia,
Antevendo a desgraça lastimosa:
E vendo rir os mais com alegria,
Pela acção do salvagem graciosa,
Estranhou-lhe o prazer mal concebido,
Arrancando do peito este gemido :

LXX

Oh triste condição de humana vida!
Que tanto em breve do seu mal se esquece;
Pois vendo a liberdade em fim perdida,
Sentimos menos, quando a dôr mais cresce !
Vemos desd'a agua ás praias despedida
A infeliz gente, que no mar perece;
E que o brutal gentio na mesm'hora,
Ainda bem os não vê, logo os devora.

LXXI

Quem sabe, se o cuidado, que destina
Pôr-nos assim mimosos de sustento,
Não é por ter de nós grata chacina
Nesse horrivel barbarico alimento ?
Tanta attenção que tem, mal se combina,
Sem mostrar-se o maligno pensamento;
Que quem os proprios mortos brutal come,
Como é crivel que aos vivos mate a fome ?

LXXII

Tempo fôra, affligidos companheiros,
De levantar dos céos ao Rei supremo
Humildes vozes, votos verdadeiros,
Como quem lucta no perigo extremo.
Mas vós que agora rides prazenteiros,
Oh quanto, amigos meus, oh quanto temo
Que essa gente cruel só nos namore,
Por cevar mais a preza, que devore !

LXXIII

Voltemos antes com fervor piedoso
Os tristes olhos ao ethereo espaço,
Esperando de Deus um fim ditoso,
Onde a morte se avista a cada passo.
Contrito o peito, o coração choroso,
Implore a protecção do excelso braço ;
Que o coração me diz, que por desdita
O cruel sacrificio se medita.

LXXIV

Em quanto assim dizia o heróe prudente,
Commovido qualquer do temor justo,
Levanta humilde as mãos ao céu clemente,
Vendo o futuro com presago susto :
Já cuida a cruel morte ver presente ;
Já vê sobre a cabeça o golpe injusto ;
Batem no peito e levantando as palmas,
Fazem victima a Deus das proprias almas.

LXXV

Jà numerosa turba ás praias vinha
E os seis levam ao corro miserando,
Onde a plebe cruel formada tinha
A pompa do espectaculo execrando;
E mal a gente bruta se continha,
Que em quanto as tristes mãos lhe vão ligando
No humano corpo pelo susto exsangue
Não vão vivo sorvendo o infeliz sangue.

LXXVI

Qual se da Libya pelo campo estende
O mouro caçador um leão vasto,
Em longa nuvem devoral-o emprende
O sagaz corvo sempre attento ao pasto;
Negro parece o chão; negra, onde pende
A planta, em que do sangue explora o rasto;
Até que avista a preza e em chusma vôa,
Nem deixa parte, que voraz não rôa:

LXXVII

Tal do caboclo foi a furia infanda
E o fanatismo, que na mente o céga,
Faz que tendo esta acção por veneranda,
Invoque o grão Tupá, que o raio emprega:
No meio vê-se que em mil voltas anda
O eleito matador, como quem prega
A brados, exhortando o povo insano
A ensopar toda a mão no sangue humano.

LXXVIII

A' roda, á roda ! a multidão fremente
Com gritos corresponde á infame idéa ;
Em quanto o fero em gesto de valente
Bate o pé, fere o ar e um páo manêa :
Ergue-se um e outro lenho, onde o paciente
Entre prisões d'embira se encadêa ;
Fogo se accende nos profundos fossos,
Em que se torrem com a carne os ossos.

LXXIX

Dentro de uma estacada extensa e vasta,
Que a numerosa plebe em torno borda,
Entram os principaes de cada casta
Com bellas plumas, onde a côr discorda ;
Outros, que a grenha tem com feral pasta
Do sangue humano, que ao matar trasborda,
Os nigromantes são ; que em vão conjuro
Chamam as sombras desde o Averno escuro.

LXXX

Companheiras de officio tão nefando
Seguem de um cabo a turma e de outro cabo
Seis torpissimas velhas, aparando
O sangue sem um leve menoscabo.
Tão feias são, que a face está pintando
A imagem propriissima do diabo ;
Tinto o corpo em verniz todo amarello,
Rosto tal, que a Medusa o faz ter bello.

LXXXI

Tem no collo as crueis sacerdotisas
Por conta dos funestos sacrificos
Fios de dentes, que lhe são divisas
De mais ou menos tempo em taes officios.
Gratas ao céo se crem, de que indivisas,
Se inculcam por tartareos maleficios ;
E em testemunho do mister nefando,
Nos seus côcos com facas vem tocando.

LXXXII

Quem póde reputar, que dôr traspassa
A miseranda infausta companhia,
Vendo taes feras rodear a praça,
Que o sangue com os olhos lhe bebia ?
Ver que os dentes lhe range por negaça,
Senão é que os agita a fome impia
E dizer lá comsigo : *Em poucas horas*
Sou pasto destas feras tragadoras.

LXXXIII

Mas põe-lhe a vista o Padre Omnipotente,
Da desgraça cruel compadecido
E envia um anjo desde o céo clemente,
Que deixe tanto horror desvanecido ;
E faça que o espectaculo presente
Venha por fim a ser sonho fingido :
Que quem recorre ao céo no mal que geme,
Logo que teme a Deos, nada mais teme.

LXXXIV

Seis então dos infames nigromantes
Lançaram mão das victimas pacientes,
E a seis lenhos fataes, que ergueram d'antes,
Atam crueis as mãos dos innocentes:
Póstos no céo os olhos lagrimantes
Com lembrar-se das penas vehementes
Que soffreu Deus na cruz, nelle fiados
Pediam-lhe o perdão dos seus peccados.

LXXXV

Fernando alli, que em discrição precede,
Com voz sonora a companhia anima,
Cheio de viva fé soccorro pede;
E quando a dôr permitte que se exprima:
Grão Senhor (diz) de quem tudo procede
A gloria, a pena, a confusão e a estima,
Que justo dás as graças e os castigos,
Na dôr allivio, amparo nos perigos;

LXXXVI

Vida não peço aqui, morte não temo,
Nem menos chóro o caso desgraçado:
O que me dóe, que sinto, o que só gemo
E', piedoso Deus, o meu peccado;
Feliz serei, Grão Padre, se no extremo
Fôr da tua bondade perdoado,
Pelo calix amargo, que aqui bebo,
Pela morte cruel, que hoje recebo.

LXXXVII

Mas, grande Deus, que vês nossa fraqueza
No duro transe desta cruel hora,
Não soffras que essas féras com crueza
Hajam de devorar a quem te adora :
Porque estremece a fragil natureza.
Vendo a gula brutal, que emprende agora
Secrificio fazer ao torpe abysmo
Destas carnes tingidas no baptismo.

LXXXVIII

Ouvio o céo piedoso a infeliz gente ;
E quando o fero a maça já levanta,
Que esmague a fronte ao misero paciente,
Trovão se ouve fatal, que tudo espanta :
Treme a montanha e cahe a roca ingente
E na ruina as arvores quebranta ;
Mas o que mais os brutos confundia,
Era o rumor marcial, que então se ouvia.

LXXXIX

Pedras, fréchas e dardos de arremesso
Cubriam todo o ar ; porque o inimigo,
Que atraz se poz de um proximo cabeço,
Aguarda expressamente aquelle artigo :
De um lado e outro deste um mato espesso
Ameaça o furor, cerca o perigo ;
E a gente crúa tranformada a sorte,
Quando cuidou matar, padece a morte.

XC

Era Sergipe o principe valente
Na esquadra valerosa, que atacava ;
Varão entre os seus bom, manso e prudente,
Que com justiça os póvos commandava :
Armava o forte chefe de presente
Contra Gupeva, que cruel reinava
Sobre as aldeias, que em tal tempo havia
No reconcavo ameno da Bahia.

XCI

Por toda a parte o bahiense é preso ;
E' trucidado o bruto nigromante,
Muitos lançados são no fogo acceso,
Rendem-se os mais ao vencedor possante :
Ficára em vida, todavia illeso
O misero europeu, que alli em fragante
Faz desatar o bom Sergipe e manda
A' escravidão no seu paiz mais branda.

XCII

Mas a gente infeliz no sertão vasto
Por mattos e montanhas dividida,
E' fama, que uns de tigres foram pasto :
Outra parte dos barbaros comida :
Nem mais houve noticia ou leve rasto
Como houvessem perdido a amada vida ;
Mas ha boa suspeita e firme indicio,
Que evadiram o infame sacrificio.

(1) *Povo convulso.*—Epitheto, que dá Isaias aos Americanos, como conjecturam os melhores interpretes.

(2) *Serra dos Orgãos.*—Ramo da celebre cordilheira, que discorre pelo Brazil, sahindo das suas cavernas nevoas tempestuosas.

(3) *Jacaré.*—Uma especie de cocodrilho brazilico.

(4) *Saturno.*—Os antigos Italianos foram, como se collige de Homero, antropophagos; taes eram os Lestrigões, e os Liparitanos. Os Fenicios, e os Carthaginezes usáram de victimas humanas, e Roma propria nos seus maiores apertos. São especies vulgares na historia.

(5) *Embiras.*—Especie de cordão feito da casca interior de algumas arvores.

(6) *Tatú.*—Especie de animal coberto de uma concha durissima, e impenetravel. Os selvagens tingem-se com varias resinas, senão com o fim, ao menos com o effeito de os livrar das mordeduras dos insectos: ainda que alguns se tinjam com hervas inuteis para esse uso.

(7) *Batata, Côco, Inhame.*—Fructos bem conhecidos ainda na nossa Europa.

(8) *Sacrificio.*—E' certo que os brazilienses não tinham fórma alguma expressa de sacrificio; mas a solemne funcção, e ritos, com que matavam os seus prisioneiros, parece com razão ao padre Simão de Vasconcellos na sua Historia do Brazil, que eram um vestigio dos antigos sacrificios usados dos Fenicios, de que acima fallamos em outra nota.

(9) *Vinho.*—Vem da America debaixo deste nome varios extractos de cajú, côco, e de outros fructos conhecidos, que podem competir com os nossos vinhos.

(10) *Catimpoeira.*—Immunda bebida dos selvagens, que mastigando o milho, fazem da saliva, e do succo mesmo do grão uma potagem abominavel.

(11) *Estatua.*— E' estimada por prodigiosa a estatua, que se vê ainda na Ilha do Corvo, uma das Açores, achada no descobrimento daquella ilha sobre um pico, apontando para a America. Foi achada sem vestigio, de que jámais alli habitasse pessoa humana. Devo a um grande do nosso reino, fidalgo eruditissimo, a especie de que se conserva uma historia desta estatua manuscripta, obra do nosso immortal João de Barros.

(12) *Selvagem.* — Não suppomos unico o selvagem, que o padre Anxieta achou em o estado, que aqui se descreve. Muitos theologos se persuadem, que Deos por meios extraordinarios instruira a quem vivesse na observancia da lei natural.

(13) *Tupá.*— Os selvagens do Brazil têm expressa noção de Deos na palavra *Tupá*, que val entre elles *excellencia superior*, *cousa grande que nos domina.*

(14) *Suspendo.*— Até aqui são os limites do lume natural, e com elle sómente o alcança a philosophia : porém o remedio da natureza humana, ferida pela culpa, não póde constar-nos senão pela revelação.

(15) *Um arco.*—As memorias desta estatua concordam em ser o seu traje desconhecido : toma daqui occasião o poeta para o representar arbitrariamente.

CANTO II

I

Era a hora, em que o sol na grã carreira
Do torrido zenith vibra igualmente,
E que a sombra dos corpos companheira
Na terra extingue, com o raio ardente;
Quando ao partir a turba carniceira,
Se vio Diogo só na praia ingente,
Entre mil pensamentos, mil terrores,
Que a dôr faz grandes e o temor maiores.

II

Parecia-lhe ver de gente insana
O barbaro furor, a fome crua,
A agonia dos seus na acção tyranna;
E temendo a dos mais, presume a sua.
Quizera oppôr-se á empreza deshumana,
Pensa em arbitrios mil, com que o conclua:
Se fugirá ? mas d'onde ? se os invada ?
Porém enfermo e só não vale a nada.

III

Oh! mil vezes (dizia) affortunados
Os que entregues á furia do elemento
Acabaram seus dias socegados,
Nem viram tanta dôr, como experimento!
Que estavam finalmente a mim guardados
Este espanto, este horror, este tormento!
Que escapei (santos Céus!) desse mar vasto
Para a féras servir de horrivel pasto!

IV

E hei de agora (infeliz!) ver fraco e inerme,
Que dos meus vá fazer um pasto horrendo
Essa patrulha vil, que agora enferme!
Que me veja sem força em febre ardendo!
Ah! se pudéra em meu vigor já ver-me!
Que ardor sinto em meu peito de ir rompendo
E turba vil fazendo em mil pedaços,
Truncar pescoços, mãos, cabeças, braços!

V

Não póde (é certo) a debil natureza;
Porém que esperas mais, misero Diogo?
Que póde resultar da forte empreza?
Será mal morrer já, se ha de ser logo?
Faltam-me as forças sim, sinto a fraqueza:
Mas o espirito o suppre e neste affogo
Tira forças occultas da nossa alma,
Que ella não mostra ter, vivendo em calma.

VI

E como quer em fim que o mande a sorte;
Morra-se, que talvez se não desuna
O successo feliz, de uma acção forte,
Que acaso um temerario achou fortuna;
E quando irado o céo me envie a morte
E que a mão do Senhor meus erros puna,
Recebo o golpe, que me fôr mandado,
Morrerei, assim é, porém vingado.

VII

Nem deixo de esperar que a gente bruta,
Vendo o estrago da espada e do mosquete,
Não se encha de pavor na estranha luta
E força maior creia que a accommette:
Se tomo as armas, que salvei na gruta,
Escudo, cota, malha e capacete,
Posso esperar que um só me não resista
E antes que o ferro, m'os sometta a vista.

VIII

Disse; e entrando na solita caverna,
Cobre de ferro a valerosa fronte;
Um peito d'aço de firmeza eterna
E o escudo, onde a fréxha se desponte.
Dispõe de modo e em fórma tal governa,
Que nada teme já, que em campo o affronte:
Nas mãos de ferro tinha uma alabarda,
A espada á cinta, aos hombros a espingarda.

IX

Sahia assim da gruta, quando o monte
Cuberto vê da barbara caterva ;
E no que infere da turbada fronte,
Sginaes de fuga e de derrota observa :
A algum obriga o medo a que transmonte,
Outros se escondem pelo mato ou herva,
Muitos fugindo vem com medo á morte,
Crendo achar na caverna um lugar forte.

X

Mas o prudente Diogo, que entendia
Não pouca parte do idioma escuro,
Por alguns mezes, em que attento o ouvia,
Elege um posto a combater seguro :
Attento a toda voz, que ouvir podia,
Por escutar dos seus o caso duro,
Entre esperanças e receio intenso
Sem susto estava sim, porém suspenso.

XI

Gupeva então,que aos mais se adiantava,
Vendo das armas o medonho vulto,
Incerto do que vê, suspenso estava,
Nem mais se lembra do inimigo insulto;
Alguns dos anhangás imaginava, (1)
Que dentro o grão fantasma vinha occulto ;
E á vista do espectaculo estupendo
Cahio por terra o misero tremendo.

XII

Cahio com elle junta a brutal gente;
Nem sabe o que imagine da figura,
Vendo-a brandir com a alabarda ingente
E olhando ao morrião, que o transfigura:
Ouve-se um rouco tom de voz fremente,
Com que espantal-os mais o heróe procura;
E porque temam de maior ruina,
Faz-lhes a voz mais horrenda uma bosina.

XIII

Em tanto a gente barbara, prostrada,
Tão fóra de si está por cobardia,
Que sem sentido estúpida, assombrada,
Só mostra viva estar porque tremia:
Quaes verdes varas de arvore copada
Se assopra a viração do meio dia,
De uma parte á outra parte se maneam;
Assim de medo os vis no chão perneam.

XIV

Mas Diogo naquelles intervallos,
Suspendendo o furor do duro Marte,
Esperança concebe de amançal-os
Uma vez com terror, outra com arte;
A viseira levanta e vai buscal-os,
Mostrando-se risonho em toda a parte:
Levantai-vos (lhes diz) e assim dizendo,
Ia-os co'a propria mão da terra erguendo.

XV

Gupeva, que no traje mais distincto
Parecia na turba do seu povo,
O principal no mando, meio extincto
Pelo horror de espectaculo tão novo,
Tremendo em pé ficou, sem voz e instincto ;
E cahira sem duvida de novo,
Se nos braços Diogo o não tomára
E d'agua alli corrente o borrifára.

XVI

Não temas (disse affavel), cobra alento;
E supprindo-lhe acenos o idioma,
Dá-lhe a entender, que todo esse armamento
Protege amigos, se inimigos doma ;
Que os não offende o bellico instrumento,
Quando de humana carne algum não coma :
Que se a comerdes, tudo em cinza ponho....
E isto dizendo, bate o pé, medonho.

XVII

Toma nas mãos (lhe diz), verás que nada
Te hão de fazer de mal ; e assim fallando,
Põe-lhe na mão a partasana e espada
E vai-lhe á fronte o morrião lançando.
Diminue-se o horror na alma assombrada
E vai-se pouco a pouco recobrando,
Até que a si tornando reconhece
D'onde está, com quem falla e o que lhe offrece.

XVIII

Se d'além das montanhas cá t'envia (2)
O grão Tupá (lhe diz), que em nuvem negra
Escurece com sombra o claro dia,
E manda o claro sol, que o mundo alegra ;
Se vens d'onde o sol dorme e se á Bahia
De alguma nova lei trazes a regra ;
Acharás, se gostares, na cabana
Mulheres, caça, peixe e carne humana.

XIX

A carne humana ! (replicou Diogo,
E como póde, explica em voz e aceno)
Se vir que come algum, botarei fogo,
Farei que inunde em sangue esse terreno.
Pois se os bichos nos devem comer logo,
(O barbaro lhe oppõe com desempeno)
A nós faz-nos horror, se elles nos comem
E é menos triste que nos trague um homem.

XX

O corpo humano (disse o heróe prudente) (3)
Como o brutal não é : desde que nasce,
E' morada do espirito eminente,
Em quem do grão Tupá se imita a face.
Sepulta-se na terra, qual semente,
Que senão apodrece, não renasce ;
Tempo virá, que aos corpos reunida
Torne a noss'alma a respirar com vida.

XXI

O lume da razão condemna a empreza,
Pois se o infando appetite o gosto adula,
Para extinguir a humana natureza
Sem mais contrarios, bastaria a gula.
Que se a malicia em vós ou se a rudeza
O instincto universal de todo annulla,
E' com tudo entre os mais cousa temida
Que outrem por vos comer, vos tire a vida.

XXII

Disse Diogo e conduzia á gruta
O principal da barbara caterva,
Que alli seguido pela gente bruta
O lugar conhecido attento observa :
Gupeva a tudo attende e tudo escuta,
Mas sempre o horror, que concebeu, conserva ;
E olhando ás armas, sem que a mais se arrojo,
Chega com mão furtiva, apalpa e foge.

XXIII

Vinha a noite já então seu negro manto
Despregando na lucida athmosphera,
Quando buscam socego ao seu quebranto
No ninho as aves e na toca a féra
E quando o somno com suave encanto
Aos miseros mortaes a dôr modera ;
Mas não modera em Diogo a mordaz cura
De amansar o furor da gente dura.

XXIV

Por dissipar na gruta a sombra fria,
Toma o ferreo fuzil, que o fogo atêa ;
E vendo a rude gente que o accendia
E brilhar de improviso uma candêa ;
Notando a prompta luz, que no oleo ardia,
Não acaba de o crer de assombro cheia.
Creem por tanto que o fogo do céo nasça
Ou que Diogo nas mãos nascel-o faça.

XXV

Era o costume do salvagem rude
Rossar um lenho n'outro com tal geito,
Que vinha por electrica virtude
A accender lume, mas com tardo effeito.
Mas observando, sem que o lenho o ajude,
Em menos de um momento o fogo feito,
O mesmo imaginou, que a Grecia creu,
Quando vio ferir fogo a Prometheu.

XXVI

Accesa a luz na lóbrega caverna,
Vê-se o que Diogo alli da náo levára ;
Roupas, armas e em parte mais interna
A polvora em barris, que transportára.
Tudo vão vendo á luz de uma lanterna,
Sem que o appeteça a gente nada avara,
Ouro e prata, que a inveja não lhe atiça :
Nação feliz, que ignora o que é cubiça !

XXVII

Mas entre objectos varios a que attende
Nota Gupeva extatico a pintura,
Que n'um precioso quadro, que alli pende,
Representava a Mãi da formosura:
Se seja cousa viva não entende,
Mas suspeitava bem pela figura
Digna a pessoa, de que a imagem era,
De ser mãi de Tupá, se elle a tivera.

XXVIII

Esta (pergunta o barbaro) tão bella,
Tão linda face, acaso representa
Alguma formosissima donzella,
Que esposa o grão Tupá fazer intenta?
Ou por ventura que nascesse della
Esse, que sobre os céus no sol se assenta?
Quem póde geração saber tão alta?
Mas se ha mãi, que o gerasse, esta é sem falta.

XXIX

Encantado está o pio lusitano
De ouvir em rude boca tal verdade;
E adorando o mysterio soberano,
Mãi ter não póde (disse) a divindade.
Mas sendo Deus eterno, fez-se humano;
E sem lesão da propria virgindade
A donzella o gerou, que piza a lua,
Digna mãi de Tupá, mãi minha e tua.

XXX

Peçamos, pois que é mãi, que nos deffenda,
Que te dê para ouvir docil orelha
E comtigo o teu povo recommenda;
Dizendo o heróe assim, devoto ajoelha.
Gupeva o mesmo faz com fé estupenda
E pendente de Diogo, que o aconselha,
Levanta as mãos, como elle levantava
E vendo-o lagrimar, tambem chorava.

XXXI

Mas crendo rude, como então vivia,
Que fosse cousa viva a imagem santa;
Que por mãi de Tupá tudo sabia,
Tendo poder conforme a gloria tanta;
Repete o que houve a Diogo com voz pia
E á mãi de Deus o coração levanta:
E encostando entre os rogos a cabeça,
Faz a noite e o desvello que adormeça.

XXXII

Já no purpureo, tremulo horisonte,
Rosas parece que espalhava a aurora;
E o sol que nasce sobre o opposto monte,
A bella luz derrama creadora:
Ouvem-se as avezinhas junto á fonte,
Saudando a manhã com voz sonora;
E os mortaes já do somno desatados
Tornavam novamente aos seus cuidados.

XXXIII

Quando Gupeva manso e differente
Do que antes fôra na fereza bruta,
Convoca a ouvil-o a multidão fremente,
Que á roda estava da profunda gruta ;
Posto no meio da confusa gente,
Que toda delle pende e attenta escuta :
Valentes paiaiás (diz desta sorte) (4)
Que herdais o brio da prosapia forte,

XXXVI

Se hontem do vil Sergipe surprendidos,
Vimos o grão terreiro posto a saco,
Fomos cercados sim, mas não vencidos,
Não foi victoria, foi traição de um fraco ;
Sabia bem por golpes repetidos
Com quanto esforço na peleija ataco ;
E como sem traição faria nada,
Não tendo eu armas, vem com mão armàda.

XXXV

Sombra do grão Tatú, de quem me ferve
Nestas veias o sangue ; de quem trago
A invicta geração, que em guerra serve
De espanto a todos, de terror, de estrago :
Porque a gloria a teu nome se conserve
E porque a cante da Bahia o lago,
Mandas de lá de d'onde o mundo acaba
Para o nosso soccorro este *Imboaba*. (5)

XXXVI

Tu lhe mudaste em ferro a carne branda,
Tu fazes que na mão se accenda e lhe arda
A viva chamma, que Tupá nos manda ;
Tupá, que rege o céu, que o mundo guarda.
Com elle hei de vencer por qualquer banda,
Com elle em campo armado, já me tarda
O cobarde inimigo, que a encontral-o
Vivo, vivo me animo a devoral-o.

XXXVII

Sabeis, tapuias meus, como morrendo
Nossos irmãos e pais, que elles matavam,
Postos debaixo já do golpe horrendo,
Vosso nome aos vingar tristes chamavam.
Tambem vistes na guerra combatendo
Que estrago nelles estas mãos causavam ;
E as vezes que vos dei no campo vasto
Mil e mil delles por sabroso pasto.

XXXVIII

Mas não come o estrangeiro, nem consente
Comer-se carne humana ; e só teria
Outra carne qualquer por innocente,
Aves, féras, tatús, paca ou cotia
Receba pois de nós grato presente
De quanto houver nos matos da Bahia:
Saia -se á caça ; e como lhe compete,
Prepare-se a hospedagem de um banquete.

XXXIX

Separa-se o congresso em breve espaço,
Dispõe-se em alas numerosa tropa:
Quem com taquáras donde pende o laço,
Onde a avezinha cahe, se incauta o topa;
Quem dos hombros suspende e quem do braço
Armadilhas differentes; outro ensopa
Em visgo as longas ramas do palmito,
Onde improvido caia o periquito.

XL

Os mais com fréchas vão, que a um tempo seja
Tiro, que offenda a fugitiva caça,
Ou armas (se occorresse) na peleija,
Quando o inimigo de emboscada a faça.
E porque aos mais presida e tudo veja,
A' frente do esquadrão Gupeva passa;
Nem fica Diogo só, que tudo via,
Mas segue armado a forte companhia.

XLI

Mais arma não levou, que uma espingarda;
E posto ao lado de Gupeva amigo,
Prompto a todo o accidente e posto em guarda,
Traz na cautela o escudo ao seu perigo.
Em tanto a destra gente a caça aguarda
E algum se affouta a penetrar no abrigo,
Onde esconde a panthera os seus cachorros;
Outro a segue por brenhas e por morros.

XLII

Até que de Gupeva commandada,
Em circulo se fórma a linha unido,
Onde quanto ha de caça já espantada
Fique no meio de um cordão cingido.
A rez alli do estrondo amedrontada
N'um centro está de espaço reduzido ;
A' mão mesmo se colhe : cousa bella !
Que dá mais gosto ver, do que comel-a.

XLIII

Não era assim nas aves fugitivas,
Que umas fréchava no ar e outras em laços
Com arte o caçador tomava vivas:
Uma porém nos liquidos espaços
Faz com a pluma as settas pouco activas,
Deixando a liza penna os golpes laços.
Toma-a de mira Diogo e o ponto aguarda:
Dá-lhe um tiro e derriba-a co'a espingarda.

XLIV

Estando a turba longe de cuidal-o,
Fica o barbaro ao golpe estremecido
E cahe por terra no tremendo abalo
Da chamma do fracaço e do estampido:
Qual do horrido trovão com raio e estalo
Algum junto áquem cahe, fica aturdido ;
Tal Gupeva ficou, crendo formada
No arcabuz do Diogo uma trovoada.

XLV

Toda em terra prostrada exclama e grita
A turba rude em misero desmaio,
E faz o horror, que estupida repita
Tupá, Caramurú, temendo um raio.
Pertendem ter por Deus, quando o permitta,
O que estão vendo em pavoroso ensaio,
Entre horriveis trovões do marcio jogo,
Vomitar chammas e abrazar com fogo.

XLVI

Desde esse dia, é fama que por nome
Do grão Caramurú foi celebrado
O forte Diogo ; e que escutado dome
Este appellido o barbaro espantado.
Indicava o Brazil no sobrenome,
Que era um dragão dos mares vomitado :
Nem d'outra arte entre nós a antiga idade
Tem Jove, Apollo e Marte por deidade.

XLVII

Foram qual hoje o rude americano
O valente romano, o sabio argivo ;
Nem foi de Salmoneo mais torpe o engano, (6)
Do que outro rei fizera em Creta altivo.
Nós que zombamos deste povo insano,
Se bem cavarmos no solar nativo,
Dos antigos heróes dentro ás imagens,
Não acharemos mais que outros selvagens.

XLVIII

E' facil propensão na brutal gente
Quando em vida ferina admira uma arte,
Chamar um fabro o Deus da forja ingente ;
Dar ao guerreiro a fama de um deus Marte.
Ou talvez pôr sulfureo fogo ardente,
Tanto Jove se ouvio por toda a parte :
Hercules e Theseos, Jasões no Ponto (7)
Seriam cousas taes, como as que eu conto.

XLIX

Quanto merece mais, que em douta lyra
Se cante por heróe, quem pio e justo,
Onde a céga nação tanto delira,
Reduz á humanidade um povo injusto ?
Se por heróe no mundo só se admira,
Quem tyranno ganhava um nome Augusto ?
Quando o será maior que o vil tyranno,
Quem nas féras infunde um peito humano ?

L

Tal pensamento então n'alma volvia
O grão Caramurú, vendo prostrada
A rude multidão, que Deus o cria
E que espera d'esta arte achar domada :
Politica infeliz da idolatria,
D'onde a antiga cegueira foi causada ! (8)
Mas Diogo, que abomina o feio insulto,
Quando augmenta o terror, recusa o culto.

LI

De Tupá sou (lhe disse) omnipotente
Humilde escravo e como vós me humilho;
Mas do horrendo trovão, que arrojo ardente,
Este raio vos mostra que eu sou filho.
(Disse e outra vez dispara em continente)
Do meio do relampago, em que brilho,
Abrazarei qualquer, que ainda se atreva
A negar a obediencia ao grão Gupeva.

LII

Deu logo a amiga mão com grato aspecto
Ao misero Gupeva, que convulso
No horror daquelle ignivomo prospecto,
Jazia sem sentido e já sem pulso;
Não temas (diz-lhe) amigo, que eu prometto
Que do meu braço se não mova impulso
Senão contra quem fôr tão temerario
Que, sendo-te eu amigo, é teu contrario.

LIII

Recebêra o bom Gupeva um novo alento,
Sentindo a grata mão, que á vida o chama;
Nem póde duvidar pelo exprimento
De quanto Diogo com fineza o ama.
Mas sempre com receio do instrumento
Teme que outra vez lance a horrivel chamma;
E deixa-o no erro Diogo, a fim que incerto,
Nenhum pelo pavor se chegue ao perto.

LIV

Mas por deixar incerta a gente infida,
Dá-lhe astuto o arcabuz, que não tem carga :
E quem (diz) é fiel, póde com vida
Tel-o na mão sem horrida descarga ;
Porém se algum faltasse á fé devida
Sentirá da traição por pena amarga,
Com proprio damno seu, com mortal risco,
Relampago e trovão, fogo e corisco.

LV

Que eu acordado esteja ou que adormeça,
Vigia em guarda minha o fogo occulto
E a traição pagará com a cabeça
Quem tentasse fazer-me um leve insulto ;
Porém se eu mal não quero que aconteça,
Póde um menino, como póde o adulto
E o mais fraco que houver na vossa gente,
Ter o trovão nas mãos sem que arrebente.

LVI

Porém guardai-vos vós, que só no peito,
Só n'alma que tenhais tenção malina,
Vereis que trovão faz por meu respeito
E que vem no estampido a vossa ruina.
Treme Gupeva, ouvindo este conceito
E humilde a fronte ao grão Diogo inclina,
Certo de não faltar na fé que rende,
D'onde o raio e trovão crê que depende.

LVII

Convoca em tanto o principal temido
As esquadras da turba, então dispersa,
E ao grão Caramurú pede rendido
Que eleja casa no paiz diversa
E que a gruta deixando, suba unido
Onde em vasta cabana o povo versa;
Nem duvide que a gente féra e brava
O sirva humilde e se sujeite escrava.

LVIII

No reconcavo ameno um posto havia,
De troncos immortaes cercado á roda,
Trincheira natural, com que impedia
A quem quer penetral-o a entrada toda:
Um plano vasto no seu centro abria (9)
Aonde, edificando á patria moda,
De troncos, varas, ramos, vimes, canas
Formaram, como em quadro, oito cabanas.

LIX

Qualquer dellas com mole volumosa
Corre direita em linhas parallelas;
E mais comprida aos lados que espaçosa,
Não tem paredes ou columnas bellas.
Um angulo no cume a faz vistosa
E cuberta de palmas amarellas
Sobre arvores se estriba, altas e boas,
De seiscentas capaz ou mil pessoas.

LX

Qual o velho Noé na immensa barca ,
Que a barbara cabana em tudo imita,
Ferozes animaes próvido embarca,
Onde a turba brutal tranquilla habita ,
Tal o rude tapuia na grand'arca ;
Alli dorme, alli come, alli medita ,
Alli se faz humano e de amor molle,
Alimenta a mulher e affaga a prole.

LXI

Dentro da grã choupana a cada passo (10)
Pende de lenho a lenho a rede extensa ;
Alli descanço toma o corpo lasso ,
Alli se esconde a marital licença
Repousa a filha no materno abraço
Em rede especial, que tem suspensa ;
Nenhum se vê (que é raro) em tal vivenda
Que a mulher de outrem nem que a filha offenda.

LXII

Alli chegando a esposa fecundada
A termo já feliz, nunca se omitte
De pôr na rede o pai a prole amada,
Onde o amigo e parente o felicite ;
E como se a mulher soffrêra nada
Tudo ao pai reclinado então se admitte,
Qual fôra, tendo sido em modo serio
Seu proprio e não das mãis o puerperio.

LXIII

Quando na rede encosta o tenro infante,
Pinta-o de negro todo e de vermelho ;
Um pequeno arco põe, frécha volante
E um bom cutelo ao lado ; e em tom de velho,
Com discurso pateti.o e zelante,
Vai-lhe inspirando o paternal conselho :
Que seja forte, diz, (como se o ouvisse)
Que se saiba vingar, que não fugisse.

LXIV

Dá-lhe depois o nome, que apropria
Por similhança que ao infante iguala
Ou com que o espera célebre algum dia ;
Senão é por defeito que o assignala :
A algum na fronte o nome se imprimia,
Ou pintam no verniz, que tem por gala ;
E segundo a figura se lhe observa,
Dão-lhe o nome de féra, fructo ou herva

LXV

Trabalha em tanto a mãi sem nova cura,
Quando o parto conclue e em tempo breve,
Sem mais arte que a próvida natura,
Sente-se lesta e sã, robusta e leve :
Feliz gente, se unisse com fé pura
A sobria educação, que simples teve !
Que o que a nós nos faz fracos, sempre estimo,
Que é mais que pena ou dôr, melindre e mimo.

LXVI

Vai com o adulto filho á caça ou pesca
O solicito pai pelo alimento :
O peixe á mulher traz e a carne fresca
E á tenra prole a fructa por sustento.
A nova provisão sempre refresca
E dá nesta fadiga um documento,
Que quem nega o sustento a quem deu vida,
Quiz ser pai, por fazer-se um parrecida.

LXVII

Que se acontece que a enfermar se venha,
Concorre com piedade a turba amiga ;
E por dar-lhe um remedio, que convenha,
Consultam-n'o entre si com gente antiga !
Buscam quem de herva saiba ou cura tenha
Que possa dar allivio ao que periga
Ou talvez sangram n'uma febre ardente,
Servindo de lanceta um fino dente.

LXVIII

Mas vendo-se o mortal já na agonia,
Sem ter para o remedio outra esperança,
Estima a bruta gente, acção mui pia,
Tirar-lhe a vida com a maça ou lança :
Se morre o tenro filho, a mãi sería
Estimada cruel quando a criança,
Que pouco antes ao mundo della veio,
Não torna ao seu lugar no proprio seio.

LXIX

Tal era o povo rude e tal usança
Se lhe vê praticar no vicio illuso:
Tudo nota Diogo, na esperança
De corrigir por fim tão cego abuso.
No lugar da cabana, em que descança
Menos da gente e multidão confuso,
Põe-lhe a rede Gupeva, que o convida
De rica e mole pluma entre tecida.

LXX

Mas eis que um grande numero o rodeia
De emplumados feissimos selvagens:
Ouve-se a casa de clamores cheia,
Costume antigo seu nas hospedagens.
Qualquer chegar-se a Diogo ainda receia,
Por ter visto as horrificas passagens;
Mas *mair ma apadu* de longe explicam, (11)
E *bemvindo o estrangeiro* significam.

LXXI

Por costumado obsequio os mais luzidos
Tomam Diogo nos braços; e no peito
A frente lhe apertavam comedidos:
Signal entr'elles do hospital respeito.
Tiram-lhe em pressa as roupas e vestidos;
E pondo-o sobre a rede, como em leito,
Sem mais dizer-lhe nada e sem ouvil-o
Tudo se affasta e deixam-no tranquillo.

LXXII

Com maior ceremonia outra visita
Festiva celebrava o seu cortejo ;
Feminea turba, que o costume incita
A offerecer-se honesta ao seu desejo :
Senta-se sobre os pés e felicita,
Cobrindo o rosto a mão, como por pejo .
Vestidas vem de folhas tão brilhantes,
Que o que falta ao valor, tem de galantes.

LXXIII

Parece ser da meza o dispenseiro
Um salvagem, que o nome lhe pergunta :
Se tem fome, lhe diz ; ou se primeiro
Quereria beber ? e logo ajunta,
Sem mais resposta ouvir, sobre o terreiro
A comida que trouxe em cópia munta :
Põe-se-lhe uiçu de peixe e carne crua (12)
E o mimoso cauin, que é paixão sua.

LXXIV

Todos com gula comem furiosa,
Sem olhar, sem fallar, nem distrahir-se :
Tanto se absorbem na paixão gulosa
Que mal pudera ao vel-os distinguir-se
Se são féras ou homens. Vergonhosa,
Triste miseria humana ! confundir-se
Um peito racional c'um bruto feio
No horrendo vicio, d'onde o mal nos veio!

LXXV

Acabada a comida, a turba bruta
O estrangeiro bem vindo outra vez grita ;
E a tropa feminina, que isto escuta,
Cobre a face com as mãos e o pranto imita :
Gupeva pois que o hospede reputa,
Causa do seu prazer e autor da dita ;
O sacro fogo a roda lhe ateava,
Ceremonia hospital, que o povo usava. (13)

LXXVI

Bem presumia Diogo, no que explora,
Que algum mysterio se occultava interno ;
Lembra-lhe a chamma que o caldeu adora,
O fogo das vestaes recorda eterno :
Nem duvidava que de origem fôra
Costume da nação, rito paterno ;
Trazido, se é possivel que se crêa,
Na dispersão das gentes, da Caldêa.

LXXVII

Perguntal-o dos barbaros quizera ;
Mas como o acceno e lingua muito engana,
Acaso soube que á Gupeva viera
Certa dama gentil braziliana :
Que em Taparica um dia comprendêra
Boa parte da lingua lusitana ;
Que portuguez escravo alli tratára, (14)
De quem a lingua, pelo ouvir, tomára.

LXXVIII

Paraguassú gentil (tal nome teve)
Bem diversa de gente tão nojosa :
De côr tão alva, como a branca neve,
E d'onde não he neve, era de rôsa ;
O nariz natural, boca mui breve,
Olhos de bella luz, testa espaçosa ;
De algodão tudo o mais, com manto espesso,
Quanto honesta encobrio, fez ver-lhe o preço.

LXXIX

Um principal das terras do contorno
A bella americana tem por filha ;
Nobre sem fasto, amavel sem adorno,
Sem gala encanta e sem concerto brilha ;
Servia aos carijós, que tinha em torno,
Mais que de amor, de objecto a maravilha :
De um desdem tão gentil, que a quem olhava,
Se mirava immodesto, horror causava.

LXXX

Foi destinada de seus pais valentes,
Esposa de Gupeva ; mas a dama
Fugia de seus olhos impacientes,
Nem prenda lhe acceitou, porque o não ama :
Nada sabem de amor barbaras gentes,
Nem arde em peito rude a amante chamma ;
Gupeva, que não sente o despeito,
Tratava-a sem amor, mas com respeito.

LXXXI

Deseja vel-a o forte lusitano ;
Porque interprete a lingua, que entendia
E toma por mercê do céo sob'rano
Ter como entenda o idioma da Bahia :
Mas quando esse prodigio avista humano,
Contempla no semblante a louçania :
Pára um, vendo o outro ; mudó e quedo,
Qual junto de um penedo outro penedo.

LXXXII

Só tu, tutelar anjo, que o acompanhas,
Sabes quanto a virtude alli se arrisca
E as furias da paixão, que accende estranhas
Essa de insano amor doce faisca
Ancias, no coração sentio tamanhas
(Ancias que nem na morte o tempo risca)
Que houvera de perder-se naquell'hora,
Se não fôra christão, se heróe não fôra.

LXXXIII

Mas desde o céo a santa intelligencia
Com doce inspiração mitiga a chamma ;
Onde a amante paixão ceda á prudencia
E a razão póde mais, que a ardente flamma :
Em Deus, na natureza e na consciencia
Conhece, que quer mal quem assim ama ;
E que fôra sacrilego episodio
Chamar á culpa amor, não chamar-lhe odio.

LXXXIV

No raio deste heroico pensamento
Em tanto Diogo reflectio comsigo,
Ser para a lingua um commodo instrumento
Do céo mandado na donzella amigo :
E por ser necessario ao santo intento,
Estuda no remedio do perigo.
Que póde ser ? sou fraco ; ella é formosa...
Eu livre... ella donzella... será esposa.

LXXXV

Bella (lhe disse então) gentil menina,
(Tornando a si do pasmo, em que estivera)
Sorte humana não é, mas é divina,
Ver-me a mim ; ver-te a ti na nova esphéra :
Ella a frase, em que fallo, aqui te ensina ;
Ella, se não me engana o que alma espera,
Um fogo em nós accende, que de resto
Eterno haja de arder, se arder honesto.

LXXXVI

Desde hoje se a meus olhos corresponde
O meigo olhar das lucidas pupillas ;
Se amor é... porque amor quem é que o esconde ?
Se por elle essas lagrimas distillas :
Com que chammas meu peito te responde
Com mão de esposa poderás sentil-as.
Disse ; estendendo a mão, offereceu-lha ;
Ella que nada diz, sorrio-se e deu-lha.

LXXXVII

Põe-lhe de fuga os olhos, que abaixára ;
E ou de amante ou tambem de vegonhosa
Um tão bello rubor lhe tinge a cara,
Como quando entre os lirios nasce a rosa :
Tres vezes quiz fallar, tres se calára ;
E ficou do sossobro tão formosa,
Quanto elle ficou cégo ; e em tal porfia,
Nem um, nem outro então de si sabia.

LXXXVIII

Mas reflectindo logo o heróe prudente,
Fixou no coração com fé segura
Não cumprir as promessas de presente,
Antes que lhe entre n'alma a formosura :
Rende-lhe o seu amor, mas innocente;
E faz-lhe prometter, que com fé pura
Em quanto se não lava e regenera
Em continencia vivirão sincera.

LXXXIX

E esta fé (diz-lhe) esposa em Deus querida,
Guardar-te hoje prometto em laço eterno,
Até banhar-te n'agua promettida,
Por candida affeição de amor fraterno :
Amor, que sobreviva á propria vida ;
Amor, que preso em laço sempiterno,
Arda depois da morte em maior chamma,
Que assim trata de amor quem por Deus ama.

XC

Esposo (a bella diz) teu nome ignoro;
Mas não teu coração, que no meu peito
Desde o momento, em que te vi, que o adoro:
Não sei se era amor já, se era respeito.
Mas sei do que então vi, do que hoje exploro,
Que de dous corações um só foi feito.
Quero o baptismo teu, quero a tua igreja,
Meu povo seja o teu, teu Deus meu seja.

XCI

Ter-me-has, caro, ter-me-has sempre a teu lado;
Vigia tua, se te occupa o somno;
Armada sahirei, vendo-te armado;
Tão fiel nas prisões como n'um throno.
Outrem não temas, que me seja amado;
Tu só serás, senhor, tu só meu dono:
Tanto lhe diz Diogo, e ambos juráram
E em fé do juramento, as mãos tocáram.

(1) *Anhangà.*—Nome do demonio, em lingua brazilica, conhecido daquelles barbaros pelo uso da nigromancia.

(2) *Montanhas.*—Persuadem-se os Brazilienses, que alêm das montanhas, que dividem o Brazil do Perú, seja o Paraiso. Vide *Mortaniere Diccionario Geographico* verb. *Brazil*, onde se lerá a maior parte da historia dos ritos, e costumes do Brazil, que aqui, e na serie do Poema escrevemos.

(3) *O corpo humano.*—Razão sufficiente, porque é ilicito comer a carne humana por principios theologicos na presente oitava, e na seguinte pelos naturaes.

(4) *Paiaiás.*—Nome honorifico em lingua brazilica, equivalente a *Nobres*, ou *Senhores*. O poeta conforma-se ao costume destas gentes, entre as quass os principes fazem longas fallas aos seus compatriotas, exhortando-os pelos principios, que aqui se tocam.

(5) *Imboàba.* — Voz, com que os barbaros nomeam os Europeos.

(6) *Salmoneo.*—Este principe pretendia imitar o raio para espantar os Gregos, então barbaros, e similhantes aos nossos brazilienses. Tanto se póde crer do rei de Creta, que aquelles Insulares chamárão Jupiter.

(7) *Hercules.*—Os heròes dos tempos fabulares foram sem duvida similhantes aos nossos primeiros descobridores, feitos celebres pela rudeza, e ignorancia dos seus tempos. Observamos este parallelo para preoccupar a censura de quem acaso estimasse a materia, e objecto desta epopeia, indigna de comparar-se á que escolheram os antigos poetas epicos :

(8) *Causada.*—E' certo que a idolatria dos Gregos teve grande occasião nos inventores das artes : e vimos outro tanto nos Americanos, dispostos a crer immortaes os Europeos.

(9) *Um plano.*—Descripção das Tabas, ou aldêas brazilicas.

(10) *Dentro.*—O padre Martiniere, cèlebre critico, e testemunha ocular, attesta parte destes costumes ; outros, Ozorio, Vasconcellos, Pitta, que não citamos, por serem especies vulgares.

(11) *Mas mair.*—Nas hospedagens costumam assim os brazilianos ; e do padre Martiniere copiámos as palavras, que então proferem, e a sua interpretação.

(12) *Uiçu.*—Farinha, a que reduzem a carno torrada, ou a peixe. *Cauin.*, bebida simillhante á que já dissemos de Catimpoeira.

(13) *Ceremonia.*—Tinham esta ceremenia como religiosa, persuadidos que faz fugir o demonio.

(14) *Portuguez escravo.*—Ficção poetica sobre o verosimil não sendo difficil que algum dos portuguezes deixados por Cabral, ou por outros capitães na costa, para āprenderem a lingua, communicassem parte della aos habitantes.

CANTO III

•

I

Já nos confins extremos do horisonte
Dourava o sol no occaso rubicundo
Com tibio raio acima do alto monte ;
E as sombras cahem sobre o valle fundo :
Ia morrendo a côr no prado e fonte ;
E a noite, que voava ao novo mundo,
Nas azas traz com viração suave
O descanço aos mortaes no somno grave.

II

Só com Gupevà a dama e com Diogo
Gostosa aos dous de interprete servia ;
E perguntado sobre o sacro fogo,
A qual fim se inventára, a que servia ?
Deu-lhe simples razão Gupeva logo :
Suppre de noite (disse) a luz do dia ;
E como Tupá ao mundo a luz accende,
Tanto fazer-se aos hospedes emprende.

III

Se peccando o máo espirito solevas,
Succede que talvez cruel se enoje ;
E como é pai da noite e autor das trévas,
Tanto aborrece a luz, que em vendo-a foge :
Porém se á luz eterna o peito elevas,
Não ha furia do Averno que se arroje ;
Talvez por lhe excitar tristes idéas,
Das chammas, que tiveram por cadêas.

IV

Admira o pio heróe, que assim conheça
A nação rude as legiões do Averno ; (1)
Nem já duvida que do ceu lhe desça
Clara luz de um principio sempiterno.
Disse-me, hospede amigo, se professa
Este teu povo, diz, com culto externo
Adorar algum Deus ? qual é ? onde ande ?
Se seja um Deus sómente, ou que outros mande ?

V

Um Deus (diz) um Tupá, um ser possante (2)
Quem poderá negar que reja o mundo,
Ou vendo a nuvem fulminar tonante ;
Ou vendo enfurecer-se o mar profundo ?
Quem enche o céo de tanta luz brilhante ?
Quem borda a terra de um matiz fecundo ?
E aquella sala azul, vasta, infinita,
Se não está lá Tupá, quem é que a habita ?

VI

A chuva, a neve, o vento, a tempestade
Quem a rege ? a quem segue ? ou quem a move ?
Quem nos derrama a bella claridade ?
Quem tantas trévas sobre o mundo chove ?
É este espirito amante da verdade,
Inimigo do mal, que o bem promove,
Cousa tão grande, como fôra obrada,
Se não lhe dera o ser, quem vence o nada ?

VII

Quem seja este grande ente, e qual seu nome,
(Feliz quem saber póde) eu cégo o ignoro ;
E sem que a empreza de sabel-o tome,
Sei que é quem tudo faz e humilde o adoro :
Nem duvido que os ceus e terra dome,
Quando nas nuvens com terror o exploro,
Deixando o mortal peito em vil desmaio,
Ameaçar no trovão, punir no raio.

VIII

Só pasmo se nos fez, como não veio,
Devendo amar o que obra de mão sua,
Ao mundo de anhangás cercado e cheio
A livrar o homem dessa besta crua !
Como é possivel que não désse um meio,
Como que a mente ignorante, enferma e nua
Tratar com elle possa, quando é claro
Que o pai não deixa o filho em desamparo ?

IX

Sinto bem remorder dentro em meu peito
Lembrança, que me accusa : por mim fica
Se mais bem do que faz, me não tem feito,
Que é nescio quem o ingrato benefica.
Outro povo talvez mereça eleito
A assistencia dos ceus de graças rica ;
Nem contra Deus se justifica a queixa,
Que costume deixar quem o não deixa.

X

Mas se do throno celestial e eterno
A pezar da malicia nos visita ;
Quem sabe se por zelo hoje paterno
A nosso bem mandar-te aqui medita?
Pois creio bem que contra o fogo Averno
Trazes a chamma; que a do raio imita,
Ou que vens como luz, de ethereo assento
Por levar-nos comtigo ao firmamento.

XI

Pasmava o lusitano da eloquencia
Com tão alto pensar n'uma alma rude ;
Notando como a eterna sapiencia
A face a todos mostra da virtude.
E reputava por maior clemencia,
Que a quem, se a fé conhece, ingrato a illude ;
Negasse Deus a luz, que os outros viam ;
Porque tendo-a maior, mais cegariam.

XII

Não deixa nunca os seus o ceu piedoso
(Diogo respondeu) que á terra indigna
Manda o seu Unigenito glorioso,
Que offereça, a quem o invoca, a mão benigna:
Mas se antevisse no homem pernicioso (3)
Uma livre eleição sempre maligna,
Por dar-lhe menos pena em menor falta
Em sombra, como á voz, deixa tão alta

XIII

Tendes em tanto um claro sentimento,
Que espirito immortal se nos concede. (4)
Sim, diz Gupeva, que o decide attento,
Quem tudo quanto sente parte ou mede.
Mas mirando ao seu proprio pensamento,
Vê que a medida sempre intacto excede;
E sendo indivisivel desta sorte,
Como póde a razão soffrer a morte?

XIV

Quantas vezes em mim, se ser pudesse,
Um pensamento d'alma eu dividira;
Que todo o mal em fim que o homem padece
Vem d'imagem cruel, que dentro gyra.
Mas a interna impressão tanto mais cresce
Quanto o peito anciado mais suspira:
E vejo que ha em mim mesmo occulto e interno
Entre a mente e a verdade hum laço eterno. (5)

XV

Sendo a mente mortal, tornára ao nada,
Ao apagar-se a luz no extremo dia;
E antes de ser punida ou premiada,
Uma alma justa ou ré pereceria;
Sempre em desejos, nunca saciada;
Má sem castigo; e sem fortuna pia;
Sem chegar ao seu fim perder a essencia..
Como é crivel, que Deus tem providencia? (6)

XVI

Se o fim do inerte bruto se inquirisse,
No contexto das obras respondêra
Que fôra feito porque nos servisse
E que eterno destino não tivera:
Onde era bem que a morte destruisse
Quem para immortal fim nunca nascêra;
Porque lhe dera, a tel-o, o céo divino
Outro corpo, outra forma, outro destino.

XVII

Que o bruto elege, pensa, que discorre
Do que o vemos obrar fica evidente;
Mas cada especie a um curto fim concorre,
Sem orgãos e aptidão com que outro intente.
O homem tudo quer, por tudo corre,
Tem orgãos para tudo e tudo sente;
Infinito em pensar e no que vejo
Maior que no pensar no seu desejo.

XVIII

Tudo domina só, tudo governa,
Sem que a outro animal servir costume;
Toda outra especie á sua é subalterna
E se immortal nascera, fora um nume : (8)
Arbitrio universal, razão eterna,
Capaz de receber o immenso lume,
E fôra mais, se a morte o dissipára,
Que se céo, terra e inferno anniquilára.

XIX

Pasmado Diogo do que attento escuta,
Não crê que a singular philosophia
Possa ser da invenção da gente bruta :
Mas a interprete bella lhe advertia
Que a antiga tradição nunca interrupta
Em cantigas, que o povo repetia,
Desde a idade infantil todos comprendem
E que dos pais e mãis cantando o aprendem..

XX

Que eram pedaços das canções, que entoam (9)
As que ouvia a Gupeva (e talvez tudo)
Que em poetico estylo doces soam
Feitas por sabios de sublime estudo.
Que alguns entre elles com estro voam,
Que involvendo-se o harmonico no agudo,
Parece que lhe inflamma a fantasia
Algum nume, se o ha, da poesia.

XXII

Tendo Paraguaçú dito discreta,
Prosegue então Gupeva os seus assumptos:
Que se as almas morressem, que indiscreta
A memoria seria dos defuntos?
A que servira a lei, que nos decreta (10)
Que no sepulchro se lhe ponham juntos
Comidas, arcos, frechas? quem resiste
A quem depois da morte não subsiste?

XXII

O inimigo anhangá, logo que deixa
A nossa alma esta carne, em furia a invade,
E do mal, que cá fez, cruel se queixa,
Até que em sombras entre ou claridade:
O rito do sepulcro expresso deixa,
Que enterrando-se em pé, na eternidade
O fim buscamos, a que Deus nos cria
E que antes de o alcançar, se segue a via.

XXIII

Deste principio nasce, que com prantos
Noite e dia se chora o seu decesso;
Louvam-se nos congressos como santos,
E põe-se no sepulchro um marco expresso;
Tantas memorias pois, officios tantos,
A que fim se a alma acaba, eu não conheço:
A expiação e obsequio era frustrado,
Se ella não vive ou purga algum peccado.

XXIV

Costumes são da occulta antiguidade
Que o grão Tamandaré desde alta origem (11)
A's gentes ensinou, com que á piedade
Todas no mundo as almas se dirigem:
E quando algum conteste esta verdade,
Provam-na os anhangás, que nos affligem,
Pedindo aos nigromantes que a alma vendam,
No que uma alma immortal nos recommendam.

XXV

Que é desde nossos pais fama constante,
Que aonde o sol se põe nessas montanhas (12)
Ha um fundo lugar, de que é habitante
O perfido anhangá com crueis sanhas:
Alli de enxofre a escuridão fumante
Com portas encerrou Tupá tamanhas,
Que as não póde forçar, nem todo o inferno:
A morte é a chave; e o cadeado é eterno.

XXVI

Dentro nada se vê na sombra escura;
Mas no vislumbre funebre e tremendo
Distingue-se com vista mal segura
Uum antro vasto, tenebroso e horrendo:
Ordem nenhuma tem; tudo conjura
Ao sempiterno horror, que alli comprendo:
Mutuamente mordendo-se de envolta,
Um n'outro agarra, se o primeiro o solta.

XXVII

Se viste onda sobre onda procellosa
Quando bate escumando a arêa funda ,
Como esta aquella engolle ; e mais furiosa
Montanha d'agua vem; que ambas affunda :
Tal na caverna lobrega horrorosa
Onda e onda de fogo os máus inunda :
Este sóbe ; este desce ; e um cataclismo
Alaga as nuvens e descobre o abysmo.

XXVIII

Aqui o fero anhangá cahio, (se conta)
Quando do grão Tupá rompia o jugo ;
E vem dos astros, que soberbo monta,
A ser em pena vil, do homem verdugo.
Alli com mão cruel, com furia prompta
Pune da nossa especie o vil refugo ;
E em vez de mãos as miserandas gentes
Enrosca em laços de crueis serpentes.

XXIX

Alli do grão Tupá por lei severa,
No incendio está, que o tempo não apaga,
Quem torpe incesto faz ; quem adultéra :
Quem é réo da lascivia infame e vaga :
Cada um , como a culpa commettera ,
Tanto e no proprio membro o crime paga :
Fere-se a quem ferio ; mas o homicida
Só porque morra mais, não perde a vida.

XXX

Sentada em meio da morada horrenda,
Branca de cans e immovel na manobra,
Immensa sombra faz, que a cauda prenda
Dentro na boca horrivel uma cobra:
Com rouca voz e intimação tremenda
Ao tempo preso na viperea dobra
Diz, retumbando em éco a cavidade:
Oh vida! oh tempo! oh morte! oh eternidade!

XXXI

Além da grã montanha, em que se occulta (13)
O carcere das sombras horroroso;
De mil delicias n'um terreno exulta
Quem vive justo ou quem morreu piedoso:
Não se acha imagem nesta terra inculta,
Que seja sombra do paiz ditoso:
O templo alli da paz foi levantado,
Sempre aberto ao prazer e á dor fechado.

XXXII

Ha do ameno jardim na vasta entrada
Uma grã porta de safiras bellas,
Onde da etherea luz reverberada
Se pinta em vasto fundo um mar de estrellas;
Toda ella em torno, em torno decorada
De floridas bellissimas capellas.
Junto voragem ha de um precipicio,
Que sorve a quem se encosta infecto em vicio.

XXXIII

Vêm-se dentro campinas deleitosas,
Geladas fontes, arvores copadas,
Outeiros de crystal, campos de rosas,
Mil fructiferas plantas delicadas:
Coberto o chão das fructas mais mimosas,
Com mil formosas côres matizadas;
E á maneira, entre as flores, de serpentes
Vão volteando as liquidas correntes.

XXXIV

Latadas de martyrios ha sombrias,
Que com a rama e flôr formam passeios;
Onde passam sem calma os claros dias
Gozando sem temor de mil recreios:
Chuvas alli não ha, nem brumas frias,
Nem das procellas horridas receios;
Nem ha na primavera e verdes maios
Quem receie o trovão, nem tema os raios.

XXXV

Entre o sussurro alli das fontezinhas,
Harmonica se escuta a voz sonora,
Com que mil innocentes avezinhas
Entoam a alvorada á fresca aurora;
Muitas com vôos vão ao céo vizinhas,
Outra segue o consorte, a quem namora,
E mil doces requebros gorgeando,
De raminho em raminho vai saltando.

XXXVI

Uma ave entre outras ha que se discorre, (14)
Ou fama certa seja ou voz fingida;
Que do jardim a nós, de nós lá corre,
Como fiel correio da outra vida ;
Dizem que vôa, quando algum lá morre
E exprime no seu canto enternecida
O que alma passa nas eternidades
E que nos leva e traz doces saudades.

XXXVII

Neste ameno jardim vivem contentes
As almas, que no mundo valerosas
A santa lei guardáram diligentes
Obrando acções na vida gloriosas ;
Os que foram na guerra mais valentes,
E a patria com acções guardam honrosas
E os que em bellico horror com peito forte
Temem mais uma affronta, do que a morte.

XXXVIII

Aqui do grão Tupá no amado seio
Conversam, dançam, jogam sem fastio ;
Uns dos males passados sem receio
Cantam da crua guerra o caso impio,
Outros da propria morte o golpe feio ;
Recordam sem pavor, contam com brio,
Que o recordar um mal, que é já passado,
Dá depois mais prazer que então cuidado.

XXXIX

Alli dos pais as almas venturosas
Unidas sempre estão ao filho amado ;
E o premio das fadigas laboriosas
Gozam no seio um d'outro sem cuidado.
A mãi abraça as filhas amorosas ,
Como o esposo a consorte em puro agrado ;
Sem guerra, sem contenda, sem porfia
Passam tranquilla a noite e alegre o dia.

XL

Mas o que é mais suave, o que é mais doce,
E' gozar-se entre tanta amenidade
De todo o bom desejo a inteira posse,
Nem ter de cousa vã necessidade.
Oh quem de tanto bem possessor fosse !
Grato paiz ! amavel liberdade !
Onde por graça de Tupá infinita
Ninguem padece, teme ou necessita.

XLI

Dizendo assim, Gupeva enterneceu-se,
Sentindo a força, que o mortal levanta
A' bemaventurança : commoveu-se
Tambem Diogo, vendo que em luz tanta
Tão pouco de Deus sabe ; a todos deu-se
O eterno lume, copia da lei santa ;
Mas bem que de explendor inunde um pégo,
Quem é indigno de Deus, fica mais cégo.

XLII

Que valem (disse ao barbaro ignorante)
Jardins, flores, delicias e prazeres,
Faltando o objecto em fim mais importante,
Que é a face de Tupá ? pois de a não veres,
Todo outro bem, que gozes por brilhante,
Por bello, por maior que o conceberes,
Para a nossa cubiça mal saciada
E' vil, é vão, é pouco, é fumo, é nada.

XLIII

Finge que possa o homem gozar junto
Destes bens cá da terra um vasto rio,
Quanto Deus crear póde, tudo e munto ;
Quem delle não gosar, fica vasio ;
Se o mundo a uma alma basta, eu não pergunto ;
Que ella goze infinitos, sempre eu fio ;
Que qual hydropesia verdadeira,
Quantos mais possuir, tantos mais queira.

XLIV

Toda essa gloria, que me tens pintado,
Sem mais que um bem do mundo circumscripto,
Não é, Gupeva meu, mais que um bocado,
Para quem só se farta do infinito :
E quando tudo o mais se haja logrado,
Se é um bem transitorio, se é finito,
Em breve has de sentir e sem remedio
Do futuro ancia e do passado tedio.

XLV

Deus, caro amigo meu, é Deus sómente
Quem póde saciar nossa vontade :
Chegar á parte aonde o ver contente,
E vel-o alli por toda a eternidade :
Todo o bem nelle está summo e eminente,
Honra, gloria, grandeza, magestade,
Esta, é se discorreres em bom siso,
A idéa, que has de ter de um Paraiso.

XLVI

Porém narra-me em tanto o que se pensa
Entre vós dos principios deste mundo :
Quando? como ? por quem na idéa immensa
Se tomou a medida ao céo profundo ?
Qual foi o homem primeiro e de qual crença ?
Ou se noticias tens do Adão segundo ?
De qual origem sois ou de qual gente ?
Ou quem veio a provar tal continente ?

XLVII

Memoria nunca ouvi (Gupeva disse) (15)
Onde o homem nascesse ; más comprendo
Que houve principio em fim que o produzisse ;
Que sem fim e principio eu nada entendo ;
Como o creou não sei ; e bem que o visse
Não pudêra entendel-o ; conhecendo
Que entre o nada e o ser ha tal distancia,
Que a ti te creio igual nesta ignorancia .

XLVIII

O primeiro homem na geral lembrança,
A tradição dos velhos mais antigos,
Antes do grão diluvio não alcança :
Sabemos só que uns homens inimigos,
Do forte braço na fallaz confiança,
Enchêram todo o mundo de perigos
E déram causa que o diluvio extenso
N'um pégo sepultasse a terra immenso.

XLIX

Do renovado mundo o patriarca
Desde o alto monte, onde escapou, descendo,
Depois que a gran canôa e immensa barca,
Em que ao alto subio, foi fundo tendo;
Na prole immensa dominou monarcha
E as varias tribus dividido havendo
Por continentes, e ilhas do mar fundo,
De toda a gente é pai, que habita o mundo.

L

Predisse o justo velho o grão castigo,
E os homens exhortando á penitencia ;
Nem á vista do proximo perigo
Chamal-os poude á justa obediencia :
Cançado então Tupá da paz amigo
Do cruel latrocinio e da violencia,
Quiz por vingar-se o Padre omnipotente
Com aguas apagar a chamma ardente.

LI

Faz que se abram do céo, que aguas encerra,
As catadupas, como immensos rios;
E que a face innundando-se da terra,
Se affoguem bons e maus, justos e impios:
Os elementos em desfeita guerra
Confundem-se em medonhos desafios;
Cahe um mar desde o céo e na mesma hora
Manda a terra do centro outro mar fòra.

LII

Já rota a margem, que nas brancas praias
A's ondas posto tinha o grão sob'rano;
Passam as aguas das extremas raias.
Onde se ajunta com o monte o plano:
O peixe nadador nas altas faias
No ninho está do aligero tucano;
E em seios as balêas ver puderas,
Covis dos tigres e antros de pantheras,

LIII

Iam em tanto os homens miserandos
De um monte a outro por fugir das aguas,
E sem destino algum bandos e bandos
Correndo gritam com piedosas magoas:
E os céos deprecam, que os escutem Crandos;
Mas a ira de Tupá com justas fragoas
Fulminando centelhas e coriscos,
Faz maiores os damnos, do que os ricos.

LIV

Via-se em longa taboa mal segura
Nadar sobr' agua a mãi desventurada ;
E tendo ao collo appensa a creatura,
Ora è n'agua abatida, ora elevada ;
Quem desde o alto das casas se pendura,
Quem fabrica de lenhos a jangada ;
Qual da fome mortal horror concebe,
E crê que é menos mal, se a morte bebe.

LV

Tamandaré porém de Tupá amigo,
Em quanto gran procella horrivel sôa,
Salva o naufrago mundo pelo abrigo,
Que aos filhos procurou na gran canôa :
E a barca por memoria do castigo
Elevada deixou sobre a corôa
Das altas serras, que na fama claras,
Tem nome similhante ao das araras. (16)

LVI

D'aqui por varias terras espalhados
Os homens foram, que seus netos cremos ;
Uns que a fronte de nós deixou queimados,
O claro sol, que nasce em seus extremos : (17)
Outros, que habitam climas apartados,
Dessa côr branca, que em teu rosto vemos ;
Divididos do mar, por onde as prôas
Endireitam a nós vossas canôas.

LVII

Se sois de nós, se nós das vossas gentes,
São cousas que nós todos ignoramos ;
Pois do paterno chão sempre contentes,
D'outras terras e tempos não cuidamos :
Mas vós, que os mares passeiais ingentes,
Podereis inferir, se os que aqui estamos,
Depois que de um pai só todos nascemos,
Com alguns entre vós nos parecemos.

LVIII

Que se em vós houve ou ha quem assim trate, (18)
Quem se governe assim, quem edifique,
Ou quem com armas, como nos combate,
Quem toda á caça, como nós se applique :
Se ha quem devore os homens, quando os mate ;
A quem o feroz vulto imberbe fique,
Desde Tamandaré, que é pai das gentes,
Podemos crer que são nossos parentes.

LIX

Conserva-se n'um povo o antigo rito,
Se o não altera o rito do estrangeiro ;
E sempre algum vestigio fica escripto
Por tradição do seculo primeiro.
Vós sabereis, se a historia tenha dito,
Que houve tempo, em que o mundo quasi inteiro,
Sem sabermos uns d'outros se habitasse ;
E como nós erramos, tudo errasse.

LX

Se os mares nunca d'antes navegados
Discorrestes por climas differentes,
Sabereis d'outros homens separados,
Descobertos talvéz das vossas gentes,
Que por estreitos, póde ser, gelados,
Transitaram nos nossos continentes ;
Vós direis se homens ha na roxa aurora
Nús e pintados, como nós agora ?

LXI

E porque saibas mais nosso costume,
Onde julgues melhor da antiga origem,
Dir-te-hei como, seguindo o impresso lume,
As prudentes nações cá se dirigem ;
Nem do vicio de muitas se presume
Contra aquellas; que sabias se corrigem ;
Que tambem entre vós creio se escuta
Quem tem boas leis, tem má conducta.

LXII

De Tupá, que o trovão com fogo manda,
Trememos, como vês, espavoridos ;
Mas quando vemos que a procella abranda,
Ficam os homens de Tupá esquecidos :
E bem suspeito que nes'outra banda
Succeda assim, se o horror vem dos sentidos ;
E que entre vós tambem gente se veja
Que não temem Tupá senão troveja.

LXIII

Quem o blasfeme, affronte ou quem o chame
A ser-lhe testemunha, quando mente,
Nnnca se ouve entre nós com furia infame (19)
E só de o imaginar se assombra a gente.
E' raro quem o adore ou quem o ame;
Mas mais raro será quem insolente
Tenha do summo Ser tão céga incuria
Que trate o nome seu com tanta injuria.

LXIV

De externo culto a Deos ha pouco indicio;
Senão é no que estimas bruto engano
De fazermos cruento sacrificio,
Não do sangue brutal, porém do humano. (20)
Vejo á luz da razão, que é feio vicio,
Que ao instincto repugna pôr tyranno;
Mas matar quem nos mais o crime atiça,
Não é victima digna da justiça?

LXV

A justiça do céo reconhecemos
Contra quem delinquente a profanasse;
Pondo supplicios contra os máos extremos,
E em justo sacrificio a pena dá-se.
O malfeitor, o réo, quando o prendemos,
Com sacro rito a ceremonia faz-se;
Que quem no sangue impio a Deos vindica,
Este o aplaca sómente e sacrifica. (21)

LXVI

A fórma do governo por abuso
Anarchico entre nós sem lei se off'rece,
Mas nos que fazem da razão bom uso
Justa legislação reinar parece :
Nem nos tomes por povo tão confuso,
Que um publico poder não conhecesse ;
Ha senado entre nós sabio e prudente, (22)
A quem o nobre cede e a humilde gente.

LXVII

Vagamos sempre e nunca um firme assento
Nos deixam ter da caça os exercicios :
Buscamos nella os proprios alimentos,
E habitamos onde a ha ou della indicios :
E estes são de ordinario os fundamentos
De occupar-nos em bellicos officios :
Verás as gentes em continuo choque
Sobre a quem o terreno ou praia toque.

LXIII

Em varias castas e nações diversas
Dividido o sertão vagar costuma ;
E bem que vagabundas e dispersas,
Confederam-se as tabas de cada uma : (23)
Em guerra e paz e em sedições perversas
Ao patrio nome não se nega alguma ;
E se o senado o quer, por justos modos
Põem-se todos em paz e armam-se todos.

LXIX

São nos senados membros e cabeças
Os velhos sabios, capitães valentes ;
Os que tem soccorrido em grandes pressas
Com conselhos á patria mais prudentes :
Destes as ordens dimanando expressas,
Um só se não verá nas nossas gentes,
Que rompa, não cedendo a potestade,
Este laço da humana sociedade.

LXX

Destes uns da suprema divindade
Ministros são, que nos festivos dias, (24)
Fazendo-se qualquer solemnidade,
O povo exhortam com lembranças pias :
Honram cantando a eterna magestade,
Com sons, que para nós são melodias ;
Cousas, que se anhanhá corrompeu tanto,
Vè-se que nascem de principio santo.

LXXI

Estes chefes do culto venerando
Mantém-nos a oblação do povo crente ;
São mestres santos e por nós orando,
O lume da razão mostra evidente
Que em tão sublime officio ministrando,
Tem direito a que o publico os sustente ;
Pois nelles é mais justo que a lei valha
De comer cada um donde trabalha.

LXXII

Punimos o homicidio ; quem mutila;
Quem bate ou fere não evita a pena :
A sentença elle a dá. Deve subil-a (25)
Qual foi a culpa, com justiça plena :
Quem matou, morrer deve : assim se estila,
Por lei sagrada, que a equidade ordena.
Quem cortou pé ou mão, braço ou cabeça,
No pé, no braço e mão tanto padeça,

LXXIII

A fé do matrimonio bem declara (26)
Que o vago amor a lei offenderia,
Se se pudera usar sem que um casára,
Quem é que neste mundo casaria ?
Deve morrer quem quer que adulteràra ;
Sem isso quem seu pai conheceria ?
E o que extermina a patria potestade,
Quem não vê que repugna a humanidade ?

LXXIV

Quem pai ou mãi conhece com incesto,
Ou quem corrompe a irmã, padece a morte :
Nos officios dos pais é manifesto (27)
Que confusão nascêra desta sorte.
Ser a filha mulher, não fôra honesto,
Dominando em seu pai como consorte :
Se o irmão no matrimonio á irmã seguira,
Sempre o genero humano mal se unira.

LXXVI

Deve a humana geral sociedade,
Para gozar da paz com doce laço,
Vincular dos mortaes a variedade (28)
De um consorcio feliz no caro abraço :
Deu-nos o céo por orgão da amizade,
Deu-nos como outra mão, como outro braço
A consorte, em que o amor com fé excite ;
Não por pasto brutal de um appetite.

LXXVI

E houvera sem prisão, que é tão suave,
Dominando entre os homens desde o Averno
A discordia cruel e a inveja grave,
A conter-se o hyminêo no amor fraterno :
Nasce do amor a paz : o amor é a chave,
E' o doce grilhão, vinculo eterno,
Que se o vil interesse algum desune,
Os peitos abre e os corações nos une.

LXXVII

Movidos deste fim por são costume,
Julgáram nossos pais na antiga idade
Que se offende no incesto o impresso lume,
Como contrario á paz da sociedade :
E se do céo preside o santo Nume
Ao socego da triste humanidade,
Quem duvida que estime pouco honesto
Conhecer-se os irmãos com feio incesto ?

LXXVIII

Entre nós quem elege a esposa amada,
Pede ao pai ou parente ; e sem pedil-a,
Não se julgára a femea desposada,
Por deixar a familia assim tranquilla :
Que se orphã fosse acaso abandonada,
Só pertence ao visinho q permittil-a ;
E convindo ou seu pai ou seu parente,
E' sem mais matrimonio de presente.

LXXIX

Furto entre nós não ha : de que ha de havel-o ?
O que ha, come-se logo ; e sem que o enfade,
Um tira d'outro o que acha, por comel-o ;
E anda ao pé da pobreza a caridade :
A calumnia, a traição, o amargo zelo
Tem por pena a commua inimizade :
Nem ha, se o entendo bem, maior castigo
Que o mundo todo ter por inimigo.

LXXX

Outra lei depois desta é fama antiga,
Que observada já foi das nossas gentes ;
Mas ignoramos hoje a que ella obriga,
Porque os nossos maiores pouco crentes,
Achando-a de seus vicios inimiga,
Recusáram guardal-a, mal contentes :
Mas da memoria o tempo não acaba,
Que pregára Sumé santo emboabà. (29)

LXXXI

Homem foi de semblante reverendo,
Branco de côr, e como tu, barbado,
Que desde donde o sol nos vem nascendo,
De um filho de Tupá vinha mandado :
A pé sem affundar (caso estupendo !)
Por esse vasto mar tinha chêgado ;
E na santa doutrina, que ensinava,
Ao caminho dos céos todos chamava.

LXXXII

Com grande mágoa ignora-se o que disse ;
Mas não se ignora, que da santa boca
Um conselho utilissimo se ouvisse
De plantar e moer a mandioca :
Que havia de tornar, também predisse,
Desde o céo, a que amigo nos convoca,
E na terra ou no ceo, que elle estivéra,
Eu o iria a encontrar, se elle não viera.

LXXXIII

Contam que quando aos nossos cá pregava
Poder mostrára tal nos elementos,
Que ás ondas punha lei, se o mar se irava
E de um aceno só domava os ventos :
Os mattos se lhe abriam, quando entrava,
E os tigres feros a seus pés attentos ;
Pareciam ouvir, como a outra gente,
Festejando-o co'a cauda brandamente.

LXXXIV

As aguas donde quer, em rio, ou lago,
Se as chegava a tocar com pé ligeiro,
Não pareciam do elemento vago,
Mas pedra dura, ou solido terreiro:
Só com chamar seu nome, cessa o estrago,
Se o furacão com horrido choveiro,
Quando na nuvem negra se levanta,
Ou derriba a cabana, ou quebra a planta.

LXXXV

Porém negando ás prégações o ouvido,
Vinha o caboclo do sertão mais bruto
Contra o justo Sumé de Deos querido
A matal-o, e comel-o resoluto:
Pudéra elle fazer, sendo offendido,
Que elles colhessem da cegueira o fructo;
Mas pede só prostrado a Deos que o crêe,
E que a ignorancia aos miseros perdôe.

LXXXVI

Os féros pois na furia contumazes
Tomam as fréchas, e bramindo atiram;
(Mas quando pelos teus, Tupá, não fazes!)
Contra quem atirou pelo ar se viram:
E nem assim se mostram mais capazes
Dos annuncios de paz, que em tanto ouviram,
Deixa-os Sumé, e um rio aborda cheio,
E só com pôr-lhe um pé partio-o ao meio.

LXXXVII

Contam (e a vista faz que a gente o crêa)
Que onde as correntes d'agua arrebatadas,
Se vão bordando com a branca arêa,
Ficáram de seus pés quatro pégadas :
Vem-se claras, patentes, sem que a vêa
As tenha d'agua no seu ser mudadas :
E enxerga-se mui bem sobre os penedos
Toda a fórma do pé com planta e dedos.

LXXXVIII

Assim Gupeva concluio, dizendo,
Nem mais tempo ao discurso haver podia
Por aviso, que os campos vem batendo
Turba inimiga em vasta companhia :
A's armas, grita, ás armas, e o éco horrendo,
Retumbando nas arvores sombrias
Fez que as mãis, escutando os murmurinhos.
Apertassem no peito os seus filhinhos.

LXXXIX

Não te espantes, diz Diogo ; não alteres
A paz dentro as cabanas bellicosas ;
Em quanto novas certas não souberes,
Basta pôr guardas nos confins forçosas :
De noite não te empenhes, se temeres
Que te invadam com tropas numerosas,
Põe-te na defensiva ; e bem que treme,
Quem te busca de noite, e quem te teme.

XC

Quanto mais que o trovão nas mãos preparo
Contra teus inimigos neste affogo;
Nem duvides que logo que o disparo,
Tudo em chammas não vá, tudo arda em fogo:
Disse, e ao favor sahio de um luar claro,
Disparando o mosquete em marcio jogo;
E em quanto atira, todo o bosque atrôa
Pelo horror da bozina, com que sôa.

XCI

Qual dos monos talvez tropa nojosa
Sahio do int'rior mato em negro bando;
E se a frécha um derriba, vai medrosa
Em fuga pelas arvores saltando:
Tal ouvindo a bozina pavorosa,
E o arcabuz com trovão relampagueando,
Correm, cahem, despenham-se na estima
De que o céo todo lhe cahia em cima.

(1) *Legiões do Averno.*—E' constante o conhecimento que tem os barbaros da America dos espiritos infernaes. De quem o aprenderam? Quem lhes inspirou estes sentimentos? Respon dam os materialistas, e libertinos? Como era possivel que concordassem com as outras gentes estas nações ferinas, e sem algum commercio? Como era factivel que conservassem depois de tantos seculos tão clara noção de espiritos separados?

(2) *Um Deos.*—E' injuria que se faz por alguns authores aos brazilienses, suppondo-os sem conhecimento de Deos, lei, e rei. Elles tem a voz *Tupá* com a especial significação de um ente supremo, como sabemos dos missionarios e dos peritos dos seus idiomas.

(3) *Mas se antevisse.*—Não admittimos em Deos sciencia condicionada. e exploratoria; mas é certo que com determinado conhecimento conhece nos objetos as suas condições, e que na execução ao menos priva da sua graça alguns, que antevê que abusaram livremente della.

(4) *Espirito immortal.*—Os babaros americanos tem distincta idéa da immortalidade da alma, do paraiso, do inferno, da lei, etc. Veja-se Martiniere, Ozorio *de rebus Emmanuelis*, e outros. Grande argumento contra os libertinos e materialistas. Pois quem lhes transfundio estes conhecimentos, senão a antiga tradição dos tempos diluvianos, e a harmonia, que estas tradições tem com a natureza?

(5) *Laço eterno.*—A verdade, e indelevel impressão que della sentimos no espirito, é um grande argumento da immortalidade, a que recorreram maiormente Platão, Santo Agostinho, etc. Convence-se dos costumes e ritos dos brazilienses a antiga persuasão, que tem da immortalidade da alma.

(6) *Providencia.*—O argumento da pena e castigo, que se deve aos injustos, e do premio, que se concede aos bons é prova innegavel da immortalidade da alma, supposta a Divina Providencia, porque vemos morrer sem premio a piedade de muitos, e sem castigo a injustiça.

(7) *Destino.*—E' esta a invencivel e universal prova de ser mortal a alma do bruto; porque por experiencia, e pela sua organisação vemos que tem um fim limitado, temporal e ordenado a servir o homem na vida mortal. Tudo ao contrario o homem mesmo.

(8) *E se immortal nascêra.* A—immortalidade por natureza, e essencia é privilegio da divindade. Adão nasceu immortal por graça.

(9) *Canções.*—Sei que Martiniere affirma não ter ouvido nas canções brazilienses indicios de religião. Mas supponho bem que não veria todas; e creio que seja impossivel terem elles conservado as tradições, que o mesmo autor confessa, sem este, ou igual meio.

(10) *Que nos decreta.*—Todos estes ritos, que subsistem nos americanos, convencem que as almas sobrevivem aos corpos, e que são por tanto immortaes.

(11) *Tamandaré.*—Noé, segundo as noções do diluvio que depois veremos.

(12) *Montanhas.*—Crêm os brazilienses que no meio das montanhas, que dividem o Brazil do Perú, ha valles profundissimos aonde são punidos os impios. Idéa expressa do inferno, em que concordam com todas as gentes, e dão claro signal nesta perssuasão de saberem-no por tradição original dos primeiros, que povoáram a America. Não póde haver argumento mais convincente para encher de confusão os deistas, libertinos, e materialistas. Uma tradição tão antiga, tão firme nestes barbaros, é ella uma invenção por ventura de alguns homens supersticiosos e impostores das nações d'Asia, ou da nossa Europa?

(13) *Além da grã montanha.*— Os barbaros crêm que haja lugar destinado para premio dos bons, e collocma-no além das montanhas do Perú.

(14) *Uma ave.*— Persuadem-se os brazilienses haver uma ave, que chamam Colibri, a qual leva e traz noticia do outro mundo. Argumento innegavel da sua crença sobre a immortalidade da alma.

(15) *Memoria.*— Não tem os indigenas do brazil idéa da creação, mais só de Noé, e do diluvio, e mui confusa dos homens anti-diluvianos. Todo argumento para convencer os incredulos da historia sagrada, e do diluvio universal nella referido. Veja-se Sebastião da Rocha Pitta e Francisco de Brito Freire na Historia Brazilica.

(16) *Araras.*— Entende o poeta os montes Ararat onde ficou a arca.

(17) *O claro sol.*— Entende os africanos, que ficam ao oriente da America.

(18) *Que se em vós houve.*— A maior parte destes signaes se acham nos tartaros da Coréa, e em outros selvagens fronteiros á California. Nem duvidamos que estes, gelando-se alli os mares, passassem ao continente da America pela parte mais septentrional.

(19) *Nunca se ouve.*— O juramento, blasfemia e imprecação são vicios ignorados entre os nossos selvagens, e rarissimos entre os tartaros.

(20) *Do humano.*— Não ha indicio de sacrificio nos indigenas brazilienses; mas sendo as vitimas humanas praticadas no Mexico, Perú, e em outras nações da America, persuadimo-nos que a solemnidade dos homicidios nos habitantes do sertão é um vestigio dos sacrificios costumados entre os mais americanos.

(21) *Sacrificio.*— O sacrificio é com effeito uma destruição da victima, e, como expiatorio, satisfazia á justiça com o sangue.

(22) *Ha Senado.*— Todos os que escrevem os costumes dos brazilianos, confessão que presidem ao seu governo os anciãos, e os principes das Tahas, ou aldêas: e que outra cousa é o senado?

(23) *Tabas.*—Assim chamam os brazilienses ás suas aldêas. Veja-se o Diccionario da Grammatica e lingua Brazilica na voz *Taba.*

(24) *Ministros são.*—Especie de sacerdocio nos brazilianos: e consta que os póvos concorrem para o seu sustento com offertas.

(25) *A sentença elle a dá.*—Os autores da historia brazilica descobrem nos barbaros do sertão a lei célebre de Talião. Da mesma sorte lhes attribuem leis para punir o adulteiro e o incesto em primeiro e segundo gráo.

26 *A fé do matrimonio.* Martiniere affirma que os brazilienses Celibes não guardam alguma honestidade. Será dissolução da gente barbara; mas a constante tradição de conjugarem-se em matrimonio é argumento, de que repugna aos seus costumes a Venus vaga e sem freio.

(27) *Nos officios dos pais.*—E' a razão sufficiente por onde se faz illicito o incesto. Repugna á patria potestade servir á esposa; e entregar-lhe o poder sobre o seu corpo, sendo ella sua filha; isto é, inteiramente sujeita ao seu dominio.

(28) *Dos mortaes a variedade.*—Razão sufficiente, por onde repugna aos direitos da sociedade o incesto em segundo gráo. Impederia o commercio, e confederação do genero humano o restingirem-se os matrimonios aos irmãos: e naturalmente se restringiriam pela occasião, se fossem licitos.

29 *Sumé.*—O padre Nobrega, primeiro, e insigne missionario do Brazil, refere quanto aqui dizemos do apostolo S. Thomé. Veja-se o padre Antonio Franco na *Imagem da Virtude*, escrevendo a vida do mesmo Nobrega,

CANTO IV

I

Era o invasor nocturno um chefe errante,
Terror do sertão vasto, e da marinha,
Principe dos Caetés, nação possante,
Que do grão Jararáca o nome tinha ;
Este do Paraguassú perdido amante,
Com ciumes da donzella, ardendo vinha ;
Impeto que á razão, batendo as azas,
Apaga o claro lume e accende as brazas.

II

Dormindo estava Paraguassú formosa,
Onde um claro ribeiro á sombra corre ;
Languida está, como ella, a branca rosa,
E nas plantas com calma o vigor morre :
Mas buscando a frescura deleitosa
De um grão maracujá, que alli discorre,
Recostava-se a bella sobre um posto,
Que eucobrindo-lhe o mais descobre o rosto.

III

Respira tão tranquilla, tão serena,
E em languor tão suave adormecida,
Como quem livre de temor, ou pena,
Repousa, dando pausa á doce vida :
Alli passar a ardente sésta ordena,
O bravo Jararáca a quem convida,
A frescura do sitio e sombra amada,
E dentro d'agua a imagem da latada.

IV

No diaphano reflexo da onda pura
Avistou dentro d'gua buliçosa,
Tremulando a bellissima figura,
Pasma, nem crê que imagem tão formosa
Seja cópia de humana creatura :
E remirando a face prodigiosa,
Olha de um lado e d'outro, e busca attento,
Quem seja original deste portento.

V

Em quanto tudo explora com cuidado,
Vai dar co's olhos na gentil donzella ;
Fica sem uso d'alma arrebatado,
Que toda quanta tem se occupa em vel-a :
Ambos fóra de si, desacordado
Elle mais, de observar cousa tão bella,
Ella absorta no somno, em que pegára,
Elle encantado a contemplar-lhe a cara.

VI

Quizera bem fallar, mas não acerta,
Por mais que dentro em si fazia estudo :
Ella de um seu suspiro olhou, desperta ;
Elle daquelle olhar ficou mais mudo ;
Levanta-se a donzella mal coberta ;
Tomando a rama por modesto escudo ;
Poz-lhe os olhos então, porém tão féra,
Como nunca a belleza ser pudéra.

VII

Vôa, não corre pelo denso mato
A buscar na cabana o seu retiro ;
E indo elle a suspirar, vê que n'um acto,
Em meio ella fugio do seu suspiro ;
Nem torna o triste a si por longo trato,
Até que dando á magoa algum respiro,
Por saber donde habite, ou quem seja ella,
Seguio, voando, os passos da donzella.

VIII

De Taparica um principe possante,
Que domina e dá nome á fertil ilha,
Veio em breve a saber o cégo amante
Ter nascido a formosa maravilha ;
Pedio-lhe Jararáca, vendo diante,
Ao lado de seus pais, a bella filha :
Convem todos ; mas ella não consente,
Porque a mais aguardava o céo potente.

IX

Ardendo, parte o bravo Jararáca
D'ancia, de dôr, de raiva, de despeito ;
E quanto encontra, embravecido ataca
Com sombras na razão, fúrias no peito ;
E vendo a chamma, o pai, não se aplaca,
Por dar-lhe esposo de maior conceito,
Por consorte Gupeva lhe destina,
Com quem no sangue e estado mais confina.

X

Logo que por cem bocas vaga a fama
Do esposo eleito a condição divulga,
Irado o caeté, raivando brama ;
Arma todo o sertão, guerra promulga,
Tudo accendendo em bellicosa chamma,
Investir por sorpreza astuto julga,
Com que a causa da guerra se conclua,
Ficando Paraguassú ou morta, ou sua.

XI

Mas sendo de improviso em terror posto,
E ouvindo do arcabuz a fama e effeito,
Não permitte que o susto assome ao rosto
Mas reprime o temor dentro em seu peito
Convoca um campo das nações composto,
Com quem tinha alliança em guerra feito,
E excitando na plebe a voraz sanha,
Cobre de legiões toda a campanha.

XII

Em seis brigadas da vanguarda armados,
Trinta mil Caetés vinham raivosos, (1)
Com mil talhos horrendos deformados,
No nariz, face e boca monstruosos:
Cuidava a bruta gente que espantados
Todos de vel-os, fugiram medrosos;
Feios como demonios nos acenos,
Que certo se o não são, são pouco menos.

XIII

Da gente féra, e do brutal commando
Capitão Jararàca eleito veio;
Porque na catadura e gésto infando
Entre outros mil horrendos é o mais feio:
Que uma horrivel figura peleijando,
E' nos seus bravos militar aceio;
E traz entre elles gala de valente,
Quem só a cara faz fugir a gente.

XIV

Dez mil a negra côr trazem no aspecto.
Trinta de escura noite a fronte impura:
Negreja-lhe na testa um cinto preto,
Negras as armas são, negra a figura.
São os feros Margates, em que Alecto
O Averno pinta sobre a sombra escura;
Por timbre nacional cada pessoa
Rapa no meio do cabello a corôa.

XV

Cupaiba que empunha a fera maça,
Guia o bruto esquadrão da crua gente ;
Cupaiba, que os miseros que abraça,
Devora vivos na batalha ardente :
A' roda do pescoço um fio enlaça,
Onde, de quantos come, enfia um dente ;
Cordão, que em tantas voltas traz cingido,
Que é já mais que cordão longo vestido,

XVI

Urubú, monstro horrendo e cabelludo,
Vinte mil Ovecates fero doma ; (2)
Por toda a parte lhe encobria tudo
Como terrivel figura a hirsuta coma
Monstro disforme, horrendo, alto e membrudo,
Que a imagem do leão rugindo toma,
Tão feio, tão horrivel por extremo,
Que é formoso a par delle um Polyfemo.

XVII

Fogem todo do commercio da mais gente ;
Ou se vissem a tratar forçados,
Que lhe possam chegar nenhum consente,
Senão trinta, ou mais passos apartados :
Se alguns se chegam mais, por imprudentes,
Como leões , ou tigres esfaimados,
Mordendo investem os que incautos foram,
E a carne crua, crua lhe devoram.

XVIII

Sambambaia outra turma conduzia,
Que as aves no fréchar tão certa vexa,
Que nem voando pela etherea via
Lhe erravam tiro da volante fréclia :
Era de pluma o manto, que o cobria;
De pluma um cinto, que ao redor se fecha ;
E até grudando as plumas pela cara,
Nova especie de monstro excogitára.

XIX

Seguem-no dez mil Maques, gente dura,
Que em cultivar mandioca exercitada,
Não menos util é na agricultura,
Que valente em batalhas com a espada :
Tomáram estes, como propria cura,
De viveres prover a gente armada;
Quaes torravam o aipí ; quem mandiocas ; (3)
Outros na cinza as candidas pipocas.

XX

Obom Sergipe aos mais confederado
Comsigo conduzia os Petiguares ;
Que havendo pouco d'antes triumphado,
Ten do doente inimigo amplos collares :
Seguem seu nome em guerras decantado
De gentes valerosas dez milhares,
Que do ferre madeiro usando o estoqne ;
Disparavam com balas o bodoque.

XXI

Nem tu faltaste alli, grão Pecicava,
Guiando o Carijó das aureas terras ;
Tu que as folhetas do ouro, que te ornava,
Nas margens do rio desenterras ;
Torrão, que do seu ouro se nomeava,
Por crear do mais fino ao pé das serras ;
Mas que feito emfim baixo e mal prezado,
O nome teve de ouro inficionado. (4)

XXII

Muitos destes é fama que traziam
Desde alto cerro, que habitavam d'antes,
Com pedras, que nos beiços embotiam
Formosos e bellissimos diamantes :
Outros aureos topasios lhe ingiriam ;
Alguns safras e rubins flammantes ;
Pedras, que elles desprezam, nós amamos :
Nem direi quaes de nós nos enganamos.

XXIII

O feroz Sabará move animoso
Dos de Agirapiranga seis mil arcos ;
Homens de peito em armas valeroso,
Que de sangue em batalhas nada parcos,
Deixaram seu terreno deleitoso,
Por mátos densos, pantanosos charcos ;
E ouvindo dos canhões o horrendo estouro,
Passaram desde o mar ás minas de ouro.

XXIV

Seguia-se nas forças tão robusto,
Quanto no aspecto feio, e em traje horrendo,
Um, que com fogo sobre o torpe busto
Dous tigres esculpira combatendo ;
Este é o bravo Tapú, que enche de susto
Tudo, c'o o grão Tacape accommettendo ;
E que mil cutiladas dando espessas,
Derriba troncos, braços, e cabeças.

XXV

Debaixo do seu mando em dez fileiras
Doze mil Italis formados hiam ;
Surdos, porque habitando as cachoeiras,
Com o grão rumor d'agua ensurdeciam ;
Pendem os seus marraques por bandeiras (6)
De longas astes, que pelo ar batiam,
Supprindo nos inconditos rumores
O ruido dos bellicos tambores.

XXVI

Em guerreiras columnas, feroz gente,
Que no horror da figura assombra tudo,
Trazem por armas uma massa ingente,
Tendo de duro lenho um forte escudo ;
Frechas e arco no braço armipotente ;
Nas mãos um dardo de páo santo agudo ;
Sobre os hombros a rede, á cinta as cuias,
Tal era a imagem dos crueis Tapuias.

XXVII

Quarenta mil de côr todos vermelha,
Conduz ao campo o forte Sapucaia :
Dez mil que tem furada a longa orelha,
São Amazonas de feminea laia ?
E' o amor eonjugal que lhe aconselha
A descer dos sertões á vasta praia,
Por achar-se nos lances mais temidos,
Ao lado sem temor dos seus maridos.

XXVIII

Brava matrona de coragem cheia,
A qnem o marcio jogo uão perturba,
Na fórma bella, mas por arte feia,
Vai commandando na feminea turba :
Deram-lhe o nome os seus da grã baleia ;
Nome, que ouvido os barbaros disturba ;
De namorados uns que a tem por bella,
Mas outros com mais causa por temel-a.

XXIX

Ouve-se rouco som, que o ouvido atrôa,
Retumbando com éco a voz horrenda
De um grosseiro instrumento, que a arma sôa,
Com que se inflamma entre elles a contenda :
E quando o horrivel som mais desentôa,
Faz que no peito mais furor se accenda ;
De retrocidos páos são as cornetas ;
De ossos humanos frautas e trombetas.

XXX

Com batalhões a espaços separados
Triplicado cordão se vê composto ;
E em silencio admiravel ordenados,
Ao redor vão do outeiro em meio posto ;
Costuma um orador fallar-lhe a brados,
E ardendo-lhe mil furias sobre o rosto,
O ar co'a espada furibundo corta,
E a combater valente a turba exorta.

XXXI

Jararáca no mando então primeiro,
Ao sacro e civil rito presidia,
E no mais alto do sublime outeiro
Entre um senado ancião se distinguia :
Aos outros na estatura sobranceiro
A's costas de um Tapuia, que o trazia,
De um lado a outro magestoso corre,
E com geral silencio assim discorre.

XXXII

Paiaias generosos, hoje é o dia,
Que aos vindouros devemos mais honrado ;
Em que mostreis que a vossa valentia
Não receia o trovão, subjuga o fado ;
Sabeis que de Gupeva a concordia
Por filho do trovão tem acclammado,
Um imboaba, que do mar viera, (7)
Por um pouco de fogo que accendêra.

XXXIII

Prostrado o vil aos pés desse estrangeiro,
Rende as armas com fuga vergonhosa,
E corre voz que o adora lisonjeiro ;
E até lhe cede com o sceptro a esposa
E que póde nascer de erro grosseiro,
Senão que em companhia numerosa
As nossas gentes o estrangeiro aterre,
E que a uns nos devore, outros desterre ?

XXXIV

Se o sacro ardor, que ferve no meu peito,
Não me deixa enganar, vereis que um dia
(Vivendo esse impostor) por seu respeito
Se enchêra de Imboabas a Bahia :
Pagaram os Tupís o insano feito,
E vereis entre a bellica porfia,
Tomar-lhe esses estranhos já visinhos,
Escravas as mulheres c'os filhinhos.

XXXV

Vereis as nossas gentes desterradas
Entre os tigres viver no sertão fundo
Captiva a plebe, as Tabas arrombadas ;
Levando para além do mar profundo
Nossos filhos e filhas desgraçadas ;
Ou quando as deixem cá no nosso mundo,
Poderemos soffrer Paiaias bravos,
Ver filhos, mãis e pais feitos escravos ?

XXXVI

Mas teme o seu trovão: e tanto opprime
O medo aquelle vil, que não pondera
Que por esse trovão, que não reprime,
Ha de ver cheia de trovões a esphera?
Que grande mal será, se o raio imprime?
Se o mundo por um raio se perdêra,
Susto podera ter, cobrar espanto:
Porém morre de medo, que é outro tanto.

XXXVII

Eu só, eu proprio no geral desmaio
Ao relampago irei sem mais soccorro;
E quando elle dispare o falso raio,
Ou descubro a impostura, ou forte morro:
Será de nigromancia um torpe ensaio,
Com que o astuto pretende, ao que discorro,
Fazer que a nossa tropa desfalleça,
Antes que a causa do terror conheça.

XXXVIII

Que se fôr (que o não creio) o estrondo infando
Do sublime Tupá triste ameaça,
Fará como costuma, trovejando,
Que matando um, ou outro a mais não passa:
Se eu vir que o raio horrivel vai vibrando,
A um homem como eu, nada embaraça:
Se fôr mortal quem causa tanto abalo,
Por meio ao proprio raio irei matal-o.

XXXIX

Sú, valentes ; sú, bravos companheiros,
Tomai coragem : que será no extremo ?
Embora seja um raio verdadeiro :
Senão é Deos que o lança, eu nada temo.
Seja quem quer que fôr o autor primeiro,
Como não seja o Creador Supremo,
Não ha forças creadas que nos domem:
Que sobre tudo o mais domina o homem.

XL

Disse o grão chefe assim e entre os furores,
Com a mão, que já tinha levantada,
Bate na espadua aos principes maiores,
E dá-lhes, *Orsú* dizendo, uma palmada : (8)
Uns nos outros as deram não menores,
Que assim se incita a multidão armada :
Vinguemo-nos, (gritando) companheiros,
Bem que foram seus raios verdadeiros.

XLI

Jararáca depois (que é sacro rito)
Lança furioso as mãos a quanto abrange ;
E abrindo a enorme boca em fero grito,
E escuma e freme e ruge e os dentes range ;
Como do mal herculeo o enfermo afflicto
A convulsão a retrocer constrange :
Depois fallando aos principes, bafeja,
E o espirito de força lhe deseja

XLII

Ceremonia esta foi do patrio uso,
Vestigio nacional da antiga idade ;
Que acaso corrempeu magico abuso,
Tendo talvez principio na piedade :
Retumba do marraque o som cofuso ;
E pondo em alto o seu, com gravidade,
A' insignia, no chão tudo se inclina,
Cmo a signal de cousa mais divina. (9)

XLIII

Corresponde o bellicoso instrumento
Da feral frauta ao barbaro marraque ;
E promulgando a marcha áquelle accento
Tudo em ordem se poz ao fero ataque :
Marcham contra Gupeva, com intento
De metter nas cabanas tudo a saque :
E porque tudo assombrem com terrores,
Rompem o ar com bellicos clamores.

XLIV

Em tanto no arraial no bom Gupeva,
Sendo a invasão nocturna rechaçada,
Convocam recrutas, fazem leva
De tropa nacional, e da alliada,
Em quanto Diogo, a quem a acção releva,
Toma na gruta a polvora guardada,
E em varios fogos, que arrojou volantes,
Imita o raio em bombas fulminantes.

XLV

Era a Bahia então, donde imperava
O bom Gupeva, povoada em roda,
Pelos Tupinambás, de quem contava
Trinta mil arcos, brava gente toda :
Taparica seis mil valente armava ;
E por cumprir-se a promettida boda,
Mil Amazonas mais á guerra manda :
Paraguassú gentil todas commanda.

XLVI

Paraguassú, que de Diogo esposa
(Porque mais Jararáca se confunda)
Ia a seu lado a combater briosa,
Nem teme a multidão, que o campo inunda :
Usa com ella a tropa bellicosa
Da vulgar setta, do bodoque e funda ;
Leva Amazona um rigido colete,
E co'a espada de ferro o capacete.

XLVII

Com estas forças só (que mais recusa)
Sahe Diogo á campanha guarnecido,
Nem soffre a fórma do marchar confusa ;
Mas tudo tem com ordem repartido :
Outro corpo maior de que não usa
Deixa em guarda das Tabas prevenido ;
Tupinaquis, Viatanos, Poquiguaras, (10)
Tumimvìs, Tamviás, Canucajaras.

XLVIII

Não mais de duas leguas adiantando,
O arraial se alojava de Diogo ;
Quando o ardente Planeta vai queimando
A torrida região com vivo fogo ;
E em quanto espira no ar zephiro brando,
Buscando n'uma sombra desaffogo,
Medita a grande acção, mede o perigo,
Nem despreza por barbaro o inimigo.

XLIX

Vê bem que espanto causa a invenção nova :
Mais que o tempo consome a novidade ;
Tem sim um peito d'aço feito á prova ;
Mas vendo do inimigo a immensidade,
Por mais que balas o mosquete chova,
Reconhece em vencer difficuldade ;
Tendo notado já na bruta gente.
Que era tão contumaz, como valente.

L

Pensava assim com reflexão madura,
Quando á roda do outeiro divisava
Densa nuvem de pó, que em sombra escura
A multidão confusa levantava :
Não cessa um ponto mais : tudo assegura,
E sem temer a turba que observava,
Marcha a ganhar o alto ; e posto á fronte,
Deu á tropa em cordão por centro o monte.

LI

Já se avistava o barbaro tumulo
Das inimigas tropas em redondo:
E antes que emprendam o primeiro insulto,
Levanta-se o infernal medonho estrondo :
Os marraques, uapis, e o brado inculto (11)
Todos um só rumor, juntos compondo,
Fazem tamanha bulha na esplanada,
Como faz da tormenta uma trovoada.

LII

Tu, rápido Pagé, foste o primeiro,
De quem o negro sangue o campo inunda ;
Que com seres no salto o mais ligeiro,
Mais ligeira te colhe a cruel funda :
Paraguassú lh'atira desde o outeiro ;
Chovem as pedras, de que o monte acuda ;
E do lado, e de cima do cabeço,
Tudo abatem com tiros de arremeço.

LIII

Não ficou no combate em tanto ociosa
A frêcha do inimigo, que o ar encobre ;
Começa Jararáca a acção furiosa,
Dando estimulo ousado ao valor nobre ;
E a turba de Diogo receiosa
Foge do grão Tacápe, onde o descobre :
Que tanto estrago faz, que qualquer féra
Maior entre cordeiros não fizera.

LIV

Mas quando tudo com terror fugia,
O bravo Jacaré se lhe põe diante :
Jacaré, que se os tigres combatia,
Tigre não ha que lhe estivesse avante.
Treme de Jararáca a companhia,
Vendo a fórma do barbaro arrogante,
Que com pelle coberto de panthera,
Ruge com mais furor, que a propria féra.

LV

Avista-se um co'outro : a massa ardente
Deixam cahir com barbaro alarido ;
Corresponde o clamor da bruta gente,
E treme a terra em roda do mugido :
Aparou Jacaré no escudo ingente
Um duro golpe que o deixou partido ;
E em quanto Jararáca se desvia,
Quebra a massa no chão, com que o batia.

LVI

Nem mais espera o Caeté furioso,
E qual onça no ar, quando destaca,
Arroja-se ao contrario impetuoso,
E um sobr'outro co'as mãos peleja ataca :
Não póde discernir-se o mais forçoso ;
E sem mover-se em torno a gente fraca,
Olham luctando os dous no fero abraço,
Pé com pé, mão com mão, braço com braço.

LVII

Porém em quanto a lucta persistia,
No sangue em terra lubrico escorrega
O infeliz Jacaré ; mas na porfia
Nem assim do adversario se despega :
Sobre o chão um com outro ás voltas ia ;
E qual o doente, qual o punho emprega,
Até que Jararáca um golpe atira,
Com que rota a cabeça o triste expira.

LVIII

Nem mais espera de Gupeva a gente ;
Porque voltando em rapida fugida,
Deixam nas mãos do barbaro potente
Toda a batalha n'uma acção vencida :
Não tarda mais Diogo já presente ;
E tendo ao lado a esposa protegida,
Do outeiro desce, donde tudo observa,
E invade armado a barbara caterva.

LIX

Quem poderá dizer da turba imbelle
Quantos a forte mão talha em pedaços ?
Paraguassú valente ao lado delle,
Muitos mandava aos lugubres espaços :
Semeando por donde o golpe impelle
Troncos, bustos, cabeças, pernas, braços ;
Nem um monmento a fraca gente aguarda,
Vendo-a brandir a lucida alabarda.

LX

O menbrudo pai com tres potentes
Robustos filhos degollou co'a espada ;
E a dous nobres Caetés dos mais valentes,
Tendo a mão para o golpe levantada,
Com dous revézes, que lhe atira ardentes,
Deixou pendentes no ar co'a mão cortada ;
Bambú de um talho que a assaltal-a veio,
Co'a cabeça ficou partida ao meio.

LXI

Muitos sem nome despojou da vida,
E a quanto encontra o ferro não perdôa :
Qual se os cachorros perde embravecida,
No caçador se arroja a fera leôa ;
E entre mil dardos, de que a tem cingida,
Dando-lhe azas a dôr, saltando vôa,
E ruge e morde, e no que encontra embarra,
E onde não póde dente, imprime a garra.

LXII

Tal a forte donzella move a espada,
Ou talvez lança mão do dardo agudo,
E de mil, e mil golpes fulminada,
Rebate todos no colete e escudo :
As amazonas, de que vem rodeada,
Vendo sobre a heroina correr tudo ;
Onde quer que os contrarios se apresentam,
Accommettem, degollam, e affugentam.

LXIII

Por outro lado o valeroso Diogo
A multidão dos barbaros subjuga,
E uns precipita no tartareo fogo,
Outro oabriga com terror á fuga :
Mas uns detem co'a espada , outros com rogo
Urubú, que do sangue a fronte enxuga ;
E oppondo-se entre os mais a Diogo ardente,
Restitue a batalha e anima a gente.

LXIV

Urubú que na brenha exercitado
Um tigre , que na caça á mãi roubára,
Tendo-o junto de si domesticado,
A combater comsigo acostumára :
Lança-o a Diogo : o monstro arrebatado
Entre as presas crueis, que arreganhára,
Ia pezar dos ferreos embaraços,
Com garra e dente a pol-o em mil pedaços

LXV

Mas o heròe bem que de outros investido,
Em quanto a fera no ar saltando tarda,
Tendo-se ao fero assalto prevenido,
Dispara-lhe na fronte uma espingarda :
E qual raio da nuvem despedido,
Quando a fera que o impeto retarda,
Tremula ao golpe a vacillar começa,
Salta-lhe em cima e corta-lhe a cabeça.

LXVI

Ao estrepito, ao fogo, ao golpe horrendo,
A' fumaça do tiro occasionada ;
Ao ver o busto sobre a chão tremendo,
E a terrivel cabeça sobre a espada ;
A immensa multidão que o estava vendo,
Cahe por terra sem animo assombrada ;
E alguns, que em pé tremendo se suspendem,
Ao grão Caramurù todos se rendem.

LXVII

Jararáca entre tanto que seguira
Os que fugíram no primeiro insulto,
Por encontrar Gupeva tudo gyra,
Que nas cabanas se emboscára cculto :
Hia-o buscando o barbaro, que ouvira
D'aquella parte o bellico tumulto,
Com tenção de expugnar a taba ingente,
Matar Gupeva, captivar-lhe a gente.

LXVIII

Na toca algum das arvores immensas,
Algum em meio as ramas se escondia ;
Muitos se emboscam pelas selvas densas,
Outros em covas profundas que sabia :
Porque andando em continuas desavenças,
Qualquer ao noto asylo recorria
Onde entrando o inimigo, sem prevel-o,
Sahem de toda a parte a accommettel-o.

LXIX

Em quanto a selva passeava escura
De immortaes arvoredos rodeada,
Foi Jararáca que a cuidou segura,
Ferido sobre o pé de uma frechada ;
Ficou-lhe a planta sobre a terra dura,
Em tal maneira com o chão cravada
Que por mais que arrancal-a prove,
Despedaça-se o pé, mas não se move.

LXX

Corre a turba a salval-o e em continente
Voam mil settas desde a espessa rama.
E cad'arvore alli do bosque ingente
Um chuveiro de tiros lhe derrama :
Cada tronco de um castello : ao lado e frente
A occulta multidão bramindo clama ;
E o resto, que em cavernas se escondia,
Ao rumor da victoria concorria.

LXXI

Já mal resiste o Caeté cercado.
E o bom Gupeva, que ao rumor concorre,
Um corpo de reserva trouxe armado,
Que á inclinada batalha invicto corre.
Jararáca, que o pé tinha encravado,
Vendo que outro remedio o não soccorre,
Por ter a vida e liberdade franca,
Deixa parte do pé e a setta arranca.

LXXII

Nos braços vai dos seus mal defendido ;
Mas com a massa, que menêa horrenda,
Reprime forte o barbaro atrevido,
Porque não haja quem se acoste e o prenda ;
E tendo a sorte o caso decidido,
Cede raivoso da cruel contenda ;
E ao sertão retirado não descança,
Maquinando em furor nova vingança.

LXXIII

Paraguassú porém de gloria avara
Seguia na victoria o genio activo ;
E incauta de Diogo se apartára,
Cortando a retirada ao fugitivo :
Anima a multidão, que se emboscára,
Pessicava potente, por motivo,
Se prevalece a força do contrario,
De acudir ao soccorro necessario.

LXXIV

Este vendo a donzella valerosa
Turbar com furia a gente amedrontada,
Desde o alto lança de arvore frondosa
Grosso ramo, que cahe de uma pancada.
Debaixo delle a heroina valerosa,
Co'grande peso pelo chão prostrada,
Ficou falta de alento e semiviva,
Nas mãos do cruel barbaro captiva.

LXXV

Corre a turba feroz contra a donzella.
Que depois que das armas deixa o peso,
Descobre a todos a presença bella,
E fica quem a prende ainda mais preso.
Da rude multidão, que corre a vel-a,
Ha quem de a ver tão linda fica acceso,
Outro que de a ter visto em guerra armada,
Ainda a teme com vel-a desmaiada.

LXXVI

Logo que respirou, novo ar tomando,
Sente no coração mais desaffogo,
E alento pouco a pouco vai cobrando,
Até que entrando em si, chama o seu Diogo;
Mas na turba que a cérca reparando,
Conhece-se captiva, e desde logo
N'outro fero desmaio fica absorta,
E cuida quem a vê que ficou morta.

LXXVII

Selvagem ha que cuida de comel-a,
Nem muito se está morta se asegura;
E com furia voraz contra a donzella,
A gula accende com a chamma impura:
Nem prezar-se costuma a fórma bella
No fero coração da gente dura;
E em morrendo qualquer mulher, ou homem,
Choram muito e depois assam-o e comem.

LXXVIII

Paté com este intento a degollára,
Se a bella Mangarita que isto via
Desde o mato escondida o não frechára,
Deixando-lhe suspensa a mão que erguia ;
Um troço de Amazonas volta a cara,
E a peleja de novo se accendia ;
Sendo Paraguassú, que jaz no meio,
O preço da victoria neste enleio.

LXXIX

Cotia, que marchára sempre ao lado
Da desmaiada heroina a em paz, ou guerra,
Por vingar, ou remir o corpo amado,
C'o fulmineo tacape o campo aterra :
Piâ, Cipô, Açù, deixou prostrado,
E faz que a grã balêa morda a terra,
Balêa que accommette vingativa,
Por guardar a donzella semiviva.

LXXX

Nem tu, Guarapiranga, á mão formosa
Pudeste evadir na horrivel lucta,
Que em quanto a Inubia sôas horrorosa, (12)
Com que ás armas se accende a gente bruta.
Cotia com a espada valorosa,
A musica feral que se te escuta,
Nos antros retumbar te faz no averno
Melodia, que é digna só do inferno.

LXXXI

Tudo cede a amazona, e já salvava
Paraguassù mortal da gente fera,
Quando o grão Pessicava, que observava
O estrago, que a amazona alli fizera :
Accommette o esquadrão com furia brava,
E tudo affugentando o tempo espera,
Em que a impulso do braço alcance forte
Degollar a Cotia de um só córte.

LXXXII

Espera ella sem medo, apenas vìra
Do barbaro feroz o golpe incerto ;
E veloz a uma toça se retira,
Que tinha em duro tronco o tempo aberto :
Porém repete alli com maior ira
Pessicava outro golpe, e por acerto
Na valerosa paca imprime o tiro,
Que tomou com Cotia este retiro.

LXXXIII

Em qunto entrava o barbaro, e na lucta
Um e outro se abraça ; o forte Diogo
Que o caso da sua bella infausto escuta,
Toma a espingarda e parte em furia logo ;
Qual polvora encerrada dentro á gruta,
Quando na occulta mina se deu fogo,
Arroja penha e monte, e o que tem diante ;
Tal se envia em furor o afflicto amante.

LXXXIV

Tinha affogado Pessicava em tanto
A amazona infeliz, e a mão lançava
Já de Paraguassú, que no quebranto
Apenas levemente respirava :
E eis-que inventando Diogo um novo espanto,
Traz um tambor, que horrisono soava ;
E logo que o arcabuz com bala atira,
Cahe Pessicava e morde o chão com ira.

LXXXV

Mas não espera a tímida manada,
Ouvindo o estrondo e os horridos effeitos :
Quem parte logo em furia declarada ;
E quem lhe rende humilde os seus respeitos :
Paraguassú porém dessasombrada,
Sendo os contrarios com terror desfeitos,
Acordou n'um suspiro, e solta vio-se ;
E conhecendo Diogo, olhou-o e rio-se.

(1) *Caéte.*— Gentio ferocissimo, qne infestava o sertão da Bahia.

(2) *Ovecates.*— Nação ferissima.

(3) *Aipi* —Raiz de que se faz uma especie de farinha. *Mandioca*, outra similhante. *Pipocas* chamam o milho, que lançado na cinza quente, rebenta como em flores brancas

(4) *Infincionado.*—Povo importante das Minas do Máto dentro chamado assim, porque o ouro, que tinha mui subido, perdeu os quilates mais altos, e ficou chamandc-se ouro inficionado. Assim o soube o poeta dos antigos daquella parochiá, de que elle é natural.

(5) *Tacápe.*— Espada de páo ferro, ou similhante, de que usam os barbaros.

(6) *Marraque.*—E' uma haste, de que pende um cabaço, ou côco cheio de pedras miudas, que sacudindo-o, fazem rumor. E' insigna sacerdotal, e militar entre estes barbaros.

(7) *Imboaba.*— Nome, que dão aquelles barbaros aos nossos Europeos.

(8) *Palmada.* — Rito militar, com que se exhortam á guerra.

(6) *Divina.*— Usam nas suas solemnidades os barbaros de um marraque, ou haste (já em outra parte descripta) que pelas circumstaucias parece insignia religiosa.

(10) *Tupinaquis*, etc.— Nomes das nações do sertão.

(11) *Uapis.*— Instrumento, que toeam nas batalhas.

(12) *Inúbia.*— Especie de corneta usada dos brazillienses.

CANTO V

I

Debil em tanto a luz sodre o horisonte,
Os seus tremulos raios apagava,
E desde o occidental immenso monte,
A noite pelas terras se espalhava :
Morphêo deixando os antros de Aqueronte,
No seio dos mortaes se derramava ;
Mas da barbara gente que fugia,
Só s'entregava ao somno a que morria.

II

Fatigado Diogo ao lado estava
E a bella esposa n'uma grã floresta ;
Nem ao preciso somno lugar dava
Na attenção de a guardar da gente infesta :
Um de outro os successos escutava,
Nutrindo em novo fogo a chamma honesta ;
Que depois de um triumpho do inimigo.
Faz-se doce a memoria do perigo.

III

Ao resplendor da lua que sahia,
Misturava-se o horror com a piedade,
Porque em lagos de sangue sò se via
Sanguinolenta horrivel mortandade :
O valle igual ao monte parecia,
E do estrago na vasta immensidade,
O outeiro estava, donde foi o assalto,
Com monte de cadaveres mais alto.

IV

Não póde vel-o a bella americana,
Sem que a tocasse um triste sentimento ;
E ou fosse condição da gente humana,
Ou do seu sexo um proprio movimento :
Chorou piedosa a sorte deshumana,
Dos que apartados do terreno assento
Jaziam, como ouvira de Diogo,
Nas lavaredas de um eterno fogo.

V

E como (compassiva disse) é crivel
Que o Deos, como me pintas, bom e amavel,
Sabendo o que ha de ser e o que é possivel,
Nos crie para fim tão miseravel ?
Antevendo um successo tão terrivel,
Não parece crueldade inexcusavel
Dar-lhe o ser, dar-lhe a vida, dar-lhe a mente
Para vel-os arder eternamente ?

VI

Quantos crear pudéra que o servissem,
Deixando de crear quem o aggravasse ;
Onde todos a vel-o ao céo subissem,
E as obras que produz todas salvasse ?
Nossos pais se dos filhos tal previssem,
Quanto fôra cruel quem os gerasse ?
E creremos da excelsa grã bondade
Que ceda a nossos pais na humanidade ?

VII

Segredos são (diz Diogo) da inscrutavel
Magestade de Deos : que saberemos
Do seu modo de obrar sempre ineffavel,
Se o que somos e obramos não sabemos ?
Faltando-nos razão clara e provavel
Nos conselhos de Deos, que occultos vemos,
E bem que toda a dúvida se acabe,
Porque elle póde mais, do que o homem sabe.

VIII

Mas se ha lugar á humana conjectura
Dos possiveis na longa immensidade,
Não se podia achar uma creatura,
Que goze d'impeccavel liberdade :
Uma firme innocencia é graça pura ;
E' mercê liberal da Divindade ;
E quem em tanto a perguntar se atreve,
Porque lh'a não quiz dar, quem lh'a não deve ?

IX

Desde a origem da immensa eternidade,
Que tudo sem principio ordena e rege,
Devemos presumir da Divindade,
Que onde o optimo encontra , em tudo o elege :
E sendo em nós tão grande a iniquidade,
Não temos cousa, que a qualquer se inveje ;
Onde se os mais possiveis vendo fôres,
Nós fomos os eleitos por melhores.

X

Embora seja assim ; (disse a donzella)
Mas que culpa tem estes, que o ignoravam ?
Não cuida acaso Deos, ou pouco zela
As almas, que entre nós se condemnavam ?
E senão, porque causa aos mais revela
As doutrinas, que aos nossos se occultavam ?
Distava mais do céo a nossa gente,
Porque mêdea o mar d'Este a Poente ?

XI

Tornai a culpa a vós ; e a vós sómente
(O heróe responde assim) Se com estudo
Procurais sobre a terra o bem presente
Porque não procurais o autor de tudo ?
Para o mais tendes lume, instincto e mente ;
Sómente contra Deos buscais o escudo
Em a vossa ignorancia á brutal cnlpa !
Essa ignorancia é crime e não desculpa.

XII

Porém já da fadiga desvelada
Cerrava Paraguassú seus olhos claros,
Tendo-a Diogo na fé mais confirmada,
Com responder prudente aos seus reparos :
Em quanto a bruta gente aprisionada,
Mostrando-se da vida nada avaros,
Dançam e bebem com tripudio forte,
E esperam, coma boda, a cruel morte.

XIII

Gupeva triumphante na grã taba
O infausto prisioneiro á morte guia,
E antevendo que a vida se lhe acaba,
A mulher cada um lhe offerecia :
Trazem-lhe o peixe, as carnes, a mangaba,
Brindando-lhe o licor, que a taça enchia
Até que quando menos se recorda,
Dous selvagens o prendem n'uma corda,

XIV

Soltas as mãos lhes ficam, que manêa,
Nem o tem mais que em meio da cintura
A soga de algodão, como cadêa,
Que de uma parte e de outra os assegura :
Qual leôa feroz na maura arêa,
Quando o laço no ventre a tem segura,
Toda da fronte a cauda se retorce,
E ruge e vibra a garra, e o corpo torce.

XV

Muitos então da furibnnda gente
Dizem-lhe injurias mil, com mil insultos,
Que elle se esforça a rebater valente,
Sem que recêe os barbaros tumultos ;
Algum alli chegando ao paciente
(Que tem por cousa vil morrer inultos)
Dá-lhe um cesto de pedras recalcado,
Com que atirando aos mais, morra vingado.

XVI

Embiára e Mexira, dous possantes
Mancebos caetés de um parto vindos,
Que Ainubá dera á luz tão similhantes,
Como tenros na idade, e em gésto lindos :
Muitas donzellas, que os amaram dantes,
Os bellos dias seus choravam findos ;
Mitigando o desgosto de perdel-os
Com a intenção que tinham de comel-os.

XVII

Estes na corda tem os da Bahia,
Dispostos a morrer no torpe abuso,
De celebrar com sangue o fausto dia
Das victimas triumphaes ao patrio uso :
Embiára, que com arte a pedra envia,
Muitas no povo disparou confuso,
E apezar dos escudos, que põe diante,
Alguns ferio da turba circumstante.

XVIII

Uma grã pedra ao ar nas mãos levanta ;
E erguendo os braços sobre a fronte atira :
Lança por terra alguns, outros quebranta,
E esmaga com o peso o grão Tapira :
Outras tres arrojou com furia tanta,
Que se d'atorno a gente não fugira,
Com os tiros, que o bravo lhe dispara,
Em vingança cruel no chão ficára.

XIX

Mexira n'outro lado era detido
Com o duro cordão ; porém sem medo,
Ao barbaro Pyri, que o tem cingido,
Esmigalha a cabeça c'um penedo :
Foge o povo com pedras rebatido ;
Mas Mexira na corda atado e quedo,
Com tres pedaços de uma ingente roca,
Uns derriba no chão e outros provoca.

XX

Sahe então Tojucáne em campo ardente,
E ao som dos seus marraques applaudido,
Um cinto tem de plumas sobre a frente,
Manto ao hombro de pluma entretecido ;
Tinto de negro todo, a côr sómente
Traz natural no vulto enfurecido ;
E por metter no horror maior respeito,
Com o beiço inferior varria o peito.

XXI

A cara, peito, braços (vista horrenda !)
Traz com golpes crueis acutilados :
Golpes, com que o valor se recommenda,
Feitos da propria mão com talhos dados :
Onde se a chaga apodreceu tremenda,
Em meio do asco e horror desfigurados,
Vendo a gente brutal que um não se dóe,
Este então (que ignorancia !) é o seu heróe.

XXII

Desta arte Tojucáne armado vinha,
Posto ao vel-o em silencio, em pasmo tudo ;
Atira-lhe Embiára (que ainda o tinha)
Um penedo, que rompe o forte escudo :
O tacápe elle então desembainha,
Que de plumas ornou com bello estudo,
E encostando-se ousado a longa corda,
Aos dous fortes irmãos fallando aborda.

XXIII

Não sois vós (disse o barbaro) traidores,
Os que a matar-nos com furor viestes,
E sem respeito aos miseros clamores,
Os nossos tenros filhos já comestes ?
Somos (disseram) nós ; os teus furores
Sem o laço, em que agora nos prendestes,
Souberamos domar : e assim captivo,
A ver-me solto, te comêra vivo.

XXIV

Vivo, nem morto a mim me não tocáras,
Porque se braço a braço te medíras,
Ou immovel de espanto em pé ficáras,
Ou de um só golpe (diz) no chão cahíras :
Verias bem, se agora nos soltáras,
Como logo (responde) me fugíras :
Não queira de valente ser louvado,
Quem pretende triumphar de um desarmado.

XXV

Esse vão pensamento melhor fôra
Que o tiveras, como eu, no campo, bravo ;
Mas tu (diz Tojucáne) na mesma hora
Te viste combatido e foste escravo :
Como te atreves a gloriar-te agora
Com vil jactancia, com soberbo gavo ?
A quem de resistir falta a constancia,
Não fica mais lugar para a jactancia.

XXVI

Dizendo assim na fronte a espada ingente,
Deixa o fero cahir com golpe horrendo ;
Cahe por terra Embiára, ainda vivente ;
Mexira morto já, porém tremendo :
Mordeu aquelle o chão com furia ardente,
E em cima o matador co'pé batendo :
Morre, soberbo, diz, e serás vasto
Para nosso trophéo vingança e pasto.

XXVII

Qual se diz que a Tifeo subjuga um monte,
Tal a planta cruel Embiára opprime;
E como a cobra faz-se junto á fonte
Toda em nós quebrantada se comprime:
Retorcendo em mil voltas cauda e fronte,
Que ergue, vibrando a lingua, no ar sublime,
Tal o infeliz morrendo em voltas anda,
E o espirito exalado ás sombras manda.

XXVIII

Chega ás cruentas victimas chorosa
Feminea tropa, que com dôr lamenta;
E urlando todas com a voz maviosa;
Tudo vai repetindo a plebe attenta:
Depois d'aquella lastima enganosa,
Qualquer junto aos cadaveres se assenta,
E vão talhando pés, cabeças, braços,
E as victimas fazendo em mil pedaços.

XXIX

Chamam *moquem* as carnes, que se cobrem,
E a fogo lento sepultadas assam;
Tudo em cima com terra e rama encobrem,
Onde o fogo depois com lenha façam:
Em tanto as voltam, cobrem e dascobrem,
Até que do calor se lhe repassam:
Detestavel empreza, que escondiam
Da indignação de Diogo, a quem temiam.

XXX

Foi avisado o heroe do acto execrando,
Horrivel pasto da nação perversa,
E a maneira opportuna meditando
Da barbara funcão deixar dispersa :
Mil fogos de artificio ia espalhando,
De horrivel fórma, e de invenção diversa :
Treme a vil turba, e sem que a mais se arroje,
Deixa o pasto cruel e ao mato foge.

XXXI

Confusa a infame gente do successo,
Do grão Caramurù temia a vista,
Foge Gupeva de terror oppresso,
Nem sabe, em que maneira ao mal resista ;
Mas o novo pavor na gente impresso
Mitiga Paraguassú, que o damno avista,
Se, como teme, o povo de espantado,
O terreno deixasse abandonado.

XXXII

Jararáca entre tanto conduzido
Dos bravos Caetés á taba nota,
Diligente curava o pé ferido,
E em reparar cuidava a grã derrota :
E havendo no conselho a liga unido,
As forças representa, os meios nota,
E nigromante crê por perda tanta
O gão Caramurú, que o fogo encanta.

XXXIII

Já na grã taba os barbaros se ajuntam.
Onde contra Diogo arte se estude,
E por magos famosos, que perguntam,
Recorriam de encantos á virtude :
Os nigromantes vem que os corpos untam,
E nos sussurros do seu canto rude
Esperam que tambem ao forte Diogo,
Matando privem do temido fogo.

XXXIV

Um delles, que por sabio se acredita,
Não ha (disse) quem possa a ardente fragoa
Apagar no trovão, que o raio excita,
Lastimosa occasião da nossa mágoa :
Que se o andidoto ao fogo se medita
Mais natural não ha que lançar-lhe agua :
Dentro n'agua se apaga o fogo ardente :
E este é o meio, que occorre de presente.

XXXV

Contra as vossas canôas não se atreve
O filho do trovão, se desce ao porto ;
Vós o vereis sem força em tempo breve
Sahir, qual já sahio das aguas morto :
Ninguem ha que não saiba como esteve,
Quando o encontramos naufrago no porto :
Nem usou do trovão, que espanta em terra,
Nem fez com fogo n'agua a horrivel guerra.

XXXVI

São n'agua, terra, e mar mui differentes
Os anhangás, que reinam divididos ;
Uns, que só no ar e fogo são potentes,
Causam ventos, trovões, raios temidos ;
O terremoto, e pestes sobre as gentes
Movem outros na terra conhecidos :
Este porém, que ao estrangeiro acode,
N'agua não poderá, se em fogo póde.

XXXVII

Parece á rude gente este discurso,
Segundo os seus principios concludente ;
E ouvido com applauso no concurso,
Votam na execução concordemente.
Toma a guerra por tanto um novo curso,
E ao mar se envia a bellicosa gente ;
Nem capitão ha mais, nem ha pessoa,
Que não embarque em rapida canôa.

XXXVIII

Chamam canôa os nossos nesses mares
Batel de um vasto lenho construido,
Que excavado no meio, por dez pares
De remos, ou de mais vôa impellido ;
Com tropas e petrechos militares,
Vai de impulso tão rapido movido,
Que ou fuja da batalha, ou a accommetta,
Parece mais ligeiro que uma setta.

XXXIX

Concorrendo as nações do sertão junto,
Trezentas, ou mais arma Jararáca ;
E tendo escolha, porque o povo é muito,
Deixa em terra das gentes a mais fraca.
E sendo da Bahia tão conjuncto
O ilhéo de Taparica, este se ataca,
Na esperança que Diogo acudiria,
Vendo o sogro em perigo, que o regia.

XL

Repousava sem susto Taparica ;
E confiado em Diogo e na victoria,
Gozava de uma paz tranquilla e rica,
Depois que a guerra terminou com gloria ;
E quando a rouca Inubia arma publica,
Tão longe tinha as armas da memoria,
Que ignorando em socego os seus perigos,
Nas mãos se foi metter dos inimigos.

XLI

Prendem o inerme chefe de improviso,
Accommettendo a taba descuidosa ;
A chamma e fumo dão infausto aviso
Ao bom Diogo da barbara assaltada :
Nem impulso maior lhe era preciso,
Vendo a ilha dos barbaros tomada :
Occupa em pressa as armas e as canôas,
Sem mais que Paraguassú com cem pessoas.

XLII

Vinte bombas de polvora tem cheias,
De que uma parte já das náos salvára ;
Quatro ferreos canhões, que entre as arêas
Por nadadores bons do mar tirára ;
Metralhas, palanquetas, e cadêas,
Pistolas e fusís, que preparára ;
Canôas tres de polvora e resina,
Que lançar nas contrarias determina.

XLIII

Forma-se em meia lua a vasta armada,
Cuidando de encerrar Diogo em meio,
E com nuvem de fréchas condensada
A aurea luz do sol a impedir veio :
Firme estava do heróe a turba irada ;
E coalhando-se o mar de lenhos cheio,
Retumba o éco na Bahia toda
Pela gente brutal, que urlava em roda.

XLIV

Até que a tiro os vê do bronze horrendo ;
E sem mais esperas dispara fogo,
Que tudo com metralha ia varrendo,
E a pique dez canôas metteu logo :
Saltam muitos de horror no mar, tremendo :
Alguns deixando o remo, as mãos de Diogo
Com bombas ardem, que feroz lhe lança,
Outros a espada de visinho alcança.

XLV

Confusas entre sí vão fluctuando
As canôas, que a gente não regia ;
E uma vai sob'outras embarrando
Na desordem, que todas confundia :
As tres incendiarias arrojando,
Um diluvio de fogo n'agua ardia,
Com tal fumaça nas ardentes fragoas,
Que cubrindo-se o ar, fervem as aguas.

XLVI

Qual, se na selva densa o fogo atêa,
Em columnas de fumo vôa a chamma,
E a labareda, que pelo ar ondêa,
Traspassando se vai de rama em rama :
Tal na Bahia de canôas cheia
Um diluvio de fogo se derrama ;
E o barbaro de horror, de espanto e magoa
Foge á morte do fogo e escolhe a d'agua.

XLVII

Jararáca entretanto em terra estava,
Donde prendêra o incauto Taparica,
E raivoso das praias observara
Toda a frota naval, que em cinzas fica :
Foge dispersa a tropa, que levava ;
E logo que a victoria se publíca,
Toda a ilha, que as armas arrebata,
O timido Caeté subjuga, ou mata.

XLVIII

Nem já dos inimigos se descobre
Uma canôa só no lago ingente ;
E o mar de mil cadavares se cobre,
Sem que saiba aonde fuja a infeliz gente
Que Gupeva entretanto a praia encobre
Embaraçando a fuga ao continente ;
Grande parte desde a agua o braço estende
E a liberdade com a vida rende.

XLIX

Não assim Jararáca. que na praia
Põe por escudo o infauto Taparica ;
E ameaça matal-o, quando sáia
Em terra Diogo, que suspenso fica.
Vê o transe a filha e sobre as mãos desmaia
Do caro esposo, e pelo pai supplica;
E vê-se Diogo em lance embaraçado,
Sem saber como salve o desgraçado.

L

Atirar-lhe quizera ; mas duvida.
Na intenção de matal-o vacillante ;
Vendo do sogro ameaçada a vida,
E quasi sem alento a esposa amante :
Tres vezes pôz a mira dirigida ;
Tres vezes se deteve a mão constante ;
E em terra e mar a um tempo a acção retarda,
Jararáca ao bastão ; elle á espingarda.

LI

Que mais espero (diz) feril-o é incerto ;
Mas é claro na mão desse inimigo,
Que em qualquer caso em fim o damno é certo,
E cresce na tardança o seu perigo :
Disse e toma por alvo descoberto,
A fronte do contrario e neste artigo
Dispara o tiro e a balla lhe atravessa
De uma parte á outra parte da cabeça.

LII

Cahe Jararáca em terra ao mesmo instante,
Qual penhasco, que do alto se derroca,
Quando o raio, que o arroja fulminante,
Desde cima o arrancou da excelsa roca :
N'um rio a terra se banhou fumante
Do negro sangue, donde pondo a bocca,
Morde raivoso a arêa, em que cahira,
E o torpe alento com a vida expira.

LIII

Já neste tempo se encontrava amigo
Taparica e Diogo em terno abraço,
Vendo por terra o perfido inimigo,
Que tremendo occupava um vasto espaço :
Paraguassú, que afflicta do perigo
Sem sentido ficou no horrivel passo,
Torna a si do desmaio e vê piedoso
O pai, que a tem nos braços, com o esposo.

LIV

Alegre vem do oppôsto continente
Em canôas Gupeva a Taparica,
Congratular-se com o heróe valente,
Que morto Jararáca, em calma fica :
Pasma de ver o estrago a insana gente,
Que os arcos abatendo a paz supplìca ;
E respeitando a superior potencia,
Compensavam a paz com a obediencia,

LV

Chegáram do sertão dez mensageiros
Em nome das nações, que em guerra andavam,
Confirmando com pactos verdadeiros
A inteira sujeição, que ao luso davam :
Vem entr'elles os principes primeiros,
E com os ritos, que na patria usavam,
Principe acclamam com festivo modo
O filho do trovão, do sertão todo.

LVI

Nem duvidou Diogo imaginando,
Quanto domar importa a gente bruta,
Acceitar das nações o excelso mando,
E comsigo prudente os fins reputa :
Ouve-se em nome seu publico bando,
Que a barbara caterva humilde escuta ;
Em que todo o homicidio se prohibe,
E com pena de morte a culpa inhibe.

LVII

Julga porém ao ver inveterada
A barbara paixão na gente céga,
Que a grave pena ao crime decretada,
Convém dissimular, se ao caso chega :
A tudo a gente barbara humilhada,
Só na gula cruel a emenda nega,
Por barbara vingança carniceira,
Que tanto póde a educação primeira.

LVIII

Não tardou logo a occasião de vel-o,
Porque apenas deixára a companhia ;
O proprio Taparica sem temel-o
Ao convite cruel se prevenia :
Bambú, que fôra ao ponto de prendel-o,
Quem lhe lançára as mãos com ousadia,
Preso em canôa o regulo conserva,
Por pasto infando á barbara caterva.

LIX

Estava o desditoso encadeado,
E exposto a mil insectos que o mordiam,
Nem se lhe via o corpo ensanguentado,
Que todo os *maribondos* lhe cobriam : (1)
Corria o negro sangue derramado
Das crueis picaduras, que lhe abriam ;
E elle immovel em tanto em tosco assento,
Parecia incensivel no tormento.

LX

Vendo Diogo o infeliz, quanto padece
No modo de penar mais deshumano ;
Maior a tolerancia lhe parece,
Do que possa caber n'um peito humano :
E como autor do crime reconhece,
Do cruel sogro o coração tyranno,
Offerece a Bambú, que a morte ameaça,
Soccorro amigo na cruel desgraça.

LXI

Perdes comigo o tempo (disse o fero) (2)
Ao que vês, e ainda a mais vivo disposto ;
A liberdade, que me dás, não quero ;
E da dôr, que tolero, faço gosto :
Assim vingar-me do inimigo espero,
Disse ; e sem se mudar do antigo posto,
As picadas crueis tão firme atura,
Como se penha fôra, ou rócha dura.

LXII

Se o motivo, diz Diogo, porque temes,
E' porque escravo padecer receias ;
E tens por menos mal este, em que gemes,
Do que uma vida em miseras cadêas :
Depõe o susto, que sem causa tremes :
Penhor te posso dar, por onde creias,
Depondo a obstinação do torpe medo,
Que a vida e liberdade te concedo.

LXIII

Aqui da fronte o barbaro desvia
Dos insectos co'a mão a espessa banda ;
E a Diogo, que assim se condoia,
Um sorriso em resposta alegre manda,
De que te admiras tu ? Que serviria
Dar ao vil corpo condição mais branda ?
Corpo meu não é já, se anda comigo,
Elle é corpo em verdade do inimigo.

LXIV

O espirito, a razão, o pensamento
Sou eu e nada mais : a carne immunda
Forma-se cada dia do alimento,
E faz a nutrição, que se confunda :
Vês tu a carne aqui, que mal sustento ?
Não a reputes minha : só se funda
Na que tenho comido aos adversarios ;
Donde minha não é, mas dos contrarios.

LXV

Da carne me pastei continuamente
De seus filhos e pai : della é composto
Este corpo, que animo de presente,
Por isso dos tormentos faço gosto.
E quando maior pena a carne sente,
Então mais me consolo, do supposto
De me ver no inimigo bem vingado,
Neste corpo, que é seu, tão mal tratado.

LXVI

Impossivel parece ao sabio heróe
O que vê, e o que escuta, e que assim possa,
Quando a carne mortal tanto se dóe,
Vencer-se a dôr da fantasia nossa ?
Magoado interiormente se condóe,
De ver, que no infeliz nada faz móça ;
Mostrando na brutal rara constancia,
Com tal valor tão barbara ignorancia.

LXVII

Tinham disposto em tanto no terreiro
As nações do sertão pompa festiva,
Creando Diogo principal primeiro
Com applauso geral da comitiva.
Vê-se ornado de plumas o guerreiro,
E como em triumpho a multidão captiva,
E sobre os mais n'um throno levantado
Cingem de pluma o vencedor c'roado.

LXVIII

A roda, como em circulo, postrados
Sessenta principaes das nações feras
Em nome de seus povos humilhados,
Submissões rendem com temor sinceras :
Tujúcupápo, estando os mais calados,
Grão filho do trovão (disse) que imperas
Em terra e mar com gloria combatendo,
Tudo domaste com o raio horrendo.

LXIX

Não te cedêra não dos nossos peitos
A varonil constancia em guerra humana ;
Nem da morte tememos os effeitos,
Se a contenda não fôra sobrehumana :
Rendemos-te fieis nossos respeitos,
Depois que o teu valor nos desengana,
Que em teus combates todo o céo te assiste ;
E a quem soccorre o céo, quem lhe resiste ?

LXX

As nações do sertão já convencidas.
Põe a teus pés os arcos e as espadas :
Suspende o raio teu ; protege as vidas
Desde hoje ao teu imperio sujeitadas :
E se tens, como creio, submettidas
As procellas, as chuvas e as trovoadas,
Não espantes com fogo a humilde gente ;
Mas faze-nos gozar da paz clemente.

LXXI

A teu commando estão sem replicar-te
Os povos deste vasto continente ;
E farás com teu nome em qualquer parte,
Que te obdeça a valerosa gente.
Faze com o favor que haja de amar-te.
Como a tens com terror feito obediente ;
Que se troveja o céo na esphera escura,
A luz manda tambem formosa e pura.

LXXII

Não foi acaso (disse o heróe prudente,
Respondendo ao discurso) foi destino
Querer o grão Tupá que a vossa gente
A mão conheça do poder divino :
Do céo, que sobre vós brilha luzente,
Se receberdes o sagrado ensino ;
Livres com gloria do tyranno averno
Sobre elle reinareis n'um solio eterno.

LXXIII

Porém por serdes na ignorancia rude,
Incapazes de ouvir o mais em tanto,
Buscai com razão maior virtude,
Implorando o favor do throno santo :
E quando a vossa fé pedil-o estude,
Vereis da antiga serpe no quebranto
Florecer nesta patria d'improviso
Uma imagem do ameno paraiso.

LXXIV

Disse o heróe generoso ; a turba immensa
Em signal de prazer com grata dança,
Vão em fileiras com a mão extensa,
Fazendo com os pés vária mudança :
Uma perna baillando tem suspensa,
E turma sobre turma em modo avança,
Que idéa dão dos bellicos ataques,
Retumbando entre tanto os seus marraques.

LXXV

Os nigromantes, que o Brazil respeita,
Um marraque descobrem venerado ;
Insignia da nação, que ao povo acceita,
Consideram por symbolo sagrado :
O sacerdocio, como turma eleita
No ministerio ao culto dedicado,
Pôz o barbaro termo à funcção toda,
Bafejando nos principes á roda.

---

(1) *Maribondos.* — Especie de vespa mordacissima no B

(2) *Disse o fero.* — Um gravissimo aulico da nossa côrt asseverou ter succedido caso similhante no Pará, em rei do Fidelissimo rei o Senhor D. José I , aonde elle era con poraneamente occupado em cargo distinctissimo do real se

CANTO VI

I

Descançava no seio então Diogo,
Extincta a guerra, de uma paz dourada,
E o pavor do sulfureo horrivel fogo
Trazia a gente barbara assombrada :
A remotas nações concorrem logo,
Desde a interna região mais apartada ;
E tendo-o do trovão por viva imagem,
Vinha todo o sertão dar-lhe homenagem.

II

Muitos delles, dos povos subjugados,
Que o effeito viram da terrivel chamma ;
Outros vinham sómente convocados
Das heroicas acções, que conta a fama :
Trazem plumas e balsamos prezados,
E outra rude opulencia, que o povo ama,
E com os dons da americana Ceres,
Offerecem-lhe as filhas por mulheres.

III

Era antigo dos barbaros costume,
Quando algum capitão foi bravo em guerra,
Ou se julgavam que o regía um nume,
Emparental-o aos principaes da terra :
Qualquer que de nobreza então presume,
Do grão Caramurú, que tudo aterra,
Procura, como nobre preminencia,
Ter na sua prosapia a descendencia.

IV

Tuibaé, dos Tapuias chefe antigo,
Tiapira lhe offerece celebrada ;
E com a mão da filha deixa amigo
Uma illustre alliança confirmada :
Xerenimbó trazia-lhe comsigo
A formosa Moema já negada
A muitos principaes, por dar-lhe esposo
Digno do tronco de seus pais famoso.

V

Muitas outras donzellas brazilianas
A mão do claro Diogo pretendiam,
Ou por prendas, que notam soberanas,
Ou por grandes acções, que delle ouviam :
A todas elle deu mostras humanas
Sem a fé lhe obrigar, que pretendiam ;
Mas por não offender as brutas gentes,
Trata os pais e os irmãos como parentes

VI

Paraguassù porém com fé de esposo
Parecia estimar distinctamente,
Mostrando-lhe no affecto carinhoso
A sincera affeição que n'alma sente :
Amava nella o peito valeroso,
E o genio docil, com que á fé consente ;
Amor que occasionou, como é costume,
Em algumas inveja e n'outras ciume.

VII

Todas á bella dama aborrecendo,
Conspíram féras em tirar-lhe a vida ;
Mas ella que o projecto alcança horrendo,
Deixar pretende a patria aborrecida :
E na viagem de Europa discorrendo,
Deseja renascer á melhor vida :
Impulso santo, que com justa idéa
Move Diogo a deixar aquella arêa.

VIII

Agitado do vario pensamento,
Na margem se entranhou do vasto rio,
Que invocando o Serafico portento,
Chama de S. Francisco o Luso pio :
E estando o sol no seu maior augmento,
Quando sitio no ardor busca sombrio,
N'uma lapa, que esconde alto mysterio, (1)
Foi achar para a calma o refrigerio.

IX

Por mil passos a penha milagrosa
Estende em roda o gyro dilatado ;
Obra da natureza prodigiosa,
Quando o globo terraqueo foi creado :
Concavidade ha alli vasta, espaçosa,
Onde tinha o Creador delineado,
Com capella maior, nave e cruzeiro,
Um templo, como os nossos, verdadeiro.

X

Largo trinta e tres passos se estendia
O grão cruzeiro : a longitude da mole
Por mais de outros oitenta discorria ;
Lugar que não pisara humana prole :
O prospecto ext'rior de pedraria,
O interior pavimento é terra molle :
De jaspe se levanta a grã portada,
Entre torres marmoreas fabricada.

XI

Dentro vem-se magnificas capellas,
Sustentadas de esplendidas columnas ;
Pelo tecto entre nuvens gyram estrellas,
E sobre o rio a um lado tem tribunas,
Que servindo-lhe a um tempo de janellas,
Dão luz a todo o templo ; e quando lhe unas
Quantos prodigios o lugar encerra,
Maravilha maior não cobre a terra.

XII

Capella alli se vê de entalho nobre,
Obrado com desenho estranho e vario,
Onde effigiado em marmore, se cobre
Um natural bellissimo Calvario :
Vê-se a base da cruz, mas nada sobre ;
De jaspe ainda melhor que Egyzio, ou Pario :
E ao lado um posto em proporção distincta,
Onde a mãi e discipulo se pinta.

XIII

Chegado Diogo a ver prodigio tanto,
Pelo estranho espectaculo suspenso,
Penetra-se no peito de horror santo,
Por não sei que sagrado occulto senso :
Depois rompendo n'um devoto pranto,
Prostrado em terra, adora o Deos immenso,
Que quando ser ao mar e á terra dava,
O alicerce á grã fabrica lançava.

XIV

Eis-aqui preparado (disse) o templo,
Falta a fé, falta o culto necessario ;
E quanto era de Deos, feito contemplo
Tudo o que é de salvar meio ordinario :
Desta intenção parece ser exemplo
Este insigne prodigio extraordinario :
Onde parece que no templo occulto,
Tem disposto o lugar e espera o culto.

XV

Quiz mostrar nesta imagem por ventura
Que esta gente brutal não desampara ;
E que a qualquer humana creatura
O remedio da cruz justo prepara ;
Que a estes do seu sangue dera a cura,
Se aos instinctos, que tem, não repugnára ;
Que advogada nos deu de empreza tanta,
Preparando o lugar á virgem santa.

XVI

Oh queira, grã senhor, vossa bondade
Supprir nelles e em mim tanta miseria ;
Pois de todos salvar tendes vontade,
Que por este signal mostrais tão séria :
Que se olhas para a nossa iniquidade,
Achareis de punir tanta materia,
Que a antiga culpa pelos seus abrolhos
A ninguem deixa justo aos vossos olhos.

XVII

Dalli sulcando o rio caudaloso,
Vai o noto reconcavo buscando,
Por ver se inchada véla o pêgo undoso
A rumo oriental vai navegando :
Nem temeria o pélago espaçoso
Ir na leve canôa atravessando ;
Se o perigo, que immenso considera,
Pelo damno da esposa não temêra.

XVIII

Ergue-se sobre o mar alto penedo,
Que uma angra á raiz tem, das náos amparo,
Onde das ramas no intrechado enredo,
Causa o verde prospecto um gosto raro :
Alli morro coberto de arvoredo,
A quem passêa o mar, serve de faro ;
Dão-lhe nome da costa os exprientes,
Do glorioso apostolo das gentes.

XIX

Aqui vê Diogo um casco, que encalhára,
Onde n'agua se occulta hórrida penha,
Porque ignorando a costa se arrojára,
Sem que esperança de soccorro tenha :
Vê, como a chusma em terra se salvára,
Que a brutal gente a captivar se empenha ;
E presumindo o que era, na canôa
A defender os seus remandos vôa.

XX

E temendo que cedam enganados
Ao barbaro cruel os naufragantes ;
Ou que fiquem sem armas captivados
Nas mãos desses penhascos ambulantes ;
Faz-lhes signaes e deixa-os avisados,
Fazendo ver as armas rutilantes,
Da arêa infinda e do cruel perigo,
E o seu soccorro lhe off'rece amigo.

XXI

E quando a tiro de canhão se via,
Fez que se ouvisse a formidavel tromba,
E ao éco do tambor que lhe batia,
Dispara ao tempo mesmo a horrivel bomba :
Treme de espanto o barbaro, que ouvia ;
E este pasma, outro foge, aquelle tomba ;
E o Grão Caramurú já divisando,
Correm todos humildes ao seu mando.

XXII

Unidos do bom Diogo á comitiva
Soccorrem com presteza a véla rota .
Onde a gente das aguas semi-viva,
Vão leves conduzindo a praia nota :
Salvou-se-lhe a equipagem toda viva ;
E para os preparar a grã derrota,
Faz que a barbara gente dando ajuda
A' afflicta multidão piedosa, acuda.

XXIII

Paraguassú porém com pio aviso
Cuida em prover de roupas e sustento,
E quanto lhe é possivel, de improviso
Restab'lece-lhe as forças co' alimento.
Depois que se saciáram do preciso,
Diogo que o caso seu recorda attento,
Logo que a turba vê contente e junta,
Donde vem ? aonde vão ? quem são ? pergunta.

XXIV

Um entre outros, que o Chefe parecia,
E sobre os mais da chusma dominava,
Depois de agradecer-lhe a cortezia
Na castelhana lingua, em que fallava
Somos (disse) da nobre Andaluzia,
Onde o chão Hispalense o Betis lava,
Socios se ouviste o nome de Arelhano,
E desde o reino viemos Peruano.

XXV

Se a fama a vós chegou do valeroso
Domador das provincias peruanas ;
E se Pisarro no orbe tão famoso
Não se ignora das gentes lusitanas :
Fomos delle mandados pelo undoso
Grão rio, que em correntes desce insanas,
Desde a grã cordilheira, que imminente
Aqui separa o occaso do oriente.

XXVI

Novas ilhas buscando e novos mares
Depois de longos dias navegámos ;
Já com procellas, já com brandos ares,
Ao conhecido occeano chegámos :
Os perigos, os casos singulares,
Que por mais de mil leguas tolerámos,
Não contára, depois que no mar erro
A ter peito de aço e a voz de ferro.

XXVIII

De sessenta e mais linguas differentes
Vimos, descendo rio, em curso immenso,
Incognitas nações, barbaras gentes,
E um povo innumeravel, vasto, e denso.
Montanhas vimos campos mil patentes,
E um terreno nas margens tão extenso,
Que poderá elle só neste hemisferio
Formar com tanto povo um vasto imperio.

XXVIII

Mil vezes com canôas bellicosas
Combatemos no rio e mil em terra ;
Perseguidos de tropas numerosas,
Qne occupavam talvez o valle e a serra :
Nem cessava nàs margens perigosas
De mil bravas nações a dura guerra,
Até que entrando nas ardentes zonas ,
Chegamos á região das amazonas.

XXIX

Discorre com furor pela ribeira.
Vasto esquadrão de tropa femenina,
Que em postura e contenho de guerreira,
Assaltar nossa frota determina
Sobre o sexo viril, turba grosseira,
O feminino sexo alli domina,
Onde no rio, porque a fama o conte,
Recordamos o antigo Thermodonte.

XXX

E já o hispano leão domado houvera
Das Amazonas o terreno infausto,
Se no clima infeliz nos não morrêra
De mil fadigas Arelhano exhausto.
A gente pois que o capitão perdêra,
Não podendo esperar successo fausto,
Sobre este bergantim, que alli se adorna,
Ao solar patrio, navegando torna.

XXXI

Não duvideis, responde o heróe clemente
De achar em mim soccorro poderoso ;
Que achais quem como vós do mar fremente
Aprendeu na desgraça a ser piedoso ;
Tendo amiga mão, madeira e gente,
Com que o casco, que vêdes ruinoso,
Reformando-se torne do céo nosso
A' desejada Hespanha e Betis vosso.

XXXII

Disse ; e ordenando a turba americana,
Assiste ao fabro na naval fadiga ;
E quanto lhe permitte a força humana,
Faz que em breve o baixel seu rumo siga :
Nem se demora mais a gente hispana,
Que a convida a monção e o vento obriga :
Soltam a branca véla ao fresco vento,
E vão raspando o liquido elemento.

XXXIII

Felizes vós, diz Diogo, affortunados,
A quem da cara patria é concedido
Tornar hoje aos abraços desejados,
Depois de tanto tempo a ter perdido !
Em quanto eu nestes climas apartados
Me vejo de serguir-vos impedido ;
Que fiar temo de tão debil lenho
Outra vida, que em mais que a propria tenho.

XXXIV

Dizendo assim, com calma vê luctando
Formosa náo de Gallica bandeira,
Que a terra ao parecer buscando,
E a prôa mette sobre a propria esteira :
Vem seguindo a canôa, e signaes dando,
Até que aborda a embarcação veleira,
E de paz dando a mostra conhecida,
A's praias de Bahia a náo convida.

XXXV

A Gupeva entretanto e Taparica
Dava o ultimo abraço, e á forte esposa
A intenção de leval-a significa,
A ver de Europa a região famosa :
Suspensa entre alvoroço e pena fica
Paraguassú contente, mas saudosa :
E quando o pranto na sentida fuga
Começava a saudade, amor lh'o enxuga.

XXXVI

E' fama então que a multidão formosa
Das damas, que Diogo pretendiam,
Vendo avançar-se a náo na via undosa,
E que a esperança de o alcançar perdiam :
Entre as ondas com ancia furiosa
Nadando o esposo pelo mar seguiam,
E nem tanta agua que fluctúa vaga
O ardor que o peito tem, banhando apaga.

XXXVII

Copiosa multidão da náo franceza
Corre a ver o espectaculo assombrada ;
E ignorando a occasião da estranha empreza,
Pasma da turba feminil, que nada :
Uma que ás mais precede em gentileza,
Não vinha menos bella, do que irada :
Era Moema, que de inveja geme,
E já visinha á náo se apéga ao leme.

XXXVIII

Barbaro (a bella diz) tigre e não homem....
Porém o tigre por cruel que brame,
Ac ha forças amor, que em fim o domem ;
Só a ti não domou, por mais que eu te ame :
Furias, raios, coriscos, que o ar consomem,
Como não consumis aquelle infame ?
Mas pagar tanto amor com tedio e asco...
Ah que o corisco és t... raio... penhasco.

XXXIX

Bem puderas, cruel, ter sido esquivo,
Quando eu a fé rendia ao teu engano;
Nem me offenderas a escutar-me altivo,
Que é favor, dado a tempo, um desengano:
Porém deixando o coração captivo
Com fazer-te a meus rogos sempre humano,
Fugiste-me, traidor, e desta sorte
Paga meu fino amor tão crua morte?

XL

Tão dura ingratidão menos sentira,
E esse fado cruel doce me fôra,
Se a meu despeito triumphar não vira
Essa indigna, essa infame, essa traidora:
Por serva, por escrava, te seguira,
Se não temêra de chamar senhora
A vil Paraguassú, que sem que o creia,
Sobre ser-me inferior, é nescia e feia.

XLI

Em fim, tens coração de ver-me afflicta,
Fluctuar moribunda entre estas ondas;
Nem o passado amor teu peito incita
A um ai sómente, com que aos meus respondas:
Barbaro, se esta fé teu peito irrita,
(Disse, vendo-o fugir) ah não te escondas;
Dispara sobre mim teu cruel raio...
E indo a dizer o mais, cahe n'um desmaio.

XLII

Perde o lume dos olhos, pasma e treme,
Pállida a côr, o aspecto moribundo,
Com mão já sem vigor, soltando o leme,
Entre as salsas escumas desce ao fundo :
Mas na onda do mar, que irado freme,
Tornando a apparecer desde o profundo ;
Ah Diogo cruel ! disse com mágoa,
E sem mais vista ser, sorveu-se n'agua.

XLIII

Choráram da Bahia as nynphas bellas,
Que nadando a Moema acompanhavam ;
E vendo que sem dôr navegavam dellas,
A' branca praia com furor tornavam :
Nem pode o claro heróe sem pena vel-as,
Com tantas provas, que de amor lhe davam ;
Nem mais lhe lembra o nome de Moema,
Sem que o amante a chore, ou grato gema.

XLIV

Voava em tanto a náo na azul corrente,
Impellida de um zephyro sereno,
E do brilhante mar o espaço ingente
Um campo parecia igual e ameno :
Encrespava-se a onda docemente,
Qual aura leve, quando move o feno ;
E como o prado ameno rir costuma,
Imitava as boninas com a escuma.

XLV

Du Plessis, que os francezes governava,
Em uma noite clara á pôpa estando,
Os casos de Diogo, que escutava,
Admira no naufragio memorando :
Depois do heróe prudente perguntava
Quem achára o Brazil, o como e quando
Ganhára no recondito hemispherio
Tanto thesouro o lusitano imperio ?

XLVI

Dous monarchas (responde o lusitano)
Já sabes que no occaso, e no oriente
Novos mundos buscáram pelo oceano,
Depois de haver domado a Libya ardente :
E que, onde não chegou grego, ou romano,
Passea o forte Hispano , e a Lusa gente ;
Que instruidos na nautica com arte,
Descobriram do mundo outra grã parte.

XLVII

Do Téjo ao China o portuguez impéra,
De um pólo ao outro o castelhano vòa,
E os dous extremos da redonda esphera,
Dependem de Sevilha e de Lisboa : (2)
Mas depois que Colon signaes trouxera,
(Colon, de quem no mundo a fama vôa)
Deste novo admiravel continente
Discorda com Castella o luso ardente.

XLVIII

Já se dispunha a guerra sanguinosa ;
Porém o commum pai aos dous intima
Arbitrio na contenda duvidosa,
Que a parte competente aos reis estima.
Desde Roma Alexandre imperiosa,
Deixando ambos em paz á empreza anima,
E uma linha lançando ao céo profundo,
Por Fernando e João reparte o mundo.

XLIX

Na vasta divisão que ao luso veio,
O precioso Brazil contido fica :
Paiz de gentes e prodigios cheio,
Da America feliz porção mais rica :
Aqui do vasto oceano no meio
Por horrivel tormenta a prôa applica
O illustre Cabral com fausto acaso
Sobre gráos dezeseis do nosso occaso.

L

Da nova região, que attento observa,
Admira o clima doce, o campo ameno,
E entre arvoredo immenso, a fertil herva
Na viçosa extensão do aureo terreno :
Coberta a praia está de grã caterva
Dé incognita nação, que com o aceno.
Porque a lingua ignorava, á paz convida,
Erguendo-lhe a trophéo do auctor da vida.

LI

Era o tempo, em que alegre resuscita
A verde planta, que murchou no inverno ;
E quando a solar méta o tempo excita,
Em que o rei triumphou da morte eterno :
Tão sagrada memoria a frota incita
A celebrar ao vencedor do inferno
O sacrificio, dando a fé venera,
A paixão, que em tal tempo succedêra.

LII

Em frondosa ramada o lusitano
Um altar fabricou no prado extenso,
Donde assista ao mysterio soberano
Da lusitana esquadra o povo immenso :
Ao rei triumphante do infernal tyranno.
Odorifero fuma o sacro incenso,
E a victima do céo, que a paz indica
A gente e nova terra sanctifica.

LIII

Notar o americano alli contende
Do sacrosanto altar o acto sublime ;
E tanto a simples gente o aceno entende,
Que parece que a acção por santa estime :
Algum que olhava ao celebrante, emprende
O gésto arremedar, que orando exprime,
E as mãos une e levanta, e talvez solta ;
E quando o vê voltar, tambem se volta.

LIV

Como as nossas acções talvez espia
O pelloso animal, que o máto hospeda,
E quanto vê fazer, como á porfia,
Tudo posto a observar, logo arremeda :
Tal o gentio simples parecia,
Que nem um pé, nem passo d'alli arreda,
E ao santo sacrificio attento e mudo,
O que aos mais vio fazer, fazia-o tudo.

LV

Aqui depois que ás turbas eloquente
Dicta o sacro orador pelo conceito,
E a fé dispensa no animo valente
Do nobre povo a propagal-a eleito :
Participa da cêa a christã gente,
E o dom recebem com fiel respeito ;
E é fama que Cabral, que os convocára,
Montando sobre um alto, assim fallára.

LVI

Gloriosa nação, que a terra vasta
Vais a livrar do paganismo immundo,
A quem esse orbe antigo já não basta,
Nem a immensa extensão do mar profundo;
Neste occulto paiz, que o mar affasta,
Tem teu zelo por campo um novo mundo ;
E quando tanta fé seus termos sonde,
Outro mundo acharás, se outro se esconde.

LVII

Oh profundo conselho! Abysmo immenso
Do poder e saber do Omnipotente!
Que estivesse escondida no orbe extenso
Tanta parte do mundo á sabia gente!
Cincoenta e cinco seculos sem senso
Das nações deste vasto continente,
E em tanta indagação dos sabios feita,
Não cahir-nos na mente nem suspeita!

LVIII

Mas combine-se o dia, o tempo, a hora,
Em que a alta providencia aqui nos guia;
Quando á ignorancia Christo o perdão ora;
Quando morre na cruz, no proprio dia:
Na bandeira do mar triumphadora
Tremolamos as chagas com fé pia,
E n'ellas quiz á grey, que em sombras langue,
Vir neste dia a offerecer seu sangue.

LIX

Goza de tanto bem, terra bemdita
E da cruz do Senhor teu nome seja;
E quanto á luz mais tarde te visita,
Tanto mais abundante em ti se veja:
Terra de Santa Cruz tu sejas dita,
Maduro fructo da Paixão na igreja,
Da fé renovo pelo fruto nobre,
Que o dia nos mostrou, que te descobre.

LX

Dizendo assim ajoelha, e cruz em tanto
Sublime n'um outeiro se colloca ;
O exercito formado ao signal santo
Se prosta humilde pondo em terra a boca :
Pasma o gentio, e admira com espanto
A melodia, com que o cèo se invoca,
Hymno entoando á cruz pios cantores.
E respondendo as trompas e os tambores.

LXI

Terra porém depois chamou a gente
Do Brazil, não da cruz ; porque attrahida
D'outro lenho nas tintas excellente,
Se lembre menos do que o foi da vida.
Assim ama o mortal o bem presente ;
Assim o nome esquece, que o convida
Aos interesses da futura gloria,
Aos bens attento só da transitoria.

LXII

Observa o bom Cabral todo o prospecto
Da immensa costa e pelo clima puro :
Pelo abordo tranquillo e mar quieto,
Chama o seio, em que entrou Porto Seguro :
E olhando com saudade o doce objecto
Do seu destino, se lamenta escuro,
Que pela empreza a que mandado fôra,
Não permitte na armada outra demora.

LXIII

Manda depois ao luso dominante
Um aviso do clima descoberto ;
Nem tarda Manoel então reinante
A enviar um cosmographo, que experto
Da escóla fôra, que o famoso infante (3)
Para a nautica sciencia tinha aberto,
E Americo dispõe, que ao Brazil parta,
De quem deu nome ao continente a carta.

LXIV

E por ter quem aos nossos interpréte
Do ignorado idioma a escura sorte,
Alguns em terra condemnados mette,
Devidos por delicto á crua morte :
A vida como premio lhe promette,
Quando com peito se atravessem forte
A esperar no sertão nova viagem
Aprendendo os rodeios da linguagem.

LXV

Com acenos depois á gente bruta
Os seus que lhe deixava, recommenda.
E no claro perigo, em que os reputa :
Arma lhe deixa, que na guerra offenda :
Dá-lhe a especie, que alli bem se commuta,
Em que possam tratar por compra e venda ;
Espelhos, cascaveis, anzoes, cutélos,
Campainhas, fuzis, serra, martellos.

LXVI

Nem se demora mais a forte armada ;
E convidando o vento, estende a véla,
Corre a barbara gente amontoada
Ao embarque das náos da tropa bella :
E, ao que póde entender-se, magoada
Por saudade, que tem de mais não vel-a,
Com acenos e voz enternecida
Faziam a seu modo a despedida.

LXVII

Mais saudosos os tristes desterrados,
Correndo immenso risco a lingua aprendem,
Recebendo alimentos commutados
Pelas especies, que ao gentio vendem ;
Talvez os tem co'a cithara encantados ;
Talvez com cascaveis todos suspendem ;
Mas o objecto que a vista mais lhe assombra
E' ver dentro do espelho a propria sombra :

LXVIII

Extatico qualquer notando admira,
Dentro ao terso crystal a horrivel cara :
Pergunta-lhe quem é, como se ouvira ;
E crendo estar no inverso o que enxergára,
De uma parte a outra parte o espelho vira ;
E não topando o vulto na luz clara,
Tal ha que o vidro quebra, por ver dentro
Se a imagem acha que observou no centro.

LXIX

Mas em quanto estes erram vagabundos,
Americo Vespucci e o forte Coelho,
A longa costa e os seios mais profundos
Demarcavam no nautico conselho ;
Descobridor tambem dos novos mundos
Foi Jacques na marinha experto e velho,
De quem já demarcado em carta ouvimos
Esse ameno reconcavo, que vimos.

LXX

Eu depois destes na occasião presente
Quanto o vasto sertão nos encobria,
Descobri, pondo em fuga a bruta gente,
O reconcavo interno da Bahia :
Notei na vasta terra a turba ingente,
Que mais Europa toda não teria,
Se da grã cordilheira ao mar baixando,
Desde o Prata ao Pará se fôr contando.

LXXI

Dá principio na America opulenta
As provincias do imperio lusitano,
O Grã Pará que um mar nos representa,
Emulo em meio á terra do oceano ;
Foi descoberto já (como se intenta)
Por ordem de Pissarro, de Arelhano ;
Paiz, que a linha equinocial tem dentro,
Onde a torrida zona estende o centro.

LXXII

Em nove leguas só de comprimento,
Vinte seis de circuito se espraia
No vasto Maranhão d'agua opulento,
Uma ilha bella que se estende á praia :
Regam-lhe quinze rios o aureo assento,
E um breve estreito, que lhe fórma a raia,
Póde possar por Isthmo, que a encadêa
A' terra firme por mui breve arêa.

LXXIII

O Ceará depois, provincia vasta,
Sem portos e commercio jaz inculta ;
Gentio immenso, que em seus campos pasta,
Mais fero que outros o estrangeiro insulta :
Com violento curso ao mar se arrasta
De um lago do sertão, de que resulta,
Rio, onde pescam nas profundas minas
As brazilicas perolas mais finas.

LXXIV

Da fertil Parahyba não occorre
Que informe a gente vossa, sendo empreza
Do commercio francez, que alli concorre
A lenhos carregar, que a Europa preza
Não mui longe da costa, que alli corre
Uma ilha vêdes de menor grandeza,
Que amena, fertil, rica, e povoada
E' de Itamaracá de nós chamada.

LXXX

A oito gráos do equinocio se dilata
Pernambuco, provincia deliciosa,
A pingue caça, a pesca, a fructa grata,
A madeira entre as outras mais preciosa :
O prospecto, que os olhos arrebata
Na verdura das arvores frondosa,
Faz que o erro se escuse a meu aviso,
De crer que fôra um dia o paraiso.

LXXVI

Sergipe, então d'el-rei : logo o terreno
De que viste a belleza e perspectiva ;
Nem cuido que outro visses mais ameno,
Nem donde com mais gosto a gente viva :
Clima saudavel, céo sempre sereno,
Mitigada na nevoa a calma activa ;
Palmas, mangues, mil plantas na espessura,
Não ha depois do céo mais formosura.

LXXVII

A quinze gráos do sul na foz extensa
De um vasto rio, por ilhéos cortado,
Outra provincia de cultura immensa,
Tem dos proprios ilhéos nome tomado :
Depois Porto Seguro, a quem compensa
O espaço da provincia limitado,
Outra de ambito vasto, que assoma,
E do Espirito Santo o nome toma.

LXXVIII

Nictheroy dos tamoyos habitada,
Por largas terras seu dominio estende,
Famosa região pela enseada,
Que uma grã barra dentro em si comprende:
Esta praia dos vossos frequentada,
Que pomo de discordia entre nós pende,
Custará, se presago não me engano,
Muito sangue ao francez e ao lusitano.

LXXIX

S. Vicente, e S. Paulo os nomes deram
A's extremas provincias, que occupamos;
Bem que ao Rio da Prata se estenderam
As que com proprio marco assignalamos;
E por memoria de que nossos eram,
De *Marco* o nome no lugar deixamos,
Povoação, que aos vindouros significa,
Onde o termo hespanhol, e o luso fica.

---

(1) *Lapa.*—Esta é a grande igreja da Lapa, em que parece que a natureza preparou á graça um admiravel edificio. Veja-se Sebastião da Rocha Pitta.

(2) *Sevilha.*— Então côrte de Hespanha.

(3) *Do famoso infante.*— A escóla nautica e mathematica, fundada em Sagres pelo senhor Infante D. Henrique, deu os ultimos lumes a Colon, Americo Vespucio, e outros cosmographos estranhos, que em nenhuma outra região da terra podiam achar estudos áquelle tempo tão celebres, como os de Portugal.

CANTO VII

I

Era o tempo, em que o sol na vasta esphera
O claro dia com a noite iguala,
E o velho outono, que o calor modera,
De seus pampanos tece a verde gala :
E quando todo monte Bacho altera,
E os capazes toneis na adega bala,
Tocava a Franca náo do claro Sena
Na deliciosa foz a praia amena.

II

Na grã Lutecia, capital do estado,
A ligeira falúa dava fundo,
E esse orbe na cidade abreviado,
Enchia Diogo de um prazer jocundo :
Templos, torres, palacios, casas, prados
O famoso Atheneo mestre do mundo,
A côrte mais augusta, que se avista,
Enche-lhe o coração, e assombra a vista.

III

Paraguassú porém, que jámais vira :
Espetaculo igual, suspensa pára :
Nem falla, nem se volta, nem respira.
Immovel a pestana e fixa a cara :
E cheia a fantasia do que admira,
Causa-lhe tanto pasmo a visão rara,
Que estupida parece ter perdido
O discurso, a memoria a voz e o ouvido.

IV

Qual pende o terno infante ao collo da ama,
Se um novo e bello objecto tem presente,
Que nem a doce mãi, que ao peito o chama,
Nem os mimos do pai pasmado sente :
Tod'a alma no que vê fixo derrama,
E só parece pelo olhar vivente :
Não foi da americana o ar diverso,
Vendo em Paris a summa do universo.

V

Por fama que se ouvio da novidade
A admirar o espectaculo se ajunta,
Curiosa do successo a grã cidade,
E um se admira, outro o conta, algum pergunta :
Cresce o vago rumor sobre a verdade ;
E a plebe, que a Diogo acode junta,
Delle e da Esposa divulgada tinha
Que era o rei do Brazil e ella a rainha.

VI

E já avistavam do palacio augusto
Em bella perspectiva o regio espaço,
E o atrio vendo de trophéos onusto,
Entram do franco rei no excelso paço :
Cinge as portas exercito robusto,
Brilhante guarda, de que o invicto braço
Ao lado sempre da real pessoa,
Sustenta as lises e defende a c'rôa.

VII

Era alli christianissimo reinante
Entre os francezes o segundo Henrique,
Méta então do germano fulminante,
Que oppôz de Carlos ás victorias dique:
Orthodoxo monarcha, da fé amante,
Que faz que em toda a França immovel fique
O antigo culto e religião paterna,
Que invadio de Calvino a furia averna.

VIII

Senta-se ao regio lado a grã princeza,
Formosa Lis, que do arno florentino
Trouxe a França um thesouro de belleza,
E outro maior no engenho peregrino :
Formoso par, que a sabia natureza
Não sem instincto conjugou divino ;
Porque roubando Henrique a dura morte,
Sustente França Catharina a forte.

IX

Ao throno christianissimo prostrado
A regia mão dos dous monarchas beija
O bom Diogo, tendo a esposa ao lado,
E faz que attenta toda a côrte esteja:
E havendo por tres vezes humilhado
A fronte aos reis, que respeitar deseja,
E' fama, que com gesto reverente
Fallára deste modo ao rei potente.

X

Tendes a vossos pés, sire, invocando
No throno da grandeza a magestade,
Estes dous peregrinos, que sulcando
Do procelloso mar a immensidade,
No imperio, que regeis com sabio mando,
Buscam asylo na real piedade;
E a vós e ao vosso reino se dirigem,
Donde tem Portugal o nome e a origem.

XI

O Brazil, sire, infunde-me a confiança,
Que alli renasça o portuguez imperio,
Que estendendo-se ao Cabo da Esperança,
Tem descoberto ao mundo outro hemispherio:
Tempo virá, se o vaticinio o alcança,
Que ocadente esplendor do nome hesperio
O seculo, em que está, recobre de ouro,
E lhe cinja o Brzil mais nobre louro.

XII

E tu, que ao luso reino um germen augusto
No grão Burgundo a propagar mandaste,
Contempla, ó França heroica, o imperio justo,
Como ramo do teu, que alli plantaste ;
E se o inculto Brazil, se o Cafre adusto
Por teus famosos netos subjugaste,
Admitte ao throno do Solar primeiro
Este teu não indigno aventureiro.

XIII

E esta, que ao lado meu teu sceptro beija,
Princeza do Brazil, que um tempo fôra,
No seio da christã piedosa Igreja,
Como mãi pia regenera agora.
E' bem que a mãi primeira o Brazil veja,
Donde a gente nasceu, que lhe é senhora ;
E quando Lusitania lhe é rainha,
Tome o Brazil a França por madrinha.

XIV

Disse o herôe generoso, e o rei potente,
Recordando os annaes de antiga historia ;
Com vista magestosa, mas clemente,
Deu signal de agradar-lhe esta memoria ;
Com sussurro entretanto a aulica gente
Celebra, como propria, a lusa gloria ;
E impondo-lhe silencio alto respeito,
Respondem com os olhos, e co'o peito.

XV

Mongomerí, que serve na assembléa
De interprete do rei, fallou benigno ;
Conforme na resposta á justa idéa,
De que o bom Diogo se mostrou tão digno :
Nem vendo a Lysia de consquistas cheia
Lhe inspira o impulso da ambição maligno,
A invejar-lhe já mais trophéos tamanhos,
Que em prole sua não reputa estranhos.

XVI

Ide, disse a rainha, o par ditoso,
Que o banho santo, donde a culpa amára.
Se apague nesse peito generoso,
Comigo a França apadrinhar prepara.
D quando o sol seu curso luminoso
Tres vezes repetir na esphera clara,
Será das nodoas do tartareo abysmo
Lavada a bella dama no baptismo.

XVII

Era o dia, em que é fama, que o homem feito
De terra, foi na estatua preciosa,
Em que Deos lhe infundira no seu peito
Do soberano ser cópia formosa.
Dia do nosso rito ao culto eleito
De Simão e Thaddeo, quando formosa
Entrou Paraguassù com feliz sorte
No banho santo, rodeando-a a côrte.

XVIII

A' roda o real clero e grão Jararca
Fórma em meio á capella a augusta linha ;
Entre os pares seguia o bom monarcha,
E ao lado da Neofyta a rainha.
Vê-se cópia de lumes nada parca,
E a turba immensa que das guardas vinha ;
E dando o nome a Augusta á nobre dama,
Põe-lhe o seu proprio e Catharina a chama.

XIX

Banhada a formosissima donzella
No santo Crisma, que os christãos confirma,
Os desposorios na real capella
Com o valente Diogo amante firma :
Catharina Alves se nomeia a bella, (1)
De quem a gloria no trophéo se afirma,
Com que a Bahia, que lhe foi senhora,
N'outro tempo, a confessa, e fundadora.

XX

Prepara-se um banquete com grandeza,
Em que a cópia compita co'a elegancia ;
E aos dous consortes se dispõe a mesa
No magnifico paço em regia estancia :
Nem se dedigna a Soberana Alteza,
Depois de os regalar com abundancia,
De dar rainha e rei, de ouvir curiosos,
Uma audiencia privada aos dous esposos.

XXI

Depois (disse o monarcha) que informado
De meus ministros tenho a historia ouvido,
Como foste das ondas agitado,
Como da gente barbara temido:
Sabendo que os sertões tens visitado,
E o centro do Brazil reconhecido,
Quero das terras, dos viventes, plantas,
Que a historia contes de provincias tantas.

XXII

Mandas-me, rei augusto, que te exponha,
(Diz cheio de respeito o heróe prudente)
E aos olhos teus em um compendio ponha
A historia natural da occulta gente ;
Se esperas de mim, Sire, que componha
Exacta narração da cópia ingente,
Empreza tanta é, quando obedeça,
Que faz que o tempo falte e a voz falleça.

XXIII

Mil e cincoenta e seis leguas de costa,
De valles e arvoredos revestida,
Tem a terra brazilica composta
De montes de grandeza desmedida :
Os Guararapes, Borborema posta
Sobre as nuvens na cima recrescida,
A serra de Aymorés, que ao pólo é raia,
As de Ibo-ti-catú e Itatiaia.

XXIV

Nos vastos rios e altas alagôas
Mares dentro das terras representa ;
Coberto o Grão Pará de mil canôas
Tem na espantosa foz leguas oitenta.
Por dezesete se desagua boas
O vasto Maranhão ; leguas quarenta
O Jaguaribe dista ; outro se engrossa
De S. Francisco, com que o mar se adoça.

XXV

O Sergipe , o real de licor puro,
Que com vinte o sertão regando correm,
Santa Cruz, que no porto entra seguro,
Depois de trinta, que no mar concorrem :
Logo o das Contas, o Taigipe impuro,
Que abrindo a vasta foz no oceano morrem,
O Rio Doce, a Cananêa, a Prata,
E outros cincoenta mais, com que arremata.

XXVI

O mais rico e importante vegetavel
E' a doce cana, donde o assucar brota,
Em pouco ás nossas canas comparavel ;
Mas nos do milho proporção se nota :
Com manobra expedita e praticavel,
Espremido em moenda o succo bota,
Que acaso a antiguidade imaginava,
Quando o nectar e ambrosia celebrava.

XXVII

Outra planta de muitos desejada
Por fragancia que o olfacto activa sente,
Herva santa dos nossos foi chamada,
Mas tabaco depois da hespana gente.
Pelo franco Nicot manipulada
Expelle a bile, e o cerebro cadente
Soccorre em modo tal, que em quem o tome,
Parece o impulso de o tomar que é fome.

XXVIII

E' sustento commum, raiz prezada,
Donde se extrahe com arte util farinha,
Que saudavel ao corpo, ao gosto agrada,
E por delicia dos Brazis se tinha.
Depois que em *bolandeiras* foi ralada, (2)
No *Tapiti* se espreme e se convinha,
Fazem a *puba* então e a *tapioca*,
Que é todo o mimo e flôr da mandioca.

XXIX

Chama o agricultor raiz gostosa
Aipi por nome ; e em gosto se parece
Com a molle castanha saborosa,
De que tira o paiz vario interesse
Optimo arroz em cópia prodigiosa,
Sem cultura nos campos apparece,
No Pará, Cuiabá,por modo feito,
Que iguala na bondade o mais perfeito.

XXX

Ervilhas, feijão, favas, milho e trigo,
Tudo a terra produz, se se transplanta ;
Fructa tambem, o pomo, a pera, o figo
Com bifera colheita e em cópia tanta :
Que mais que no paiz que o dera antigo,
No Brazil fructifica qualquer planta ;
Assim nos deu a Persia, e Lybia ardente,
Os que a nós transplantamos de outra gente.

XXXI

Nas comestiveis hervas é louvada
O quiabo, o giló, os maxixeres,
A maniçoba peitoral prezada,
A taióba agradavel nos comeres :
O palmito de folha delicada,
E outras mil hervas, que se usar quizeres,
Acharás na opulenta natureza
Sempre com mimo preparada a meza.

XXXII

Sensivel chama-se herva pudibunda,
Que quando a mão chegando alguem lhe ponha,
Parece que do tacto se confunda,
E que fuja o que o toca por vergonha.
Nem torna a si da confusão profunda,
Quando ausente o aggressor se lhe não ponha,
Documento á alma casta, que lhe indica,
Que quem cauta não foi, nunca é pudica.

XXXIV

D'hervas medicinaes cópia tão rara
Tem no mato o Brazil e na campina,
Que quem toda a virtude lhe explorára,
Por demais recorrêra á Medicina.
Nasce a gelapa alli, a seno amara,
O filopodio, a malva, o páo da China,
A caroba, a capeba e mil que agora
Conhece a bruta gente, e a nossa ignora.

XXXIII

Tem mimosos legumes, que não cedem
Aos que usamos na Europa mais prezados,
Gingibre, gergelim, que os mais excedem
Mendubim, mangaló, que usam guizados:
Alguns medicinaes, com que despedem
Do peito estilicidios radicados;
Tem o cará, o inhame e em cópia grata
Mangarás, mangaritos e batata.

XXXV

Das flores naturaes pelo ar brilhante
E' com causa entre as mais rainha a rosa,
Branca sahindo a aurora rutilante,
E ao meio dia tinta em côr lustrosa:
Porém crescendo a chamma rutilante,
E' purpurea de tarde a côr formosa;
Maravilha que a Clicie competira,
Vendo que muda a côr, quando o sol gyra.

XXXVI

Outra engraçada flôr, que em ramos pende
(Chamam de S. João) por bella passa
Mais que quantas o prado alli comprênde,
Seja na bella côr, seja na graça :
Entre a copada rama, que se estende
Em vistosa apparencia a flôr se enlaça,
Dando a ver por diante e nas espaldas,
Cachos de ouro com verdes esmeraldas.

XXXVII

Nem tu me esquecerás, flôr admirada,
Em quem não sei, se a graça, se a natura
Fez da Paixão do Redemptor Sagrada
Uma formosa e natural pintura :
Pende com pomos mil sobre a iatada,
Aureos na côr, redondos na figura,
O âmago fresco, doce e rubicundo,
Que o sangue indica, que salvára o mundo.

XXXVIII

Com densa cópia a folha se derrama,
Que muito á vulgar Era è parecida,
Entre-sachando pela verde rama
Mil quadros da Paixão do Author da vida :
Milagre natural, que a mente chama
Com impulsos da graça, que a convida,
A pintar sobre a flôr aos nossos olhos
A cruz de Christo, as chagas e os abrolhos.

XXXIX

E' na fórma redonda, qual diadema,
De pontas, como espinhos, rodeada,
A columna no meio, e um claro emblema
Das chagas santas e da cruz sagrada :
Vem-se os tres cravos e na parte extrema
Com arte a cruel lança figurada,
A côr é branca, mas de um roxo exangue,
Salpicada recorda o pio sangue.

XL

Prodigio raro, estranha maravilha,
Com que tanto mysterio se retrata !
Onde em meio das trévas a fé brilha,
Que tanto desconhece a gente ingrata :
Assim do lado seu nascendo filha
A humana especie, Deos piedoso trata,
E faz que quando a graça em si despreza,
Lhe pregue co'esta flôr a natureza.

XLI

Outras flôres suaves e admiraveis
Bordam com varia côr campinas bellas,
E em varia multidão por agradaveis,
A vista encantam, transportada em vêl-as ;
Jasmins vermelhos ha, que innumeraveis
Cobrem paredes, tectos e janellas ;
E sendo por miudos mal distinctos,
Entretecem purpureos labyrinthos.

XLII

As assucenas são talvez fragrantes,
Como as nossas na folha organisadas ;
Algumas no candor lustram brilhantes,
Outras na côr reluzem nacaradas.
Os bredos namorados rutilantes,
As flôres de Courana celebradas ;
E outras sem conto pelo prado immenso,
Que deixam quem as vê, como suspenso.

XLIII

Das fructas do paiz a mais louvada
E' o regio ananás, fructa tão bôa,
Que a mesma natureza namorada
Quiz como a rei cingil-a da corôa :
Tão grato cheiro dá, que uma talhada
Surprende o olfacto de qualquer pessoa ;
Que a não ter do ananás distincto aviso,
Fragrancia a cuidará do Paraiso.

XLIV

As fragrantes pitombas delicadas
São, como gemmas d'ovos na figura ;
As pitangas com côres golpeadas
Dão refrigerio na febril seccura :
As formosas goiabas nacaradas,
As bananas famosas na doçura,
Fructa, que em cachos pende e cuida a gente
Que fôra o figo da cruel serpente.

XLV

Distingue-se entre as mais na fórma e gosto,
Pendente de alto ramo o côco duro,
Que em grande casca no exterior composto,
Enche o vaso int'rior de um licor puro :
Licor, que á competencia sendo posto,
Do antigo nectar fôra o nome escuro ;
Dentro tem carne branca como a amendoa,
Que a alguns enfermos foi vital, comendo-a.

XLVI

Não são menos que as outras saborosas
As várias fructas do Brazil camprestes,
Com gala de ouro e purpura vistosas,
Brilha a mangaba e os mocujes silvestres :
Os mamões, morieis, e outras famosas,
De que os rudes caboclos foram mestres,
Que ensináram os nomes, que se estillam,
Janipo e cajú vinhos distillam.

XLVII

Nas preciosas arvores se conta
O cacáo, droga em Hespanha tão commua,
Pouco n'altura mais que arbusto monta,
E rende novo fructo em cada lua :
A baunilha nos sipós desponta,
Que tem no chocolate a parte sua,
Nasce em bainhas, como páos de lacre,
De um succo oleoso, grato o cheiro e acre.

XLVIII

Optimo anil de planta pequenina
Entre as brenhas incultas se recolhe ;
Tece-se a roupa do algodão mais fina,
Que em cópia abundantissima se colhe :
Que se a abundancia á industria se combina,
Cessando a inercia, que mil lucros tolhe,
Houvera no algodão, que alli se topa,
Roupa com que vestir-se toda a Europa.

XLIX

O urucú, fructo d'arvore pequena,
Como lima, em pyramide elevada,
De que um extracto a diligencia ordena,
Que a escarlata produz mais nacarada :
De immortal tronco a tarajaba amena
Rende a aurea côr dos belgas desejada,
O páo brazil, de que o engenhoso norte
Costuma extrahir côr de toda a sorte.

L

Ha de balsamos arvores copadas,
Que por leguas, e leguas se dilatam ;
Folhas cinzentas, como a murta, obradas,
E em grato aroma os troncos se desatam :
Se nelles pelas luas são sangradas :
E uso vario fazendo os que contractam,
Lavram remedios mil, e obras lustrosas.
Contas de cheiro e caixas preciosas.

LI

A copaiba em curas applaudida,
Que a médica sciencia estima tanto,
A bicuiba no oleo conhecida,
A Almecega, que se usa no quebranto.
A preciosa madeira appetecida,
Que o nome nos merece de páo santo,
O salfafraz cheiroso, de que as praças
Se vem cobertas com formosas taças.

LII

Quaes ricas vegetaveis amethystas
As aguas de violete em varia casta,
O aureo pequiá com claras vistas,
Que n'outros lenhos por matiz se engasta :
O vinhatico páo, que quando avistas,
Massa de ouro parece extensa e vasta ;
O duro páo, que ao ferro competira,
O angelim, tataipeva, o supopira.

LIII

Troncos varios em côr e qualidade.
Que inteiriças nos fazem as canôas,
Dando á grossura tal capacidade,
Que andam remos quarenta e cem pessoas :
E ha por todo o Brazil em quantidade
Madeiras para fabricas tão bôas,
Que trazendo-as ao mar por vastos rios,
Póde encher toda a Europa de navios.

LIV

Nutre a vasta região raros viventes
Em numero sem conta e em natureza
Dos nossos animaes tão differentes,
Que enchem a vista da maior surpreza :
Os que tem mais communs as nossas gentes,
Ignora esta porção de redondeza :
O boi, cavallo, a ovelha, a cabra e o cão :
Mas levados alli sem conta são.

LV

Todo o animal é fero alli ; levado
Donde tinha o seu pasto competente ;
Nem era lugar proprio ao nosso gado,
Que fôra o bruto manso e fera a gente :
Como entre nós é o tigre arrebatado,
Cruel a onça, o javali fremente,
Feras as antas são americanas,
E proprias do Brazil as suraranas.

LVI

Vêm-se cobras terriveis, monstruosas,
Que affugentam co'a vista a gente fraca ;
As giboias, que cingem volumosas
Na cauda um touro, quando o dente o ataca ;
Vôa entre outras com forças horrorosas,
Batendo a aguda cauda a jararáca,
Com veneno, a quem fere tão presente,
Que logo em convulsão morrer se sente.

LVII

Entre outros bichos de que o bosque abunda,
Vê-se o espelho da gente, que é remissa,
No animal torpe de figura immunda,
A que o nome puzemos da preguiça :
Mostra no aspecto a lentidão profunda ;
E quando mais se bate e mais se atiça,
Conserva o tardo impulso por tal modo,
Que em poucos passos mette um dia todo.

LVIII

Vê-se o camaleão, que não se observa,
Que tenha, como os mais, por alimento
Ou folha, ou fructo, ou nota carne, ou herva,
Donde a plebe affirmou, que pasta em vento:
Mas sendo certo, que o ambiente ferva
De infinitos insectos, por sustento
Creio bem que se nutra na campanha
De quantos delles, respirando, apanha.

LIX

Gyra o sarehué, como pirata,
Da creação domestica inimigo ;
A' canção da guariba sempre ingrata
Responde o guassinin, que o segue amigo.
Da varia caça, que o caboclo mata,
A narração por longa não prosigo,
Veados, capivaras e coatias,
Pacas, teús, periás, tatús, cotias.

LX

O mono, que a espessura habita astuto,
De um ramo n'outro buliçoso salta ;
E para não se crer que nasceu bruto,
Parece que o fallar sómente falta !
O riso imita, e contrafaz o luto ;
E a tanto sobre os mais o instincto exalta,
Que onde a especie brutal chegar lhe véda,
Tem arte natural, com que o arremeda.

LXI

Entre as volateis caças mais mimosa,
A zabelé, que os francolins imita.
E' de carne suave e deliciosa,
Que ao tapuia voraz a gula incita :
Logo a enha-popé, carne preciosa,
De que a titela mais o gosto irrita,
Pombas verás tambem nesses paizes,
Que em sabor, fórma e gosto são perdizes.

LXII

Juritís, pararís tenras e gordas,
A hiraponga no gosto regalada,
As marrecas, que ao rio enchem as bordas,
As jacutingas, e a aracan prezada :
E se do lago na ribeira abordas
De galeirões e patos habitada,
Verás, correndo as aguas na canôa,
A turba aquatil, que nadando vôa.

LXIII

Negou ás aves do ar a natureza,
Na maior parte a musica harmonìa ;
Mas compensa-se a vista na belleza,
Do que póde faltar na melodia :
A penna no tucano mais se préza,
Que feita de ouro fino se diria,
Os guarazes pelo ostro tão luzidos,
Que parecem de purpura vestidos.

LXIV

Vão pelo ar loquazes papagaios,
Como nuvens voando em cópia ingente,
Iguaes na formosura aos verdes Maios ,
Proferindo palavras como a gente :
Os periquitos com iguaes ensaios,
O canindé, qual Iris reluzente ;
Mas fallam menos da pronuncia avaras,
Gritando as formisissimas aráras.

LXV

Como melros são negros os bicudos,
Mais déstros e agradaveis no seu canto,
Na terra os sabiás sempre são mudos ;
Mas junto d'agua tem a voz que é encanto :
Os coleirinhos no entoar agudos,
As patatibas, que o saudoso pranto
Imitam, requebrando com sons varios,
Os colibris e harmonicos canarios.

LXVI

Das especies maritimas de preço
Temos perolas netas preciosas,
Nem melhores aljofares conheço,
Que os das ostras brazilicas famosas:
Ambar griz do melhor, mais denso e espesso,
Nas costa do Ceará se vê espaçosas,
Madre-perolas, conchas delicadas,
Uma parecem de ouro, outras prateadas.

LXVII

Piscoso o mar de peixes mais mimosos,
Entre nós conhecidos rico abunda,
Linguados, savéis, méros preciosos,
A agulha, de que o mar todo se inunda:
Robalos, salmonetes deliciosos,
O xerne, o voador, que n'agua affunda,
Pescadas, gallo, arraias, e tainhas,
Carapáos, encharrocos e sardinhas.

LXVIII

Outros peixes, que proprios são do clima,
Berupirás, vermelhos, e o garopa,
Pampanos, corimás, que o vulgo estima,
Os dourados, que préza a nossa Europa:
Carepebas, parus, nem desestima
A grande cópia, que nos mares topa,
A multidão vulgar do chareo vasto,
Que ás pobres gentes subministra o pasto.

LXIX

De Junho a Outubro para o mar se alarga,
Qual gigante maritimo a balêa,
Que palmos vinte seis conta de larga,
Setenta de comprido, horrenda e feia :
Opprime as aguas com a horrivel carga,
E de oleosa gordura em roda cheia,
Convida o pescador que ao mar se deite,
Por fazer, derretendo-a, util azeite.

LXX

Tem por espinhas ossos desmarcados,
O ferro as duras pelles representam,
Donde pendem mil busios apegados,
Que de quanto lhe chupam se sustentam :
Não parecem da fronte separados
Os vastos córpos, que na arêa assentam,
Entre os olhos medonhos se ergue a tromba,
Que ondas vomita, como aquatil bomba.

LXXI

Na boca horrivel, como vasta gruta,
Doze palmos comprida a lingua pende,
Sem dentes, mas da boca immensa e bruta
Barbatanas quarenta ao longo estende :
Com ellas para o estomago transmuta,
Quanto por allmento n'agua prende,
O peixe ou talvez carne, e do elemento
A fez immunda, que lhe dá sustento.

LXXII

Duas azas nos hombros tem por braços,
Que aos lados vinte palmos se diffundem,
Com aza e cauda os liquidos espaços
Batendo remam, quando o mar confundem :
E excitando no pélago fracaços,
Chorros d'agua nas náos de longe infundem ;
E andando o monstro sobre o mar boiante
Crê que é ilha o inexperto navegante.

LXXIII

Brilha o materno amor no monstro horrendo,
Que vendo prevenida a gente armada,
Matar se deixa n'agua combatendo,
Por dar fuga, morrendo, á prole amada :
Onde no filho o arpão caçam mettendo,
Com que attrahindo a mãe dentro á enseada
Desde a longa canôa se alancêa,
Ao lado de seus filhos a balêa.

LXXIV

Sobre a costa o marisco appetecido
No arrecife se colhe e nas ribeiras
As lagostas, e o polvo retorcido,
Os lagostins, santólas, sapateiras :
Ostras famosas, camarão crescido,
Caranguejos tambem de mil maneiras,
Por entre os mangues, donde o tino perde
A humana vista em labyrintho verde.

(1) *Trophéo.*—Allude-se a imagem de Catharina Alvares, pintada sobre a casa da polvora na Bahia.

(2) *Bolandeiras,* e *Tapitis.*—Instrumento, com que se fabrica a farinha de mandioca. Puba (ou fubá) é a flor da mesma farinha.

CANTO VIII

I

Tres vezes tinha o sol no gyro obliquo
A carreira dos tropicos voltado,
E tres de Europa pelo clima aprico,
Tinha as plantas o Abril resuscitado :
Depois que do Brazil se tinha rico,
A' França o nobre Diogo transportado,
Buscando nas viagens meio e lume,
Com que reforme o barbaro costume.

II

Mas da misera gente na lembrança,
Que lhe excita da esposa a cara imagem,
Meditava deixar a amiga França,
Repetindo a brazilica viagem :
Na generosa empreza não descança
De instruir a rudeza do selvagem,
E cuida com razão que é humanidade,
Amansar-lhe a cruel barbaridade.

III

Em quanto náo e embarque negoceia,
Do amigo Du-Plessis solicitado,
Foi-lhe do rei francez proposta a idéa,
De erguer as lizes no paiz buscado :
Terás (lhe disse, e é facil que se creia,
Que lh'o dizia do seu rei mandado,)
Terás da França auxilio e tropa immensa,
E maior que o serviço a recompensa.

IV

Que se o empenho te occupa generoso
De amansar do gentio a mente impía,
Trazendo a França um povo numeroso,
Melhor se amansará na companhia :
Que engano fôra á Europa pernicioso,
Quando colonias derramando envia,
Extinguir sem remedio a infeliz gente,
E despovoar-se com a tropa ausente.

V

Desta arte Roma o imperio seu fazia,
Que as colonias pelo orbe derramando,
Do paiz conquistado outras unia,
Com que ia a falta propria reparando :
N'um seculo, que o barbaro vivia,
Na grã Roma romano ia ficando,
E neste arbitrio de pensar profundo,
Foi mundo Roma, e foi romano o mundo.

VI

Este meio por tanto eu te te suggiro, (1)
Que se a tua prudencia hoje executa,
Verás em pouco tempo, como aspiro,
Franceza pelo trato a gente bruta :
Vive sempre brutal no seu retiro,
Quem ninguem communica e nada escuta,
Nem o selvagem tiráras da toca,
Se outro paiz não trata e o seu não troca.

VII

E em tanto que o terreno nosso habita,
Transmigrada a infeliz gentilidade,
A gente, que perdemos infinita,
Supprirá com commua utilidade :
Assim a agricultura mais se excita,
Cresce a plebe no campo e na cidade,
E a turba inerte, que corrompe a terra,
Ou se deixa emendada ou se desterra.

VIII

Disse o francez prudente e o nobre Diogo,
Leal á amada patria respondendo,
Sabio projecto dás (replicou logo)
Sobre a população ; nada o contendo :
Mas não posso convir no exposto rógo,
Sendo fiel ao rei, portuguez sendo,
Quando o luso monarcha julgo certo
Senhor de quanto deixa descoberto.

IX

Vivendo *ex lege* um povo na anarchia,
Tem direito o vizinho a sujeital-o,
Que a natureza mesma inspiraria,
Ao que fosse mais proximo a amansal-o :
Deixo que o céo parece que o queria, (2)
Dando a Cabral o instincto de buscal-o,
E o ser em caso tal commum conceito,
Que quem primeiro o occupa, tem direito.

X

E sem que offenda a França a minha escusa,
E' bem que esta conquista a Lisia faça ;
Mas em quanto a Bahia o não recusa,
Ser-vos-ha no commercio a melhor praça :
Cópia de drogas achareis profusa,
E o lenho precioso alli de graça ;
E durando eu na patria obediencia,
Serei francêz na obrigação e agencia.

XI

Admirou Du-Plessis no peito nobre
O generoso ardor e o patrio zelo,
Que a illustre condição no obrar descobre,
Novo motivo para mais querel-o ;
Sem mais receio que o contrario elle obre,
Na nova expedição quer socio tel-o ;
Mas antes de embarcar-se o heróe prudente
Avisa o luso rei da empreza ingente.

XII

Já pelo salso oceano navega
A franca náo, e o Cabo se divisa,
Donde a Europa no oceano ao termo chega,
Tido do antigo nauta por balisa :
A terra alli se vê, que o Minho rega,
Correndo a costa da feliz Galiza ;
E o rumo então seguido do occidente,
Ao meio dia se navega ardente.

XIII

Não longe do equador o mar cortava,
Quando Paraguassú, já Catharina,
Como era seu costume, attenta orava,
Implorando o favor da Mão Divina :
E eis-que á vista da turba, que a observava,
Em quanto adora a magestade trina,
Em somno fica suspendida e absorta,
E algum cuida que dorme, outro que é morta.

XIV

Brilha no aspecto um ar do affecto interno ;
Mas em funda abstração com doce calma,
Bem se lhe vê pelo semblante externo,
Que occupa em grande objecto a feliz alma.
Vê-se nella arraiar do lume eterno ,
Que no céo goza, quem já logra a palma,
Admiravel vislumbre, que suspende,
E infunde um pio affecto em quem o attende.

XV

Assim por longas horas abstrahida
Deixava o caro esposo na anciedade,
Se era somno, em que estava suspendida,
Se era effeito da cruel enfermidade :
Ora suspeita que perigue a vida,
Ora na celestial tranquillidade,
Crê que do claro empyreo habitadôra,
Immortal sobre o céo reinando móra.

XVI

Até que a si tornada docemente,
Corre a turba co'a vista em grato gyro ;
E como quem esta aura ingrata sente,
Rompe os longos silencios n'um suspiro :
Oh ! doce, (disse) oh ! patria permanente !
Que escuro ar parece que respiro !
Feliz quem contemplando o céo formoso,
Vive no seio do celeste esposo !

XVII

Pasmado Diogo e a multidão que a ouvia,
Calam todos no assombro de admirados;
Nem já duvidam que visão seria,
Em que ouvira os mysterios revelados :
Quando occultos segredos Deos confia,
Não devem ser (diz Diogo) propalados ;
Mas se em parte, como este, é manifesto,
Temerario não sou, se inquiro o resto.

XVIII

Narra-nos, feliz alma, a visão bella,
Quem sabe se por ti nos manda aviso
A Providencia, que ao governo vêla,
Do mortal nos seus fins sempre indeciso :
Não nos cales em tanto o que revela
Por nosso lume, o excelso Paraiso,
E a nossos rogos com memoria prompta,
Dizendo quanto viste, tudo conta.

XIX

Calaram todos com ouvido attento,
Pendendo da expressão de Catharina ;
E tomando na popa em roda assento,
Dão-lh'o sobre um canhão, que ao bordo inclina :
Mandais-me (a dama disse) que o portento
Haja de expôr-vos da impressão divina :
Quem poderá contar cousa tão alta,
Quando o lume cessou, a sciencia falta ?

XX

Nem inculco em meu sonho um sacro instincto,
Que tudo fingir póde a fantasia ;
Porque a imagem talvez que n'alma pinto,
Por força natural se fingiria :
Póde ser, se presaga a idéa sinto,
Que sem extraordinaria profecia,
Anteveja o successo, o tempo e o praso,
E depois não succeda, ou seja acaso.

XXI

Vi, não sei s'era impulso imaginario,
Um globo de diamante claro e immenso ;
E nos seus fundos figurar-se vario
Um paiz opulento, rico e extenso :
E applicando o cuidado necessario,
Em nada do meu proprio o differenço ;
Era o aureo Brazil tão vasto e fundo,
Que parecia no diamante um mundo.

XXII

Fixo os olhos attenta no estupendo
Milagroso espectaculo que via,
E em tres leguas de boca vi correndo
Por doze de diametro a Bahia.
Seis rios pelo golpho discorrendo,
Engenhos, povoações que descobria,
Eram como ornamentos da cidade,
De que se ergue no plano a magestade.

XXIII

Parecia em seis bairros dividida,
Com duas praças de extensão formosa,
Fortaleza alli vi na barra erguida,
Outra a parte de terra magestosa ;
A enseada por oito defendida,
E outra em Taparica poderosa ;
Duas casas de polvora e na entrada
Vi-me a mim de uma dellas retratada.

XXIV

Dentro a um templo magnifico se via
De seus prelados turma numerosa,
De que um ás mãos dos barbaros morria,
Outro a espada cingia valerosa :
Muitos da alta virtude os matos via,
Com caridade discorrer zelosa,
Sem poupar tempo, estudo, ou vida, ou gasto,
Por propagar a fé no sertão vasto.

XXV

No grão palacio em tintas retratados
Os que o governo do Brazil tiveram,
Os Souzas na Bahia decantados,
Os nobres Costas, que depois vieram ;
Mas entre outros na guerra celebrados,
Por trophéos que vencendo mereceram,
Mendo de Sá de gloriosa fama,
Que pai da patria no Brazil se acclama.

XXVI

Deste era prole o intrepido Fernando,
Que alli vi fulminando a forte espada ;
E contra a feroz gente pelejando,
Deixou a morte com valôr vingada :
Mas da Bahia os olhos levantando,
Vi discorrer no mar potente armada,
Que as ilhas occupando e a vasta terra,
Movia no Brazil funesta guerra.

XXVII

Parecia-me a frota bellicosa
Franceza gente, que o Brazil tentava :
Pedro Lopes de Souza em furiosa
Naval batalha o mar lhe contestava :
N'outra acção com esquadra numerosa
Luiz de Mello e Silva pelejava ;
Christovão Jaques, que este mar corria,
Dous navios lhe afunda na Bahia.

XXVIII

Era de França sim a adversa gente ;
Mas por culto inimigo ao rei contraria,
E ao rito Calvinistico adherente,
Enviava ao Brazil tropa adversaria :
E protegida da facção potente
Com as forças e armada necessaria,
Queriam para a infanda ceremonia
Fabricar a Calvino uma oclonia.

XXIX

Cavalheiro de Malta, e franco nobre
Era Villagalhon de forte peito
Soldado antigo, que o valor descobre,
E entre os hugnotes do maior respeito :
De mil promessas o partido cobre,
Havendo-o a empreza do Brazil eleito ;
E abonada de um chefe de esperança,
Dá-lhe a mão a heresia em toda a França.

XXX

Este vi navegando a Cabo-Frio,
Seguido de outras náos a forte empreza ;
E que tratando affavel c'o gentio,
Explorava do sitio a natureza ;
Mostrava aos naturaes animo pio ;
E arguindo-lhe a gente Portugueza,
Induz a nação bruta a que lhe assista
Na empreza do commercio e da conquista.

XXXI

Voltou a França o Cabo diligente,
Tendo de ricas drogas carregado,
E convocando ás náos armada gente,
Torna de turba ingente acompanhado :
Nem tarda do sertão cópia potente
De um povo, que nas armas alliado,
Por amigo estimava mais sincero,
Menos inculto sim, porém mas fero.

XXXII

Alli Villagalhon, que o troço aloja,
A's gentes do sertão se confedera ;
E toda a costa a dominar se arroja,
De donde os nossos expulsar já espera :
Do seu commercio o portuguez despoja,
Na fertil Parahyba, em que util era ;
Nem ha na costa do Brazil enseada,
Que o hugnote não tenha bloqueada.

XXXIII

Mendo de Sá, que adverte no perigo,
Tres náos, que em guerra cuidadoso armára,
Com oito de commercio tem comsigo,
Além das que em soccorro convocára:
E por ter força igual ás do inimigo,
Sobre longas canôas, que ajuntára,
Guia contra os tamoios prepotentes,
Do bravo Carijó turmas valentes.

XXXIV

Nhighe-teroi se chama a vasta enseada,
Que estreita boca, como barra encerra,
Fechando em vasto porto á grande armada
Um lago, que em redondo cinge a terra:
Vê-se ilha penhascosa sobre a entrada,
Com fortaleza, que disposta em guerra,
Por boca dos canhões rumor fazendo,
Fechava a barra ao valeroso Mendo.

XXXV

Era a ilha de rochas guarnecida,
Que em torno tem por natural muralha,
Donde a força das balas rebatida,
Faz inutil dos lusos a batalha :
Tres dias foi dos nossos combatida,
Sem que o fogo incessante aos nossos valha,
Até que fatigado o invicto Mendo,
Invade á escala vista o forte horrendo.

XXXVI

Entre as fréchas e balas destemido
Na penha o portuguez trepando salta ;
E deixando o francez desmorecido,
Degolla, mata, fere, invade e assalta :
Nem do antigo valor cede esquecido
O francez animoso, até que falta
De sangue a brava gente na contenda,
Faz a perda, e cansaço que a ilha renda.

XXXVII

Nem mais demora teve o invicto Mendo
Ao ver a gente adversa dissipada,
E a excelsa fortaleza desfazendo,
A costa visitou na forte armada :
E tudo ao nome seu sujeito havendo,
A' Bahia tornou, que illuminada
Entre o som do clarim e alegre trompa,
Em triumpho a Mendo recebeu com pompa.

XXXVIII

Mas a facção do hugnote enfurecida
Villagalhon potente ao Brazil manda,
Que a ilha recobrando já perdida,
Guerra intenta fazer por toda banda :
Vê-se a nossa marinha combatida,
E a forte esquadra, que o francez commanda,
Dominante no oceano por modo,
Que impedia o commercio ao Brazil todo.

XXXIX

Mais não tolera a lusa monarquia,
Que ao rei christianissimo adherente,
Contra a rebelde heretica porfia,
Armada põe na America potente :
Chefe Estacio de Sá prudente envia,
De válidos galeões com forte gente,
Que o herege expulsando da enseada,
Deixe nova cidade alli fundada.

XL

Obsequioso abraçava o claro Mendo
O valeroso chefe seu conjuncto,
A's forças da Bahia unido tendo
As que trouxera sobre o mesmo assumpto ;
Contra os esforços do tamoio horrendo
Accommette o rebelde em liga junto,
Incorporando á armada lusitana
Vasto esquadrão da turba americana.

XLI

Chama-se Pão de Assucar o penedo,
Em pyramide as nuvens levantado,
Onde de um salto tinha já sem medo
A turba militar desembarcado :
Nadava pelo mar vasto arvoredo
Do gentio em canôas habitado ;
E do ardente francez luzida tropa,
Que habil n'arte de guerra fez a Europa,

XLII

Destes o luso campo accommettido
De dardos, fréchas, balas se embaraça,
Em sombra o seio todo escurecido,
As náos occultam nuvens de fumaça ;
E ao echo dos canhões entre o ruido,
Tudo está cego, e surdo em campo e praça ;
E no horrivel relampago das peças
Cahem por terra os bustos sem cabeças.

XLIII

Voam as náos de chammas occupadas,
Enchendo a enseada do infernal estrondo,
As canôas dos nossos abordadas.
E os galeões, que em linha se vão pondo :
Os golpes, que retinem das espadas,
O golfo, que arde em chammas em redondo,
Eram na terra e mar em sangue tinto
Um abysmo, um inferno, um labyrintho

XLIV

Depois que largo tempo em Marcio jogo
Dura a batalha com commum perigo,
Cessando o impulso do contrario fogo,
Todo o estrago apparece do inimigo :
Tinha cedido da contenda logo
Receioso o tamoio do castigo ;
E os francezes, que as náos mal sustentavam,
Entre as penhas o asylo procuravam.

XLV

Não cessa o bravo Sá contra o gentio,
E a forte tropa pelo mato avança ;
Porque batendo o orgulho e insano brio,
Se apartasse o sertão da infame alliança ;
Nem receia o tamoio o desafio.
Tendo no seu valor tanta confiança,
Que fugindo da aldêa ao mato, e gruta,
A liberdade ao portuguez disputa.

XLVI

Era aspero o combate e lenta a guerra,
E sem effeito o assedio ao francez posto :
E o barbaro, embrenhado dentro a terra,
Tinha emboscada ao portuguez disposto :
Mendo, que n'alma o grão cuidado encerra,
Tendo de Estacio soccorrer proposto,
Faz levas, busca náos e a gente incita,
E em auxilio dos seus partir medita,

XLVII

Já dobra o frio Cabo a esquadra ingente,
E á vista do penhasco lança a amarra,
Pasma o rebelde, vendo a Armada á frente
Occupar numerosa a estreita barra :
Une-se a frota alli da lusa gente,
E os mutuos casos vanglorioso narra,
Irmão a irmã, e o filho ao pai, festivo
Por ter chegado são e achal-o vivo.

XLVIII

Chega aos braços de Estacio o forte Mendo ;
E por festiva salva estrepitosa,
Faz que vomite o bronze o fogo horrendo,
Contra a ilha, que avistam penhascosa :
E largamente consultado havendo
Os dous chefes da empreza gloriosa,
Contra o penedo tentam no mais alto,
A peito descoberto, um fero assalto.

XLIX

Vêm-se entre as penhas formidaveis bocas
De canhões e mosquetes trovejando ;
E nas quebradas espantosas rocas
Do barbaro tamoio o immenso bando :
Muitos alli das asperas barrocas
Vão os nossos fuzís precipitando,
Outros da rota penha em meio as gretas,
Cobriam contra nós todo o ar de settas.

L

Não cessava o rebelde bellicoso
Com vivo fogo o assalto rebatendo,
Em quanto sobe o luso valeroso,
Trepando em furia no penedo horrendo ;
Quem no meio do impulso impetuoso,
Cahe na ruina o proximo envolvendo,
Quem ferido da frécha, ou veloz bala,
Do mais alto da penha ao mar resvala.

LI

Todo o penhasco em fogo se fundia,
Em quanto o mar em roda em chammas ferve,
Entre fracaço e fumo que sahia,
De nada o ouvido vale e a vista serve :
A terra toda em roda estremecia ;
E sem que a agua do incendio se preserve,
Parecia ferver do fogo insano,
Escondendo a cabeça o padre oceano.

LII

Qual do Vesuvio a boca pavorosa,
Quando rios de fogo ao mar derrama,
Arroja ao ar com furia impetuosa
Parte do vasto monte envolta em chamma :
A cinza cobre o céo caliginosa,
Muge o chão, treme a terra, o pégo brama,
E o mortal espantado e tremebundo,
Crê que o céo caia e que se funda o mundo.

LIII

Tal de Villagalhon na penha dura,
Do horrifico trovão freme a tormenta,
E a chamma entre a fumaça horrenda e escura
Do infernal lago as furnas representa :
Porém do proprio fumo na espessura
A pontaria, que o rebelde intenta,
Evita o portuguez, que ataca incerto
A escala vista e a peito descoberto.

LIV

E já no grão penedo tremulavam
As lusas quinas pelo forte Estacio,
E as lises do penhasco se arrancavam,
Donde a Villagalhon se ergue um palacio :
Pela roca os tamoios se arrojavam,
E o valor luso dando inveja ao Lacio,
A guarnição franceza investe á espada,
E obriga em duro choque á retirada.

LV

O valente francez, que a bellica arte
Já com valor na Europa professára,
O peito á fuga oppõe por toda a parte,
E vendo Estacio só junto ao estandarte,
Que por chefe dos lusos se declara,
Cuida de um golpe terminar a empreza
No general da gente portugueza.

LVI

Não desfalece o capitão valente ;
E de um e de outro lado accommettido,
Rebate as balas sobre o escudo ingente,
E arroja-se ao rebelde enfurecido :
Lebrum despoja do mosquete ardente,
Com que muitos de um golpe tem ferido,
Outros do ingreme posto ao mar despenha,
E alguns expulsa da soberba penha.

LIV

E já fugia a timida caterva,
Quando Rochefocó, que a pugna iguala,
Donde a viseira descoberta observa,
Lhe aponta desde longe ardente bala.
Cahindo o heroe na espada, que conserva,
Adora humilde a cruz, e perde a falla :
Banha-se em sangue o chão e em tanta gloria
Rezada a terra produzio victoria.

LVIII

Porque em quanto em seguil-o divertido,
Abandona o francez a fortaleza,
Tinha parte do Exercito subido,
A dar fim com victoria á forte empreza:
Admira Mendo o braço esclarecido ;
E bem que do sobrinho o valor preza,
No juvenil ardor notou magoado
O tomar chefe as partes de soldado.

LIX

A patria (o nobre Sá diz lagrimando)
Victima irás da fé, da liberdade.
Vigor no sangue heroico á terra dando,
Donde se êrga immortal nova cidade :
O caso acerbo aos posteros contando
Tenham seus cidadãos da heroicidade
Clara lição no fundador primeiro,
Gloria eterna do Rio de Janeiro.

LX

Tal nome deu á enseada no recordo
Do mez, que illustre foi por caso tanto,
E a cidade deixou com justo accordo
A clara invocação de um martyr santo :
E havendo as tropas recolhido a bordo,
Descançadas do bellico quebranto,
Faz immortaes no tempo transitorio
Os Corrêas e Sás no novo emporio.

LXI

Em tanto do tamoio a gente bruta,
Mais feroz sempre na marcial contenda,
Contra a nova cidade em fera luta,
Movia guerra pelo mar tremenda :
Mas Mendo para a barbara disputa
Faz que um chefe tapuia o mar defenda,
Ararigboia aos seus nomêa a fama,
Martin Affonso por christão se chama.

LXII

Principe foi nas tabas respeitado,
Que ao nome portuguez na guerra addicto,
Tinha com Mendo os seus capitaneado,
Sempre contra o tamoio em campo invicto :
Quatro guerreiras náos tinha avançado
O rebelde, depois do grão conflicto,
E em oito lanchas Ararig buscando
Do Cabo Frio a ponta iam dobrando.

LXIII

Saltam da noite no silencio escuro
As bellicosas mangas guarnecidas,
De immensas chusmas do tamoio duro,
Que obrar deviam na campanha unidas :
E em quanto tem o campo por seguro,
Jaziam pelas praias estendidas,
Para investir co'a luz, que já arraiava,
A aldêa de Ararig, que os esperava.

LXIV

Mas o bravo tapuia bellicoso
Antevendo o descuido do inimigo,
Busca o manto da noite insidioso,
Para investil-os no nocturno abrigo :
Convoca os seus guerreiros animoso ;
E sem dizer-lhes mais do seu perigo,
Depois que um breve espaço os olhou mudo,
Disse cheio de ardor, batendo o escudo.

LXV

Sú valerosa, intrepida caterva :
Que esperamos no nosso alojamento ?
Acaso até que o campo em chusma ferva,
E nos busque o francez no proprio assento ?
Si por espia, que o seu campo observa,
Que dorme sobre as praia desattento,
Onde se o surprendermos de improviso,
Sentirão todo damno antes do aviso.

LXVI

Basta que em marcha procedais quieta,
E que invadindo a turba descuidada,
Não cuideis de empregar a bala, ou setta,
Mas que tudo leveis á pura espada :
E quando o vasto campo se accommetta,
Deixando-lhe ás canôas livre entrada,
Antes que o ferro vibre os seus revezes,
Desarmai, se puderdes, os francezes.

LXVII

Chamam corpo da guarda, onde o soldado
Costuma pôr as armas nas vigias ;
Alli correi com impeto apressado,
Seguindo o passo sempre das espias :
Que nada o francez póde desarmado,
E sem as chammas que derrama impias,
Ficará desde o impeto primeiro
Nas mãos da nossa tropa prisioneiro.

LXVIII

Disse o astuto Ararig, e a lento passo
Cada um pela brenha vai disperso,
Devendo a dado tempo e a certo espaço
Qualquer unir-se em batalhão diverso :
E achando em somno descuidado e lasso,
Sem sentinellas ter, o campo adverso,
Um a um, pé ante pé, em marcha tarda,
Assaltam juntos a sopita guarda.

LXIX

Juntas as armas de improviso apanham,
Matando as guardas meio adormecidas ;
E depois que a armaria toda ganham,
Quantos as vem buscar perdem as vidas ;
O somno com as mortes acompanham ;
E outros vendo sem armas as partidas,
Porque a causa não sabem do tumulto,
Buscam as lanchas, por fugir do insulto.

LXX

Ararigboia, como um raio ardente,
Uns dormindo degolla pela arêa,
Outros sem armas, que rendidos sente,
Prisioneiros com cordas encadêa
A fiel tropa pela praia ingente
Toda deixa a campanha de horror cheia,
Cobrindo de cadaveres o plano,
Alagado co'a espada em sangue humano.

LXXI

E já nos céos risonha apparecia
A estrella d'alva as trevas apartando,
E com tremula luz o incerto dia,
No extremo do horizonte ia arraiando :
Quando o estrago da noite apparecia,
E preso, ou morto o franco demonstrando,
Nem as lanchas se salvam, que a vasante
Em secco as pôz na mão do triumphante.

LXXII

Não cessava Martim contra a espantada
Multidão de tamoios, que se embrenha ;
E deixando-lhe a aldêa derribada,
Não se lhe esconde algum no máto, ou brenha
Muito no averno lança com a espada,
Fugindo outros ao mar n'agua despenha,
Nem fulminando a massa a algum perdôa,
Occulto na cabana, ou na canôa.

LXXIII

Fez este marte do Brazil constante,
A' nação dos tamoios tanta guerra,
Que elle só com a espada fulminante
Lhe extingue o nome e despovôa a terra :
Más não ousa o rebelde mariante,
Em quanto Ararigboia no campo erra,
Desembarcar na costa, sem que o bravo
O deixe combatendo, ou morto, ou escravo.

LXXIV

Vi que do excelso throno vinha em tanto
Uma augusta donzella adormecida,
De quem brilhava sobre o aspecto santo
A piedade, a abundancia, a sciencia, a vida.
Do seio derramava do aureo manto
A opulencia no mundo appetecida ;
E logo que foi vista sobre a terra,
Submergio-se no averno a infausta guerra.

LXXV

Era a Divina paz, que o céo nos manda,
Premio de um sceptro, que da fé zelante
Propaga o santo culto, onde commanda,
E as leis defende da justiça amante :
Sem os estragos de uma guerra infanda
Gozará o Brazil de paz constante,
Por setenta annos de um governo justo,
Tendo tranquilla a terra e o mar sem susto,

LXXVI

Nem mais a espada, e bomba pavorosa
Se ouvirá na marinha, e sertão vasto,
A voz do Evangelho poderosa,
Simples, sem artificio, industria, ou fasto :
A semifera gente viciosa
No jugo conterá de um temor casto ;
E ás mãos dos seus apostolos se avista,
Com as armas da cruz feita a conquista.

LXXVII

Mas vi em tanto lusitano imperio
Na Libya ardente em sangue submergido,
E o seu dominio no indico hemisferio
Do batavo nas aguas invadido :
E, ou por descuido do governo hesperio.
Ou de mil contra-tempos combatido,
Cedeu no vasto mar por toda a banda
O imperio do Brazil á fria Hollanda.

LXXVIII

Dezeseis longos seculos contando,
Com annos vinte quatro a vulgar éra,
Vi a batava esquadra o mar sulcando,
Onde Wilhekens general modera :
Petre Petrid os mares assombrando,
Por almirante aos nauticos se dera,
Poder que á India navegar fingia,
E contra a expectação veio á Bahia.

LXXIX

A fronte descubri da excelsa praça,
As armas governando o bom Furtado,
Que antevendo os effeitos da desgraça,
Tudo dispunha com valor frustrado :
Convoca quantos encontra e tudo abraça
Por oppôr-se ao perigo ameaçado ;
Mas dissipa-se a gente sem batalha,
Por faltar não valor, mas vitualha.

LXXX

Dispunha assim o batavo experiente,
Antevendo que a turba mal unida,
Sem cauta providencia que a sustente,
Esfriando no ardor toma a fugida ;
E vendo a multidão menos frequentes
E a plebe na tardança esmorecida,
Quando menos o espera a chusma fraca,
Occupando um castello, o povo ataca.

LXXXI

Ruiter e Duchs com legião potente
A porta invadem de S. Bento em furia ;
Mas rebatidos de impressão valente,
Cessam fugindo da intentada injúria :
Mas tão funesto horror concebe a gente,
Que a guerra ignora com profunda incuria,
Que quando faz que Ruiter não se arroje.
Deixa o terreno e do vencido foge.

LXXXII

Furtado de Mendonça, que não vira
Jámais do medo vil a fronte escura,
Com setenta sómente a face vìra,
E sem mais que o seu peito a praça mura :
O amor da patria, que o furor lhe inspira,
Faz que da vida, desprezando a cura,
Se arroje o luso ao batavo, que o inunda,
E um fira, um despedace, outro confunda.

LXXXIII

Mas vendo na manhã, que o céo descobre
A cidade do povo abandonada,
Nem mais que o peito de Furtado nobre
Com poucos dos setenta na esplanada :
Teme que n'um só peito o valor sóbre,
E que deixando a empreza retardada,
Soccorro venha, donde bom partido
Ao bravo chefe se offereceu rendido.

LXXXIV

Não tarda a fama a divulgar voando
Da capital brazilica o successo,
Em quanto o belga, que lhe occupa o mando,
Recolhe da victoria o immenso preço :
Treme em Madrid o throno, receando
Que o belgico leão, com tanto excesso,
Prostre o de Hespanha e como o vulgo narra,
No Mexico, e Perù lhe imprima a garra.

LXXXV

Cobre-se o mar de esquadras numerosas,
Move-se a lusa e hispana fidalguia,
Vão-se embarcando legiões famosas,
Todo em nautica chusma o mar fervia :
Fradique as náos hispanas poderosas,
Menezes as de Lisia prevenia,
Vendo-se terra e mar no caso incerto,
De petrechos, canhões e armas coberto.

LXXXVI

Já pela barra entrava da Bahia,
Com sessenta e seis náos soberba a armada,
Doze mil homens de alta valentia
Occupavam sobre ellas a enseada:
De tanto nome em militar porfia,
Que a guarnição da praça de assombrada ;
Bem que finja valor nesta conquista,
Antes que ao ferro se lhe abate á vista.

LXXXVII

Dispõe-se em meia lua a armada inteira,
Cerrando a fuga ao belga esmorecido,
Occupa o forte exercito a ribeira
Em dous quarteis aos lados dividido :
Mas o batavo Quif na acção primeira,
Tendo o campo a Fradique accommettido,
Com sortida deixou no ardor insana
Suspensa a lusa gente e rota a hispana.

LXXXVIII

Cheio o belga de orgulho na acção brava,
Porque mais prove pela patria o zelo,
Contra a esquadra, que os muros varejava,
Em dous baixeis arroja um mongibelo :
Crê que é fuga o Menezes, que observava,
E move toda a esquadra sem prevel-o,
E parece que Deos o impulso inspira,
Com que do occulto incendio as náos retira.

LXXXIX

Um gyro a lua fez na azul esphera,
Em quanto os belgas de valor ja faltos,
Ceder dispunham na contenda féra
Ao furor incessante dos assaltos :
E quando mais soccorro não se espera,
Vendo que os mares se empollavam altos,
Cedo o batava humilde ao luso hispana
A capital do imperio americano.

XC

Fallando proseguia Catharina,
Tendo a assembléa no discurso attenta
Quando com furia o bordo ao mar inclina
A náo, batida de horrida tormenta :
Tudo á manobra o capitão destina ;
E vendo que onda horrivel se apresenta,
Lança-se o marinheiro á véla em pressa
Acode o Diogo e Catharina cessa.

(1) *Este meio.* —Projecto adimiravel de fazer uteis as conquistas á população das nações que as fazem, pois é certo que com esta politica se formou e cresceu a antiga republica de Roma.

(2) Note-se que Colon não foi o descobridor do Brazil, mas Pedro Alvares Cabral ; ao mesmo Colon, então habitante na Madeira deu os roteiros, com que descobrio a America Francisco Sanches, o qual fazem uns Andaluz, outros Biscainho ; mas o hespanhol Gomara, author coevo, e que militou entre os soldados de Colon, attesta que era portuguez. Não é por tanto occasião de notar-se a expressão : *dando a Cabral instincto*, etc.

(3) *Os Corrêas e Sás.*—Esta é a rama nobilissima dos condes de Penaguião, que passando ao Brazil, de os primeiros conquistadores áquelle Estado ; familia que existe com a antiga gloria na excellentissima casa de Asseca, e nos dous dignissimos ramos da mesma os excellentissimos senhores Sebastião Corrêa de Sá, e João Corrêa de Albuquerque, fidalgos que o Brazil deve considerar por seus perpetuos pais e protectores.

CANTO IX

I

Depois que o tempo torna bonançoso,
E á noite vem tranquilla em branda calma,
De ouvir o mais do sonho portentoso,
Se accende a todos o desejo n'alma :
E no empenho do belga bellicoso,
Desejando escutar quem teve a palma,
Supplicam Catharina, que prosiga
Na narração do sonho e tudo diga.

II

Vi (prosegue a matrona) em Marte duro
Confundir-se o Brazil, vagar potente
O batavo feroz ; e o reino escuro
Encher Plutão da desditosa gente :
Vi descendo as milicias do céo puro,
A' plebe inerme com o zelo ardente,
Infundir valor tal, que conte a historia
Por milagre do céo cada victoria.

III

Petrid e Iolo raios da marinha,
Com esquadras do pélago senhoras,
Qualquer do lado seu queimado tinha,
Com chammas o Brazil desoladoras ;
Petrid a frota qne das indias vinha
Com procellas de fogo abrazadoras,
E nas náos lavra, de thesouros cheias,
Ao infausto Brazil novas cadêas.

IV

Machinas move o belga ambiciosas,
Supprindo os gastos com a immensa prata ;
E armando em guerra esquadras numerosas,
Occupar Pernambuco ao luso trata :
Nem ás forças da Hollanda poderosas
Oppõem o hispano com a nova ingrata,
Tal soccorro, que a praça na contenda
Do grão poder dos batavos defenda.

V

Rege de Pernambuco a terra extensa
O intrepido Albuquerque, a tudo attento :
Guarnece a praça, os esquadrões condensa,
Dispõe ao fogo o bellico instrumento ;
Quando á maneira de floresta densa
Se vio coberto o liquido elemento,
Onde prôas setenta o mar rompiam,
E o Waudemburgo general seguiam.

VI

Chamam *Páo amarello* um sitio ao lado
Da cidade, que a frota accommettia,
Commodo ao desembarque e mal guardado
De Albuquerque, que as praias defendia :
Alli com quatro legiões formado,
A' bella Olinda o batavo se envia,
Onde com turmas de inexperta gente
Se oppoz o luso chefe ao belga ardente.

VII

Nem muito dura ao fogo desusado
O timido esquadrão da gente lusa,
Que do insolito horror preoccupado,
A fuga emprehende em multidão confusa :
Um sobre outro ao fugir precipitado,
Render-se ao fero belga não recusa ;
E a cidade infeliz deixando aberta,
Qualquer se salva donde mais o acerta.

VIII

Entra o hollandez na praça abandonada ;
E quando de riqueza a cuidou cheia,
Em triste solidão desamparada ;
E acha sem premio a cubiçosa idéa :
Vingam nos templos a intenção malvada,
E o altar profanam com infamia feia,
Tratando o pio rito, e o santo culto
Com sacrilega mente e horrendo insulto.

IX

Mas não soffre da fuga o torpe medo
O valente fortissimo Temudo ;
E tendo ao lado o intrepido Azevedo,
A espada empunha embaraçando o escudo :
Ao ver do sacco no funesto enredo
A fórma do hollandez turbar-se em tudo,
Une alguns, que odiando a vil fugida,
Dão por preço da gloria a heroica vida.

X

Oh, disse, honra immortal do nome luso,
Corações valerosos, que em tal sorte
Fazeis da doce vida o melhor uso,
Comprando a gloria com a invicta morte :
Vêdes sem fórma o batavo confuso,
Da valerosa espada exposto ao córte :
Corra-se ás armas, que se os não vencemos,
Sem a patria vingar não morreremos.

XI

Disse : e empregando a fulminante espada,
Uma esquadra invadio que discorria,
Com calices da igreja profanada,
Que com insulto em derisão mettia ;
De uns a fronte no chão deixou truncada,
De outros o peito com o ferro enfia,
De alguns, que insano accommettendo freme,
Talhado o braço sobre a terra treme.

XII

Azevedo entre os mais, que no chão lança,
Tendo das balas empregado o impulso,
Com fero golpe de alabarda alcança,
De Ruiter, que o acconmette, o horrivel pulso :
Despoja-o da arma e furioso avança,
Deixando-o em terra com tremor convulso,
Cornelisteu derriba e o ferro emprega
Em Blá, que todo o chão com sangue rega.

XIII

Com furia igual e impulso destemido
Invade contra o batavo a caterva,
E bem que a legião em corpo unido,
Em roda ao luso disparando ferva :
Resiste o portuguez nunca rendido,
Em quanto a vida com vigor conserva,
Até que sobre os belgas derribados,
Cahiram mortos sim, porém vingados.

XIV

Tem por nome Arrecife um forte posto,
Que um isthmo separou do continente,
Donde o Castello de S. Jorge opposto,
Defende o passo ao transito imminente :
Alli fazia aos inimigos rosto
O bravo Lima, que do belga ardente,
Sem mais que trinta invictos defensores,
Trezentos sacrifica aos seus furores.

XV

Pasma de assombro Wandeburgo insano,
Nem póde crer, se o não convence a vista,
Que com força tão pouca o lusitano
De dous mil belgas ao furor resista :
Sahe com todo o poder e occupa o plano,
E em fórma regular tenta a conquista,
E nem assim o Lima ao fogo cede,
Em quanto auxilio ao general não pede.

XVI

Recobrava-se entanto valerosa
Do primeiro terror a lusa gente,
Que inexperta da pugna bellicosa,
Cedêra no improviso do accidente :
E acompanhando em tropa numerosa
Do intrepido Albuquerque o ardor valente,
O belga usurpador pelas ribeiras
Cercáram com reductos e trincheiras.

XVII

Plantam depois um forte acampamento,
Donde se insulte o batavo inimigo,
Nem deixavam que um só pudesse isento
Sahir sem damno ao campo, ou sem perigo :
Cortam-lhe o passo, impedem-lhe o sustento,
Nem lhe concedem no terreno abrigo ;
E occupando-lhe o gyro dilatado,
O belga cercador deixam cercado.

XVIII

Dous mil dos seus guerreiros escolhidos
Contra Albuquerque Wandemburg avança ;
Mas achavam os lusos prevenidos
Do seu valor na nobre confiança :
Cahiam das trincheiras rebatidos
Do fogo os belgas, ou da espada e lança ;
E sem que combatendo a mais se arrojem,
Em desordem do campo á praça fogem.

XIX

Com quatro companhias n'uma armada
Soccorro de Lisboa recebendo,
Foi outra vez a tropa reforçada
Com gente e munições n'outra de Oquendo :
Mil mosqueteiros, tropa exercitada,
No duro jogo de Mavorte horrendo,
S. Felice conduz mestre de guerra ; (1)
Mas menos apto na que usava a terra.

XX

Com soccorro maior de Hollanda armado
Contra Itamaracá corre o inimigo :
Duas vezes porém foi rechaçado
Com perda o belga para o noto abrigo :
A' Parahyba, e Rio Grande enviado
Mudava de lugar, não de perigo ;
E já menos bisonha a lusa tropa,
Põe em fuga o hollandez, se em campo o topa.

XXI

A Wandemburgo no hollandez imperio
Succedêra Rimbach, em guerras noto,
Que estimando dos belgas vituperio,
Ser cada dia pelos nossos roto :
Em quanto celebrava attento e sério
A pascoa o campo em procissão devoto,
Com todo o poder batavo accommette,
E o campo em confusão, batendo, mette.

XXII

Não se interrompe a ceremonia augusta,
Orando o clero com o sexo pio,
Sahe o orthodoxo contra a turma injusta,
Tomando por sagrado o desafio :
E fundando no céo confiança justa,
Pelejam com tal fé, com tanto brio,
Que matando Rimbach em feio estrago,
Deram aos belgas da blasfemia o pago.

XXIII

Mas o céo, que o flagello destinava,
Poder tão grande aos batavos concede,
Que nada a Vandescop, que os moderava,
Depois desta campanha o curso impede :
Fica Itamaracá de Hollanda escrava,
Desfaz-se o campo, a Parahiba cede
Perde-se o Rio Grande, e n'outra empreza,
Rende o luso o Pontal e a Fortaleza.

XXIV

Salva-se o resto da facção perdida,
Nas Alagôas, sitio defensavel,
Onde do fero belga pérseguida,
Asylo busca a turba miseravel :
Mas foi da Hespanha em breve soccorrida
Com brava tropa em frota respeitavel ;
Roxas de Borja a Pernambuco enviado,
De Albuquerque o bastão tomou deixado.

XXV

Roxas prompto no obrar, posto em batalha
De Vandescop as tropas investia ;
Mas o belga Arquichofe a marcha atalha
Com soccorro que valido trazia :
Com tenebrosa sombra os lutos talha
A noite, que começa, á morte impia,
Dispondo Roxas em defensa armado,
Esperar o soccorro convocado.

XXVI

Mas logo que a manhã mostrou formosa
Da batalha inimiga a fórma unida,
Mais não socega a chamma generosa,
E investe ardente a Batava partida :
Cobre os céos a fumaça tenebrosa,
Perde o hispano e o hollandez na empreza a vida,
E nem este, nem o outro alli vencêra
Se o temerario Roxas não morrêra.

XXVII

S. Felice na guerra mestre astuto,
Succede no governo ao bravo hispano,
E brazilico Fabio em tanto luto
Salvou na retirada o lusitano :
Foi das palmas batavicas producto
Governar o paiz pernambucano
O conde de Nassau, que o belga envia,
General das conquistas que emprehendia.

XXVIII

Era Nassau nas armas celebrado,
Com que illustrava o excelso nascimento,
Principe então no imperio respeitado,
Nutrindo igual ao sangue o pensamento :
Entrou de forte armada acompanhado,
E no arrecife situando o assento,
Levantou fortes, e em paizes bellos
Guarneceu as colonias com castellos.

XXIX

Mas aspirando a empreza memoravel,
Todo o exercito e armada prevenia,
E achando Pernambuco defensavel,
Invadio no reconcavo a Bahia :
S. Felice com resto miseravel
Alli novo soccorro ao rei pedia,
Quando ao bravo Nassau dispunha a sorte
Um chefe nelle oppôr prudente e forte.

XXX

Tudo dispunha o conde em fórma e arte
De rebater do batavo a interpreza,
Dispõe pela cidade em toda a parte
Os meios e instrumentos da defeza:
Faz grossas levas e esquadrões reparte,
E tudo preparando á forte empreza,
Nada esqueceu de quanto na milicia
Inventa a militar sábia pericia.

XXXI

Entrava em tanto pela vasta enseada
Nassau, que as praias enche da Bahia,
Com a terrivel magestosa armada,
Que com quarenta náos linha fazia:
E ao som da trompa marcial tocada
Em gratos écos de horrida harmonia,
Enche a horrenda procella em taes ensaios
A enseada de trovões e o céo de raios.

XXXII

Em tanto o claro Silva que occupava
Do supremo governo o excelso mando.
A S. Felice o posto renunciava,
Ficando por soldado ao seu commando;
Heroica acção, que pela patria obrava,
Maior pericia em outrem confessando,
E merecendo nella em tanta empreza
Da côrte acclamações, do rei grandeza. (2)

XXXIII

Desembarca Nassau com turba ingente
Junto de Tapagipe, e emprende o oiteiro,
Que nomear costuma a vulgar gente
Do antigo habitador, *Padre Ribeiro* :
Mas S. Felice, que o antevio prudente,
De posto o bate, que occupou primeiro :
E depois que seiscentos destro mata,
Em grande parte o belga disbarata.

XXXIV

Largos dias Nassau bate a trincheira,
Que lhe oppoz ao quartel Banholo á frente ;
Mas o belga em batalha verdadeira
Por muitos dias se avançava ardente :
Cobre-se a terra em horrida maneira
De um monte de cadaveres ingente,
Vendo os belgas cahir, sem que desista
Nassau com tanto sangue da conquista.

XXXV

E já desfeito o exercito se via,
Ferido o official, e a gente morta,
Sem que cessasse o ardor nos da Bahia,
Que o S. Felice rege e o Silva exorta :
Pede treguas Nassau nesta porfia,
E tudo com a tropa as náos transporta,
Fugindo do perigo o infausto effeito.
Com perda igual de gente e de conceito.

XXXVI

Dous dias na enseada por vingança
Bate a esquadra a cidade sem perigo,
Com balas e granadas, que em vão lança,
Parecendo mais salva, que castigo :
Sobreveio ao Brazil nova esperança
De expugnar com mais forças o inimigo ;
Mas foi o effeito das promessas vario,
Impedindo o soccorro o mar contrario.

XXXVII

Vi neste tempo em confusão pasmosa
A monarchia em Lisia dominante,
E a casa de Bragança gloriosa
Nos quatro imperios triumphar reinante :
A Bahia com pompa magestosa
Festejar o monarcha triumphante,
E o Pernambuco de desgraças farto,
Invocar pai da patria D. João Quarto.

XXXVIII

Tratava o novo rei com fé provada
A batavica paz, que sem justiça,
Deixava ao mesmo tempo quebrantada
O belga injusto pela vil cobiça :
Occupa o Maranhão batava armada,
E outra esquadra em Sergipe o incendio atiça,
Pretendendo occupar com falso engano
Toda Africa e Brazil ao lusitano.

XXXIX

Cede do seu governo de affrontado
O general Nassau, tornando a Hollanda,
Tendo o conselho do Arrecife armado
Mil artificios de calumnia infanda :
Nem contra os habitantes moderado
O duro freio no governo abranda,
Onde a plebe aggravada que o experimenta,
O jugo sacudir com gloria intenta.

XL

João Fernandes Vieira foi na empreza
O instrumento da patria liberdade,
Heróe que soube usar da grã riqueza,
Libertando o Brazil desta impiedade :
De amigos e parentes na defeza
Tentou furtivamente a sociedade,
E como a pedra a estatua de Nabuco,
O belga derribou de Pernambuco.

XLI

Nomeou cabos, tropas, companhias,
Pedio soccorros e invocou prudente,
Expondo do hollandez as tyrannias
O governo brazilico potente :
Avisa sem demora Henrique Dias, (3)
Capitão dos ethiopes valente,
E o forte Camarão, que em guerra tanta, (4)
Com os seus carijós o belga espanta.

XLII

Ouve o hollandez com susto o movimento ;
E querendo opprimir nascente a chamma,
Com dous mil homens prevenia attento
A' nova guerra, que o Vieira inflamma :
Deixára o luso chefe o alojamento,
E os belgas, que á cilada occulto chama,
Empenhou de um logar nas duras rocas,
A que o monte chamaram das tabocas.

XLIII

Entre arbustos e canas de improviso
Dispara o luso sobre a incauta gente ;
E precedendo o damno antes do aviso,
Disbarata o hollandez com furia ardente :
Suspende a marcha o batavo indeciso,
E sem ver o inimigo, o golpe sente,
Atè que vendo o estrago dos soldados,
Cedem o campo e fogem destroçados.

XLIV

Hollanda era potente e o luso afflicto,
Onde enchendo Lisboa de ameaças,
Por ter noticia do infeliz conflicto,
Meditava ao Brazil novas desgraças :
Mas por guardar os seus o rei invicto,
Dispoz piedoso nas provincias lassas,
Providencias, que á paz chamar podessem
O tumulo, em que os nossos permanecem.

XLV

Vão com dous regimentos destacados
O Moreno e Negreiros da Bahia,
A dar paz (se é possivel) destinados
Na guerra, que o Vieira então movia :
Viram Veigas e campos abrazados,
E o colono infeliz, que parecia,
Com lastima da tropa, que observára,
Todo o estrago, que o belga alli causára.

XLVI

Avistado o Negreiros e o Vieira,
Venho (disse o primeiro) a prisão dar-vos,
Por haver provocado a ira estrangeira
A uma guerra, que acabe de assolar-vos :
E' justo que eu tambem prender-vos queira,
Mas será (disse o herôe) com abraçar-vos ;
E assim dizendo alegre move o passo,
E os dous recebe com festivo abraço.

XLVII

Outro tanto fazia a tropa unida
Ao invicto esquadrão pernambucano ;
E applaudindo a victoria conseguida,
Detestam do hollandez o enorme engano :
Nem muito tarda a gente fementida,
Que não abraze a esquadra ao lusitano,
Onde embarcado pela paz chegára,
Como o batavo proprio o convidára.

XLVIII

Ouvem-se em tanto os miseros clamores
De turba femenina, que invocava
O soccorro dos seus libertadores
Contra o belga cruel, que a captivava :
Mas não cessa o Vieira e sem rumores
O engenho, aonde incauto descançava
O belga general cercado, bate,
E rendendo-o á prisão, vence o combate.

XLIX

Henrique Huss do Arrecife commandante
Era o cabo dos belgas prisioneiro,
Blac rendido tambem, chefe importante,
Subalterno nas armas do primeiro :
Foge do luso o batavo arrogante,
Espalhando os fuzis no gráo terreiro,
E a chamma teme, que no horrendo empenho,
Lançára o Vieira pelo vasto engenho.

L

Com fama de victoria tão brilhante
Toma as armas a plebe e o belga invade,
Serenhaem tomou, villa possante,
O partido commum da liberdade :
Segue Itaramaracá com fé constante,
Porto Calvo e os contornos da cidade,
Deixando no Arrecife sem remedio,
Encerrado o hollandez com duro assedio.

LI

Mas não cessa na Hollanda a companhia,
E ao numeroso exercito, que ordena,
Segismundo Van-Scop por chefe envia,
Munido em guerra de potencia plena :
Do experto general, que desconfia
O premio ao valeroso, ao fraco a pena,
E emprendendo com forças o combate,
O inimigo Vieira ou prenda, ou mate.

LII

Abordando o Arrecife então cercado,
A inercia dos seus chefes reprehende,
Nem muito tarda, que no campo armado,
Não sáia a Olinda, que expugnar emprende :
Em assalto a accommette duplicado,
E a brava tropa, que ao presidio attende,
Com tanto alento o batavo rechaça,
Que ferido Ván-Scop se acolhe á praça.

LII

Sem que desista da passada instancia,
Tenta de novo a empreza da Bahia,
Mas notando nos lusos a constancia,
Que injuria do poder lhe parecia :
Consome do Reconcavo a abundancia
Com frequentes sortidas, que emprendia ;
E porque cresça na cidade o tédio,
Occupa Taparica e põe-lhe o assedio.

LIV

Telles em tanto, que expulsar pretende,
Sem igual força o batavo contrario,
Contra o commum conselho o ataque emprende,
E tudo expõe no impulso temerario :
Mas vendo o luso rei, que a nada attende,
O belga nos seus pactos sempre vario,
Manda armada ao Brazil, que poderosa
A batava nação dome orgulhosa.

LV

Teme o golpe Van-Scop e desampara,
Por guardar o Arrecife, Taparica,
Antevendo que a esquadra se prepara
Contra a praça, que auxilio lhe supplica :
Barreto de Menezes, que chegára
De novo general patente indica,
E em Pernambuco sublimadoao mando,
Com prudencia e valor foi governando.

LVI

Nove mil homens, tropa valerosa,
E com frequentes palmas veterana,
Manda o batavo a empreza perigosa,
Que á guerra ponha fim pernambucana :
Occupa o mar armada poderosa ;
E dominando a praia americana,
Usurpa em mar e terra alto dominio,
Ameaçando dos lusos o exterminio.

LVIII

Põe-se em campanha o batavo terrivel,
Com sete mil de veterana tropa,
Vão densos bandos de gentio horrivel,
Com destro gastador vindo da Europa :
E estimando a potencia irresistivel,
Cede ao belga a Barreta e quanto topa, (5)
Em quanto em defensiva o luso fica,
E o campo contra o belga fortifica.

LVIII

Segismundo porém, que os bastimentos
Em Moribeca assegurar procura,
Dispunha alli tomar alojamentos,
Estimando a victoria já segura :
Mas Barreto e Vieira a tudo attentos,
Na justiça, que a causa lhe assegura,
Confiam que na empreza o céo lhe valha,
E tudo vão dispondo a uma batalha.

LIX

Nem com tanto poder Van-Scop recusa,
Decidir n'uma acção toda a contenda,
Antevendo, se aperde a gente lusa,
Que outra força não tem que a guerra emprenda ;
E já na marcha a mutidão confusa,
A acção começa pelo fogo horrenda,
E turbando dos belgas toda a forma,
Combatendo com valor, porém sem norma.

LX

Nos montes Guararapes se alojava
Formado o portuguez, que o belga espera ;
E a escaramuça, que emprendêra brava,
Traz a sitio o hollandez, que adverso lhe era ;
Desde alto monte o luso fogo obrava,
Com ruina do batavos tão fera,
Que ou seja ao lado, ou na espaçosa fronte,
Se cobrio de cadaveres o monte.

LXI

Reune os batalhões Van-Scop irado,
E á frente com valor da linha posto,
Tenta desalojar do alto occupado
O invicto Camarão, que lhe faz rosto :
Mas com chuva de balas rechaçado,
Perde tres vezes o ganhado posto
E já ferido com mil mortos cede,
Em vil fuga, que a noite lhe concede.

LXII

Noventa dos seus perde o lusitano ;
E em quanto o belga se retira incerto,
Descobre a aurora todo o monte e plano
De bandeiras, canhões, e armas coberto:
Muitos alli do batavo tyranno,
Perdidos pela noite em campo aberto,
Deixa o dia, inexpertos nos roteiros,
Nas mãos da nossa tropa prisioneiros.

LXIII

Horrórisa-se Hollanda, pasma Europa,
Exalta Portugal, canta a Bahia,
Vendo-se triumphar tão pouca tropa
Da terrivel potencia, que a invadia :
Nada de humano o pensamento topa,
Que em tudo a mão de Deos clara se via,
Pois sempre elege para os seus portentos
Os mais fracos e humildes instrumentos.

LXIV

Tinha exhausta a ambição, mas não cançada
A cobiçosa Hollanda em tal conquista ;
E para novo empenho apparelhada,
Escolhe os capitães e a gente alista :
Mas do Britanno ás armas provocada,
Sobre interesse que mais alto avista,
Suspende influxo na famosa empreza,
Deixando em Pernambuco a guerra acceza.

LXV

Brinc a este tempo coronel valente,
Impetra de Van-Scop tropa luzida,
Com pretechos e numero potente,
Que em batalha cruel tuda decida :
Cinco mil homens de escolhida gente,
De canhões, e pretechos guarnecida,
Põe no campo assombrado da potencia,
Igualando o valor co'a diligencia.

LXVI

Com dous mil e seiscentos veteranos
Fez-lhe frente Barreto, e o belga invade,
Correm de toda a parte os lusitanos
A sustentar a patria liberdade ;
Aloja o luso sobre os mesmos planos,
Onde fôra passada a mortandade ;
O belga na montanha se distingue,
Um o que estrago renove, outro que o vingue.

LXVII

Mas Brinc a tudo attento desde o cume
Com pericia guerreira occupa o monte,
Onde seguindo o militar costume,
Dá fórma á retaguarda e ordena a fronte ;
Nem tão ousado o portuguez presume,
Que em vantajoso posto o belga affronte,
Esperando a occasião dalli opportuna,
De poder atacar com mais fortuna.

LXVIII

Reconhece Barreto o sitio e fórma ;
E vendo o ardor da lusitana gente,
Que, habil no passo, da subida o informa,
Faz que o bravo Vieira ataque ardente :
E cobrindo a invasão com sábia norma,
Com o fogo protege o assalto ingente.
Até que por mil casos duvidosos,
Vê sobre o monte os campeões briosos.

LXIX

Nova batalha alli com fogo vivo
Move impavido o belga e firme insiste :
E por mais que o Vieira invada activo,
Onde um corpo vacilla, outro resiste :
Tal ha que ainda combate semi-vivo ;
Tal que cadaver já na morte triste,
A terra morde e em raiva enfurecida,
Blasphemando do céo, despede a vida.

LXX

A toda a parte vôa o grão Barreto,
E um anima, outro ajuda, outros exhorta :
E excitando no luso o patrio affecto,
Incita o forte, o invalido conforta :
Bramava o fero Brinc em sangue infecto,
Entre a batava turba oppressa e morta,
Assalta horrendo um batalhão potente,
E outros reprime com ferocia ardente.

LXXI

Mas o invencivel Camarão, que o nota
Um forte troço da reserva abala ;
E suspendendo a misera derrota,
Lança o belga por terra de uma bala :
Logo o almirante da sorbeba frota,
Vendo invadido Brinc cahir sem falla,
Occupa o mando, que já vago estima,
E o batavo á peleija altivo anima.

LXXII

Não soffre Henrique Dias, que observava
Do novo chefe a intimação constante :
E de um tiro, que fero lhe apontava,
Derriba morto o intrepido almirante :
Sem commandante o belga trepidava,
E de um e de outro lado vacillante,
Uma vil fuga timido declara,
E o campo com desordem desampara.

LXXIII

O estandarte soberbo dos Estados,
Tendas, peças, bandeiras numerosas,
Mil e trezentos mortos numerados,
Prisioneiros, bagagens preciosas :
Muitos centos na fuga degolados,
A caixa militar, armas custosas,
Foram nesta occasião de tanta gloria
O merecido premio da victoria.

LXXIV

Cinge o arrecife de um assedio estreito,
Com prompta cura o chefe lusitano ;
Mas tendo longa guerra o belga feito,
Era continuo sim, mas mutuo o damno :
Até que Jacques ao commando eleito
No campo se avistou pernambucano,
Conduzindo em fortuita derrota
Para o luso commercio a usada frota.

LXXV

Por mar e terra sitiada a praça,
Depois do longo assedio de nove annos,
Com mil desastres fatigada e lassa ,
Cedeu todo o Brazil aos lusitanos :
Mercê clara do céo, patente graça,
Que a tão poucos e miseros paisanos
Cedesse uma nação, que enchia em guerra,
De armadas todo o mar, de espanto a terra.

LXXVI

Assim modera o Padre Omnipotente
Do ignorante mortal a incerta sorte,
Por fazer com taes casos evidente
Que não é quem mais póde o que é mais forte
Tudo rege na terra a mão potente ;
Delle a victoria pende, a vida, a morte ;
E sem o seu favor, que o distribue,
Todo o humano poder nada conclue.

LXXVII

Triumphou Portugal ; mas castigado,
Teve em tal permissão severo ensino,
Que só se logrará feliz reinado,
Honrando os reis da terra ao rei divino ;
E que o Brazil aos lusos confiado,
Será, cumprindo os fins do alto destino,
Instrumento talvez neste hemispherio,
De recobrar no mundo o antigo imperio,

LXXVIII

Vi no sonho mil casos differentes,
Que no curso viram de outras idades :
Vi provincias notaveis e potentes,
Vi nascer no Brazil aureas cidades :
Famosos vice-reis e illustres gentes,
Tantos successos, tantas variedades,
Que sómente pintado, como em sombra,
Confunde o pensamento, a vista assombra,

LXXIX

Prelados vi de excelsa jerarquia,
E entre outros da maior celebridade
O claro Lemos, que enrriqueça um dia
De novas sciencias a universidade :
Elle ornará depois a academia
Com construcções de excelsa magestade,
E em doutrina a fará com sabio modo
O Atheneo mais famoso do orbe todo.

LXXX

Deu Catharina fim, e arrebatada
N'um extase ficou, vibrando ardores ;
Corriam pela face em luz banhada
Lagrimas bellas, como orvalho em flores :
Fica a pia assembléa esperançada
De outros successos escutar maiores ;
E dando tempo ao somno milagroso,
No abraço a deixam do celeste esposo.

(1) *S. Felice.*— E' o celebre conde de Banholo, official pratico, mandado de Hespanha para exerciiar e disciplinar as nossas millicias.

(2) *Do rei grandeza.*— Por esta acção generosa, que salvou a Bahia, foi creado por Fellipe IV. primeiro conde de S. Lourenço.

(3) *Henrrique Dias.*— Negro valerosissimo e commandante dos Ethiopes, que tiveram grande parte na restauração do Brazil.

(4) *Camarão.*— D. Antonio Fellipe Camarão, americano de origem, e nação, bravissimo capitão dos Carijós, que se fez terrivel aos hollandezes em frequentes combates, que lhe deu.

(5) *Barreta.*— Fortaleza importante dos nossos juncto do Arrecife.

CANTO X

I

Cheia de assombro a turba a dama admira
Tornada a si da suspensão pasmosa ;
E da nova visão, que alli sentira,
Prosegue a ouvir-lhe a narração gostosa :
Mais bella que esse sol, que o mundo gyra,
E com côr (disse) de purpurea rosa,
Vi formar-se no céo nuvem serena,
Qual nasce a aurora em madrugada amena.

II

Vi luzeiros de chamma rutilante
Sobre a esphera tecer claro diadema,
Da materia mais pura que o diamante,
Que obra parece de invenção suprema :
Luzia cada estrella tão brilhante,
Que parecia um sol, precioso emblema
De admiravel bellissima pessoa,
Que á roda da cabeça cinge a corôa,

III

De ouro fino os cabellos pareciam,
Que uma aura branda aos ares espalhava,
E uns dos outros talvez se dividiam,
E outra vez um com outro se enredava :
Frechas voando, mais não feriram,
Do que um só delles n'alma penetrava ;
Cabellos tão gentis, que o esposo amado
Se queixa, que de um delles foi chegada.

IV

A fronte bella, candida, espaçosa,
Cheia de celestial serenidade,
Vislumbres dava pela luz formosa
Da immortal soberana claridade :
Vê-se alli mansidão reinar piedosa,
E envolta na modestia a suavidade,
Com graça, a quem a olhava tão serena,
Que excitando prazer, desterra a pena,

V

Dos dous olhos não ha na terra idéa,
Que astros, flores, diamantes escurecem ;
Ou na belleza de mil graças cheia,
Ou nos agrados, que brilhando off'recem :
N'um olhar seu toda alma se encadêa,
E mil votos á roda lhe apparecem,
Dos que a seu culto glorioso alista,
Outorgando o remedio n'uma vista.

VI

Das faces bellas, se na terra houvera
Imagem competente que a pintára,
A's flôres mais gentis da primavera
Pelo encarnado, e branco eu comparára :
Mas flôr não nasce na terrena esphera ;
Não ha estrella no céo tão bella e clara.
Que não seja, se a oppôr-se-lhe se arrisca,
Menos que á luz do sol breve faisca.

VII

Da bocca formosissima pendente
Pasma sm silencio todo o céo, profundo :
Boca, um *Fiat* pronunciou potente,
Com mais effeito, que creasse um mundo :
Odorifero cheiro em todo o ambiente
Do labio se espalhava rubicundo :
Fragancia celestial,que amante e pia,
No filho com mil osculos bebia.

VIII

Todos suspendem em pasmo respeitoso
O amavel formosissimo semblante ;
E mais nelle se ostenta poderoso
O soberano autor do céo brilhante :
Pois quanto tem o Empyro de formoso,
Quanto a angelica luz de rutilante,
Quanto do seraphins o ardente incendio,
De tudo aquelle rosto era um compendio.

IX

Nas brancas mãos, que angelicas se estendem,
Um desmaiado azul nas veias tinto;
Faz parecer aos olhos, quando attendem,
Alabastros com fundos de jacintho :
Ambas com doce abraço ao seio prendem
Formosura maior, que aqui não pinto ;
Porque para pincel me não bastára,
Quanto Deos já creou, quando creára.

X

Mas se não dedigna o verbo santo
Por nosso amor, de um symbolo rasteiro ;
Dentro parece do virgenio manto,
Pascendo em brancos lirios um cordeiro :
Os olhos com suavissimo quebranto
Lhe occupa um doce somno lisongeiro,
A' roda dos seraphins, que o estrondo impedem,
Para o não dispertar silencio pedem.

XI

Aos pés da mãi piedosa superada
Vê-se a antiga serpente insidiosa,
De que a fronte na culpa levantada,
Quebra a planta virginia gloriosa :
E enroscando os mortaes já quebrantada,
Ao céo só da virgem poderosa,
No mais fundo do abysmo se submerge,
E o feral antro do veneno asparge.

XII

Ao ver belleza tanta o pensamento,
Que a linda imagem sorprendia absorto,
Ouve no centro d'alma um doce accento
Que o peito enchia de vital conforto:
E como infunde ás plantas novo alento
O matutino orvalho em fertil horto,
Tal dos doces influxos na abundancia
Dentro d'alma eu senti nova constancia.

XIII

Catharina (me diz) verás ditosa
Outra vez do Brazil a terra amada ;
Faze que a imagem minha gloriosa
Se restitua de vil mão roubada :
E assim dizendo, nuvem luminosa,
Como véo, cobre a face desejada ;
E faz que na memoria firme exista
Entre amor e saudade a doce vista.

XIV

Assim conclue Catharina, enchendo
De duvidoso assombro a companhia :
Que imagem fosse aquella, iam dizendo,
Ou qual delles acaso a roubaria ?
Se a Mãi de Deos mysterios envolvendo,
D'outra cópia int'rior o entenderia ?
Ou queria talvez que em santo trato
Se restitua n'alma o seu retrato.

XV

Mas véla em tanto appareceu boiante
Que junto da Bahia o mar cortava,
Onde em bandeira, que lançou flammante,
O leão das Hespanhas tremolava ;
Vem á falla com salva fulminante ;
E a franca náo, que á terra velejava,
Posto á capa o hespanhol, cortez visita,
E o claro Diogo a visital-o incita.

XVI

E depois que em festivo amigo
O bom Gonzales o hospede festeja,
Excitou-se nos dous claro recordo,
De quem o hispano foi, quem Diogo seja ;
Ambos nos braços, de commum accordo,
Um a outro mil ditas se deseja ;
Reconhecendo o luso o nobre hispanho,
Por um dos companheiros de Arelhano.

XVII

Carlos o grande, o imperador famoso
Grato por mim a saudar-te envia
(Disse a Diogo o hispano generoso,
Soccorrido a outro tempo na Bahia) :
Ouvio o invicto Cesar, gracioso
O teu obsequio á Hespanha monarchia,
E o serviço, que grande considera,
Por mim no seu agrado remunera.

XVIII

E porque possa em caso equivalente
Retribuir-te aquella acção piedosa,
Salva aqui te offereço á infausta gente,
Perdida nessa praia desditosa :
De captiveiro barbaro e inclemente
Vivia na oppressão laboriosa,
Até que destas armas protegida,
Remio na liberdade a infausta vida.

XIX

Garcés então da gente lusitana
O mais distincto, que o discurso ouvia,
Confessa o beneficio á força hispana,
E a historia de seus casos principia :
Depois que a gente abandonaste insana,
Com teu aviso, a lusa monarchia
Gentes aqui mandou, náos poderosas,
Que as nações sujeitassem bellicosas.

XX

Foi Pereira Coutinho o destinado
A fazer da Bahia a grã conquista :
Heróe no indico imperio celebrado,
Em quem nova esperança o luso avista.
Tudo tinha o bom chefe preparado,
Formosas náos ajunta e gente alista,
E á grã população, que meditava
De um sexo e d'outro as gentes convidava.

XXI

E sem demora as praias occupando,
Foi dos Tupinambás, como teu recordo,
As potentes aldêas visitando,
Com amiga alliança em firme accordo,
Do sertão vasto em numeroso bando
Desciam, festejando o nosso abordo,
Os carijós, tapuias e outras gentes,
Por fama do teu nome obedientes.

XXII

Gupeva e Taparica celebrados
Entre os tupinambás, nação que habita
Os campos da Bahia dilatados,
Antes de outros Coutinho solicita :
E por vel-os comtigo emparentados,
Povoar o Reconcavo medita
Da gente, que o teu nome reconhece,
Onde de dia a dia o povo cresce.

XXIII

Todo o fertil terreno utilisando,
Donde riqueza se offerece tanta,
Engenhos vai de assucar fabricando,
Aldêas, casas, machinas levanta :
E as drogas preciosas commutando,
A mandioca, arroz e a canna planta :
Nem duvida que seja em tempo breve
A colonia melhor, que Europa teve.

XXIV

Escolha faz nas tabas numerosas
Dos que acha no trabalho mais activos ;
Mas guarda para emprezas bellicosas
Os que em ferocia reconhece altivos :
A todos com maneiras amorosas
Propõe da fé christã claros motivos :
E a condição notando em cada raça,
Uns doma com terror, outros com graça.

XXV

Sabe que em gente tal nada se colhe,
Depois de endurecer na idade adulta,
Onde na puericia os mais escolhe,
Por dar-lhe em breve a educação mais culta :
Nem dos pais violento algum recolhe ;
Mas do proveito, que de alguns resulta,
Induz a gente barbara que o segue,
Que a próle á educação gostosa entregue.

XXVI

Em cuidadosa escola o temor santo,
Antes das artes a qualquer se ensina ;
Dão-lhe lições de ler, contar, de canto,
E o catecismo da doutrina christã ;
Vendo-os o rude pae, concebe espanto,
E pelo filho a mãi á fé se inclina,
Nem de meio entre nós mais apto se usa,
Que aquella gente barbara reduza.

XXVII

E estes serão, se a idéa não me engana,
Meios á grande empreza necessarios,
Que em breve a gente rude fôra humana,
Com escolas e regios seminarios :
Foge, sem se domar a gente insana,
Se em forças e poder nos vê contrarios ;
Mas educada em tenra mocidade,
Dilataria o reino e a christandade.

XXVIII

Mas no meio das bellas esperanças,
Com que a nova colonia florescia,
Move a serpe infernal desconfianças
Entre os tupinambás e os da Bahia :
Foi a causa infeliz destas mudanças
Um interesse vil de gente impia,
Que os povos offendendo em paz amigos,
Cobriram toda a terra de inimigos.

XXIX

Gupeva foi dos seus abandonado ;
Taparica foi morto ; a lusa gente
Do gentio nos matos rebellado,
Continua perda nas lavouras sente :
Queimada a planta foi, perdido o gado
E cercado o arraial em continente,
Vio Coutinho por barbara violencia
Perdido o seu thesouro e diligencia.

XXX

Na geral afflicção do luso povo
A lugar se recorre mais tranquillo ;
Buscamos nos Ilheos um sitio novo
Contra a turba feroz, seguro asylo :
E já Coutinho se dispõe de novo,
Vendo manso o gentio, a reduzill-o,
Fabricando colonia de mais dura,
Menos fecunda sim, mas mais segura.

XXXI

Mas os Tupinambás, melhor cuidando
Com promessas os nossos convidavam,
Com mil amiga provas protestando
De conversar a paz, que antes guardavam.
Crêo o infeliz Coutinho celebrando
Pactos, que segurança a todos davam ;
E sem temor de mais, voltar queria
Ao Reconcavo antigo da Bahia.

XXXII

E já no mar a frota se equipava,
E cada um de nós na empreza absorto,
Sem temor, ou receio só cuidava
Em fazer ao Reconcavo transporto :
Navegámos o espaço, que distava ;
E tendo á vista o desejado porto,
Com furia o mar aos astros se levanta,
Em cerração do céo, que á vista espanta.

XXXIII

O ar caliginoso, e em nevoa impuro
Tirou-nos toda a vista, e sem destino
Batemos cegos n'um penhasco duro,
Sem termos do lugar noticia, ou tino :
Neste momento horrivel, transe escuro,
Supplicando o favor do céo divino.
Vemos a náo, com horridos fracaços,
Desfazer-se na penha em mil pedaços.

XXXIV

Ficámos, como o entendes, alagados,
Nadando em meio da procella horrenda ;
Uns das ondas se affogam devorados,
Outros na praia em confusão tremenda :
E eis-que os crueis tupis encarniçados
Com frechas se empenháram na contenda:
Por levar-nos da arêa semi-vivos
A' sorte dos seus miseros captivos.

XXXV

Muitos vimos dos barbaros comidos,
Alguns dispostos ao funesto occaso,
Afflictos todos nós e esmorecidos,
E esperando qualquer seu triste praso :
Mas de ti sobre tudo condoidos.
Triste Coutinho, que no acerbo caso,
Depois de triumphar d'Asia assombrada,
Perdeste infelizmente a vida amada.

XXXIII

Tu, que mil vezes no remoto oriente
Levantaste trophéos de gloria onustos ;
A quem cedêra o Malabar potente •
Em armadas e exercitos robustos :
Tu, que foste o terror da Indica gente,
Que da Lisia humilhaste aos reis augustos ;
Lá estava em tanto a tua sorte escripta
De vires a acabar nesta desdita.

XXXII

Mas proseguir não pode suffocado
O bom Garcez em amargoso pranto ;
E condoeu-se Diogo, recordado
De ver-se em outro temqo em caso tanto :
E havendo os naufragantes consolado :
Não sou (diz) insensivel, que sei quanto
Acerbo o caso é, cruel o artigo,
E a piedade aprendi no meu perigo.

XXXVIII

Recebei entre tanto valerosos
Com magnanimo peito a adversidade ;
Conseguireis por transes perigosos
Fazer-vos dignos da immortalidade.
Deixareis monumentos gloriosos
A uma longa e feliz posteridade ;
E ganhando obtereis com tanta gloria
Um nome eterno nos padrões da historia.

XXXIX

Disse o piedoso heróe, reconhecendo
Ao hispano monarcha pelo enviado
O distincto favor, e a mercê tendo
Achar memoria no real agrado :
A' náo depois os socios recolhendo,
No Reconcavo entrava desejado,
Onde a vista formosa da Bahia
Com perspectiva amena apparecia.

XL

A ver na estranha náo, que gente aporte,
Desde o interior sertão turba recresce,
E bem que differente em trage e porte,
Catharina dos seus se reconhece :
Entre applausos recebe a nação forte
O grão Caramurú, como merece,
Mostrando pelo amor e reverencia
No antigo affecto a nova obediencia.

XLI

Carrega em tanto o lenho desejado
A náo de Du-Plessis, que Diogo estuda,
Que seja em toda a terra obsequiado,
Dando-lhe ao talho da madeira ajuda:
Um carijó porém nisto empregado,
Em quanto a carga em toda a náo se muda,
Uma imagem roubou formosa e bella,
Que a náo venera na interior capella.

XLII

Observou-a Diogo na cabana
Tratada dos Tupís com reverencia,
Estimando-a por cousa mais que humana,
Que excedia dos seus a intelligencia :
Sorprendeu-se da imagem soberana
O lusitano heróe : e á competencia
Com elles venerando a Mãe Divina
Chama a vel-a a piedosa Catharina.

XLIII

Poz-lhe os olhos a dama ; e transportada :
Esta é (disse) *é esta a grã senhora,*
Que vi no doce sonho arrebatada,
Mais que o sol pura, mais gentil que a aurora :
Eis-aqui ! esta é a imagem veneranda :
Este era aquelle roubo : entendo agora ;
Oh minha grande sorte ! Oh immensa dita !
Isto me quiz dizer Mãe bemdita.

XLIV

Dizendo assim com ancia fervorosa,
Postrada abraça a imagem veneranda :
Beija, aperta-a, de gosto lacrimosa
Mil saudosos ais ao céo lhe manda :
Aqui vos venho achar, Mãe piedosa,
No meio (disse) desta gente infanda !
Infanda, como eu fui se o vosso lume
Não me emendára o barbaro costume.

XLV

Olha em tanto suspensa a gente bruta ;
E os excessos, que vê, cuidando admira ;
Nem concebe nas vozes que lhe escuta,
Se prazer seja, se de dôr suspira :
Mas como a imagem celestial reputa ;
Quanto á dama piedosa obrando vira,
Qualquer á imitação fazer deseja,
E este a adora, outro a abraça, e aquelle a beija.

XLVI

O lusitano e franco religioso
Veneraram com fé prodigio tanto,
Lembrando-se do sonho portentoso
Com claro indicio do presagio santo :
Em quanto o brutal povo numcroso
Tudo nota em um extase de espanto,
Até que a um templo em pompa veneranda
A pía multidão a imagem manda,

XLVII

Por santa invocação foi acclamada
A Senhora da Graça, e com fé pia
Foi desde aquelle dia venerada
Singular Protectora da Bahia :
Igreja primitiva dedicada
Em meio as trevas dessa gente impia,
Memoravel (se a fama é verdadeira)
Porque em todo o Brazil fôra a primeira.

XLVIII

Ieste festejo a plebe se entretinha,
: eis que uma salva se ouve estrepitosa
)e grande armada, que estendendo vinha
ialhardetes e flammulas lustrosa :
'udo ao rumor da frota se encaminha,
'endo a bandeira tremular famosa,
)ue no brazão das quinas representa
. redempção, que o céo na terra intenta.

XLIX

:ra Thomé de Souza o commandante,
)ue alli governador fôra mandado
om multidão de gentes abundante,
'ara dar forma ao povo começado :
I'um sitio com mil mangues verdejante,
)ue o grão Caramurú tinha habitado,
)a colonia, que ás tabas se assemelha,
) nome nos ficou de Villa-Velha.

L

.lli por principal constituido
'oi dos Tupinambás o claro Diogo ;
)as tabas do sertão reconhecido,
omo dragão do mar, filho do fogo :
atharina por sangue esclarecido
Ierda de seus avós o imperio logo, (1)
onvocando á Bahia nesta idéa
)os seus Tupinambás toda a assembléa.

LI

A' taba de Gupeva já habitada,
Onde hoje é Villa-Velha, a turba corre ;
Das outras tabas toda a gente armada
Com os seus principaes a ouvir concorre :
Toda a cidade em corpo congregada
A' grande casa concorreu da torre :
Paço de Catharina, que na empreza
Presidia aos Tupis, como princeza.

LII

A seu lado Diogo, e Souza armado,
A' Camara preside da Bahia :
O clero santo a Deos tendo invocado,
Ouvio-se dos clarins doce harmonia :
A tropa portugueza occupa um lado,
Todo o outro espaço o barbaro cobria :
E em meio a cada casta alli presente,
Brilha emplumado a principal potente.

LIII

De varões apostolicos um bando
Tem de innocentes o esquadrão disposto,
Que iam na santa fé disciplinando,
Todos assistem com modesto rosto :
O catecismo em cantico entoando,
No idioma Brazilico composto
Do exercito, que Ignacio á igreja alista,
Para emprender a barbara conquista.

LIV.

Sentio da patria o publico proveito
O monarcha piissimo, que impera ;
E estes varões famosos tinha eleito
A instruir o Brazil na fé sincera :
Elles toda a conquista houveram feito,
E o immenso gentio á fé viera,
Se cuidasse fervente o santo zelo. (3)
Sem humano interesse em convertel-o.

LV.

São desta especie os operarios santos,
Que com fadiga dura, intenção recta,
Padecem pela fé trabalhos tantos ;
O Nobrega famoso, o claro Anchieta :
Por meio de perigos e de espantos,
Sem temer do gentio a cruel setta,
Todo o vasto sertão tem penetrado,
E a fé com mil trabalhos propagado.

LVI.

Muitos destes alli, velando pios,
Dentro ás tocas das arvores occultos,
Soffrem riscos, trabalhos, fomes, frios,
Sem recear os barbaros insultos ;
Penetram matos, atravessam rios,
Buscando nos terrenos mais incultos
Com immensa fadiga, e pio ganho
Esse perdido misero rebanho.

LVIII.

Mais de um verás pela companha vasta
Derramar pela fé ditoso sangue ;
Quem morto ás chammas o gentio arrasta,
Quem deixa a setta com o tiro exsangue :
Vel-os-has discorrer de casta em casta,
Onde o rude pagão nas trévas langue ;
E ao céo lucrando as miseraveis almas,
Carregados subir de inclitas palmas.

LVIII.

Com côrte tanta no sublime Paço,
Que a grã Casa da Torre se appellida,
Orando Catharina um breve espaço,
O throno occupa e as attenções convida :
Tinha emplumada à fronte e o forte braço,
Como insignia de imperio conhecida,
Um marraque por sceptro sustentava,
Que toda a turba com respeito olhava.

LIX.

Venturosos paizanos, que o céo ama,
(Disse a dama real) povo disperso,
Que elle ao rebanho seu piedoso chama,
Desde o antigo diluvio em sombra immerso :
Hoje vos quer livrar da Averna chamma,
Vendo arrastar-vos do dragão perverso.
Esse Grão Deos, que de uma cruz sublime
A pena satisfaz e a culpa opprime.

LX

Da antiga Lusitania o rei potente,
Acompanhando o sol no gyro immenso,
Vai rodeando todo o globo ingente,
Desde o aurifero Tago ao China extenso :
Por elle a fé recebe todo o Oriente,
O mouro cede de vapor suspenso,
E Europa admira pelo mar profundo,
Que o seu reino menor subjugue um mundo.

LXI

Deste grande monarcha é tanto o imperio,
Que aonde a propria luz não se encaminha,
Nos limites extremos do hemispherio
O lusitano exercito caminha.
A Africa e Ilhas, o Arabe Cimerio,
Duas vezes passando a immensa linha,
Possue tantos póvos, que a contal-os
São mais que os portuguezes seus vassallos.

LXII

Este rei glorioso foi o eleito
Por providencia da eternal bondade,
A fazer do Brazil um povo acceito,
E digno de a gozar na eternidade :
Pudera desta gente o forte peito,
Tendo n'Asia opulenta immensidade,
Estes nossos sertões trocar incultos
Por nações ricas e terrenos cultos.

LXIII

Pudera com as forças, que aqui manda,
Com pouca utilidade, ou mais que fôra,
Domar o rôxo mar por toda banda,
E o reino todo possuir da aurora.
Mas a piedade faz, com que commanda,
Que antepondo o Brazil a tudo agora,
Mostrae aos homens,que o impulso que o domina
E' propagar ao mundo a fé divina.

LXIV

Generoso pensar! sagrada empreza!
Longe da vã politica de Estado,
Que se a milicia, se o commercio preza.
Não tem da Santa Fé menor cuidado.
Mas o que rege a vasta redondeza,
E a sorte dos imperios tem fixado,
Lá virá tempo em fim que o zelo pague,
E em ouro o Tago do Brazil se alague.

LXV

Um rei, se não me engana occulto instincto,
Quando o Quarto remir as lusas quinas,
Depois do Sexto Affonso, e Pedro extincto,
Abrirá no sertão famosas minas:
Fará de ouro Lisboa D. João Quinto,
Altas disposições do céos divinas!
Pois no tremor e incendio, que a ameaça,
Prepara este subsidio á grã desgraça.

LXVI

Tempo virá, que a dama magestosa
Por soberana a Lisia reconheça,
Epoca illustre, insigne e venturosa,
Em que tenha uma santa por cabeça.
Descerá sobre o reino a paz formosa,
E com a paz fará que a gloria desça;
Atlantes tendo do seu regio Estado,
Quatro sabios e um inclito prelado.

LXVII.

E tu, monarcha justo, do céo vindo,
Venha-te a palma sobre o empyreo tarda,
E pai da patria ao reino presidindo,
Com zelo a antiga fé nos nossos guarda:
Enche o grão nome, as portas reprimindo
Do monstro Averno: que nos fundos arda;
Que deixa Portugal, que na fé medra,
E Christo firma sobre a immovel pedra.

LXVIII.

Esta insigne progenie o céo promette,
Brazil agora rude, aos teus vindouros,
O cóllo humilde em tanto ao rei submette,
E offerece-lhe contente os teus thesouros:
E entre tantas nações, que ao jugo mette
A' sombra Portugal dos verdes louros,
Sem provares da guerra o furor vario,
Chega ao throno a humilhar-te voluntario.

LXIX.

E se princeza me chamais sublime
Dos vossos principaes nascida herdeira,
Se ao grão Caramurú, que o raio imprime.
Jurastes vassallagem verdadeira :
Elle da sujeição tudo hoje exime,
Cedendo ao throno luso a posse inteira ;
E eu do manarcha na real pessoa
Cedo todo o direito e entrego a c'rôa.

LXX.

Dizendo assim a dama generosa,
Desce do throno, e o esplendido diadema
Entrega ao Souza ; e toma magestosa
Um baixo assento com modestia extrema :
Pasma o Tupinambá, vendo a formosa
Nobre Paraguassú de claro Estema,
Que o seu regio marraque ao Souza dando,
Despia a pompa do real commando.

LXXI

Logo o Caramurú na lingua e estylo
Dos naturaes fallando do chefe novo,
Posto tudo em silencio para ouvil-o,
O escudo da Bahia mostra ao povo :
A pomba de Noé, que ao noto asylo
Com ramo de oliveira vem de novo,
Dando a entender a paz, que á crúa gente
Com a fé dispensava o rei clemente.

LXXII

Este é o titulo (disse) verdadeiro,
Com que occupa o Brazil nesta anarchia
O muito alto senhor D. João Terceiro,
A fim que em paz se tenha a turba impia :
Porque ao supremo ser e ente primeiro
Reconheça o sertão, sirva a Bahia ;
E porque propagada a fé se veja
No novo imperio, que conquista á igreja.

LXXIII

Disse Diogo e as quinas tremulando,
Real, Real com voz clama expressiva,
Por D. João monarcha venerando,
Principe do Brazil, que fausto viva.
Responde a turba os vivas replicando,
Com tão alto clamor, que o ouvido priva,
E ao rumor dos canhões, e das cornetas
Correspondem as bellicas trombetas.

LXXIV

Então sentado sobre o solio ingente,
Que já desoccupára a dama bella,
Como governador da lusa gente
Thomé de Souza cortejado della ;
Toma posse legitima e patente
Da Bahia e sertão, e sem querel-a
Do habitante, que os campos desoccupa,
Em nome dos seus reis a terra occupa.

LXVV

Depois ao povo, e illustre magistrado
Por leis do novo imperio manifesta,
Que seja o nome santo venerado,
Que cesse nos sertões a guerra infesta ,
Que o homicidio se veja castigado,
Que o antropofago atroz, que a lei detesta,
Que a embaixada evangelica, que envia,
Se ouça com paz ; que se honre o que se annuncia.

LXXVI

Que o indigena seja alli empregado,
E que á sombra das leis tranquillo esteja ;
Que viva em liberdade conservado,
Sem que opprimido dos colonos seja :
Que ás expensas do rei seja educado
O neophito, que abraça a santa igreja ;
E que na santa empreza ao missionario
Subministre subsidio o regio erario.

LXXVII

Por fim publica do monarcha recto
Em favor de Diogo e Catharina,
Um real honorifico decreto,
Que ao seu merecimento honras destina :
E em recompensa do leal affecto,
Com que a corôa a dama lhe consina,
Manda honrar na colonia lusitana
Diogo Alvares Corrêa de Vianna.

(1) *De seus avós.*— Vê-se ainda hoje o inscripção da sua sepultura, que a intitula *Princeza do Brazil.*

(2) *A Camara.*— Ainda hoje por assento feito em camara se faz na Bahia o anniversario a Catharina Alvares com esta memoria.

(3) *O santo zelo.*— Não referimos esta expressão aos sujeitos, de que se falla, que fôra uma contradicção ; mas vagamente a quem houvesse sido causa de decahirem aquellas missões.

p. 57 estância LXVIII.
de [illegible] do uso [illegible] entre
os índios

102. Os índios brasilienses (sic)
sustentaram seus sacerdócios.
(nota 4)

62 Idílio de Caramuru. Vai
até o final do Canto II e
casta ficção poética

33, nota 13 Anchieta

33 " 14. "O lume natu-
ral ~~limitado~~ da natureza
humana ~~limitado~~ ferida
pela culpa original, não
pode remediar-se senão pela
revelação"